

LAURELL K.  
HAMILTON

# BEIJO DAS SOMBRAS

*Tradução de Nanci Marcelino*





## AGRADECIMENTOS

A Robin Bell por tantas coisas, sendo uma pequena parte delas a investigação celta. A Darla Cook, sem a qual tanto teria ficado por fazer. A Deborah Millitello, que leu este livro e o considerou bom. A todo o meu grupo de escrita, que, devido à falta de tempo, não pôde ler esta versão final: Tom Drennan, Rett MacPherson, Marella Sands, Sharon Shinn e Mark Summer. E a todos da Ballantine e Del Rey, em especial à minha editora, Shelly Shapiro.





## CAPÍTULO 1

**T**rigésimo terceiro andar... tudo o que conseguia ver através das janelas era aquele nevoeiro cerrado de tanta poluição. Até lhe podiam chamar a Cidade dos Anjos se quisessem mas, se realmente os houvesse, estes teriam de voar às cegas.

Los Angeles é o sítio para onde pessoas, com e sem asas, vêm com o intuito de se esconderem. De se esconderem dos outros, de si próprios. Eu viera para me esconder e conseguira-o, porém, olhando agora para aquele ar turvo e sujo, só me apetecia voltar para casa. Para casa, onde o céu era quase sempre azul e onde não tínhamos de regar a relva para que esta crescesse. A casa era em Cahokia, no Illinois, mas eu não podia voltar, a minha família e os seus aliados matar-me-iam se o fizesse. Toda a gente sonha em ser a Princesa das Fadas. Acreditem, é algo a que dão demasiada importância.

Alguém bateu à porta do escritório. Abriram-na antes que eu pudesse dizer algo. Emoldurado pela entrada estava o meu patrão, Jeremy Grey. Era um homem baixo, cinzento, media um metro e meio, dois centímetros a menos do que eu. Era um homem cinzento desde o fato *Armani* escuro até à camisa e gravata de sedas. Apenas os sapatos eram pretos e brilhantes. Até a pele dele era de uma palidez cinzenta homogénea. Não devido a alguma doença ou à idade. Nada disso, ele era um elfo ainda no auge da sua vida, tinha pouco mais de quatrocentos anos. Alguns traços em volta dos olhos e da boca fina faziam-no parecer mais maduro, mas ele nunca envelheceria. Sem a intervenção de sangue mortal e de um poderoso feitiço, Jeremy poderia viver eternamente. Teoricamente. Os cientistas dizem que dentro de cerca de cinco mil milhões de anos o Sol expandir-se-á e absorverá a Terra. Os seres feéricos não sobreviverão. Morrerão. Será que cinco mil milhões de anos são o mesmo que eternamente? Não me parece. Apesar de ser o suficiente para deixar o resto de nós com inveja.

Encostei-me à janela e ao nevoeiro cerrado suspenso por trás de mim. O dia estava tão cinzento quanto o meu patrão, contudo, a cor dele era de

um cinzento frio e ríspido, como as nuvens antes de uma chuva de Primavera. O que estava para além da janela assemelhava-se a algo pesado e denso, como algo que se tentaria engolir mas com o qual se ficaria entalado. Era um dia de engasgar qualquer um, ou talvez fosse só o meu humor.

— Pareces-me triste, Merry — disse Jeremy. — Que se passa? — Fechou a porta, certificando-se de que realmente a fechara. Privacidade, ele pretendia privacidade. Talvez fosse em meu benefício mas, de certa forma, não me pareceu. O seu semblante carregado e a rigidez dos seus ombros magros e de alta-costura demonstravam que hoje eu não era a única de mau-humor. Talvez a culpa fosse do mau tempo, ou da falta dele. Um belo aguaceiro ou até mesmo um vento forte teriam limpado todo aquele *smog*, deixando a cidade respirar novamente.

— São saudades de casa. — respondi. — Que se passa, Jeremy?

Sorriu levemente.

— Não consigo enganar-te, pois não, Merry?

— Não — disse eu.

— Roupa gira! — disse ele.

Ficava logo a saber que estava atraente quando Jeremy elogiava a minha roupa. Ele andava sempre impecável, mesmo de jeans e *T-shirt*, que ele usava somente quando tinha obrigatoriamente de andar disfarçado. Uma vez vi Jeremy fazer um quilómetro e meio em três minutos com uns sapatos *Gucci*, numa perseguição a um suspeito. Como é óbvio, o facto de a destreza e rapidez dele serem sobre-humanas ajudava imenso. Quando eu acho que terei de realmente perseguir alguém, o que é raro, calço umas sapatilhas e deixo os saltos altos em casa.

Jeremy olhava-me agora com aquele olhar que os homens têm quando estão a apreciar a paisagem. Não era nada pessoal; entre os seres feéricos é um insulto quando se ignora alguém que obviamente está a tentar ser atraente: é como um soco no estômago, que nos diz que falhámos. Aparentemente, eu não tinha falhado. Quando acordei e vi todo aquele nevoeiro, vesti-me de uma forma mais viva do que o normal para tentar animar-me. *Blazer* azul-real, trespassado, botões prateados, uma saia plissada azul a condizer, tão curta que estava apenas a um palmo das minhas coxas por baixo do *blazer*. A *toilette* era curta o suficiente para se verem as minhas ligas pretas, caso cruzasse as pernas na posição errada. Uns sapatos de couro envernizado, com um salto de cinco centímetros, ajudavam a exibir as minhas pernas. Quando se é tão baixa quanto eu tem de se recorrer a algo que faça as pernas parecerem mais altas. Na maior parte dos dias os saltos eram de sete centímetros.

No reflexo dos espelhos, o meu cabelo era de um intenso vermelho-escuro. Era uma cor mais vermelha do que o ruivo, tinha madeixas pretas em vez das comuns madeixas castanhas que a maioria dos cabelos ruivos tinha.

Eram como se alguém tivesse tecido rubis vermelho-escuros, transformando-os em cabelo. Era uma cor muito popular este ano. Ruivo-sangue era como lhe chamavam na corte da realeza feérica. Vermelho Fada, Escarlate Sidhe<sup>1</sup>, se fosse a um bom salão de beleza. Na realidade, era a minha cor natural, que tive de esconder até, finalmente, acertarem na tonalidade e a cor se tornar popular este ano. Havia optado pelo preto, visto parecer mais natural do que o vermelho humano no meu tom de pele. Muita gente que pintava o cabelo incorria no erro de achar que o Escarlate Sidhe complementava a coloração natural do cabelo ruivo. Não complementa. É o único e o verdadeiro tom de vermelho que conheço que combina com uma pele pálida, uma pele de brancura pura. É o tipo de cabelo ruivo para alguém que fica sempre bem de preto, vermelho-puro e azuis-reais.

As únicas coisas que ainda tinha a esconder sobre mim eram o verde-vívido, o dourado dos meus olhos e o brilho da minha pele. Para esconder os meus olhos, usava lentes de contacto de um tom castanho-escuro. A minha pele, tinha de a atenuar através do uso de feitiços, magia. Bastava estar constantemente concentrada, como se no fundo da minha mente houvesse sempre música, para nunca baixar as minhas guardas e começar a brilhar. Os humanos não brilham no verdadeiro sentido da palavra, não interessa o quão «brilhantes» sejam. Nada de brilho, e por isso é que eu usava as lentes de contacto, de forma a encobrir os meus olhos. Também lancei um feitiço sobre mim própria, como se fosse um casaco comprido: a ilusão de ser apenas uma humana com alguma descendência feérica e com algumas capacidades mediúnicas que me tornavam uma excelente detective, mas nada demasiado especial.

Jeremy não sabia o que eu era. Ninguém da agência sabia. Eu era um dos membros mais fracos da corte real, e sendo Sidhe significava que pertencia à parte ainda mais fraca da hierarquia. Queria dizer que eu fora bem-sucedida em esconder o meu verdadeiro eu, as minhas capacidades reais, de uma mão-cheia dos maiores feiticeiros e psíquicos da cidade. Talvez até do país. Não fora nenhuma proeza insignificante, mas o tipo de feitiço que eu melhor dominava não impediria que um punhal me atingisse pelas costas ou que um feitiço me destroçasse o coração. Para me proteger de algo semelhante, precisava de capacidades que não possuía, o que era um dos motivos pelos quais me escondia. Eu não seria capaz de lutar contra os Sidhe e sobreviver. O melhor que podia fazer era esconder-me. Eu confiava em Jeremy e nos outros. Eram meus amigos. Só não confiava no que os Sidhe lhes poderiam fazer caso me encontrassem, e se os meus

---

<sup>1</sup> Sidhe, na mitologia irlandesa, é o nome dado a uma raça de seres sobrenaturais comparáveis a fadas ou elfos, que viviam em colinas. (N. da T.)

parentes descobrissem que os meus amigos sabiam do meu segredo. Se eles realmente não soubessem de nada, os Sidhe deixá-los-iam em paz e só me atingiriam a mim. Neste caso a ignorância era a maior riqueza. Apesar de eu achar que alguns dos meus melhores amigos o veriam como uma espécie de traição. Contudo, se as hipóteses eram tê-los vivos, com todas as partes do corpo intactas, mas zangados comigo, ou torturados e assassinados mas de bem comigo, eu escolheria que ficassem chateados comigo. Conseguiria viver com a raiva deles. Mas não tinha a certeza se poderia viver com as suas mortes.

Eu sei, eu sei. Porque não dirigir-me ao Gabinete de Assuntos Humanos e Feéricos e pedir asilo? Provavelmente seria morta assim que os meus familiares me encontrassem, no entanto, se eu tornasse este assunto público e expusesse a nossa roupa suja aos meios de comunicação, aí sim, eles matar-me-iam com toda a certeza. E fá-lo-iam lentamente. Por isso, nada de polícia, nem de embaixadores, só o derradeiro jogo do esconde-esconde.

Sorri para Jeremy e dei-lhe aquilo que eu sabia que ele pretendia: o olhar evidente de agrado quanto ao potencial do seu corpo por baixo do seu fato perfeito. Para os humanos parecia que estávamos a namoriscar, mas para os seres feéricos, qualquer um, não estava sequer próximo de um acto de namoro.

— Obrigada, Jeremy, mas não vieste aqui apenas para elogiar a minha roupa.

Ele aproximou-se e, percorrendo a beira da minha secretária com dedos esteticamente bem tratados, disse:

— Estão duas senhoras no meu escritório. Querem ser nossas clientes.

— Querem ser? — perguntei.

Voltou-se, debruçando-se na secretária de braços cruzados sobre o peito, observando a minha postura no reflexo das janelas, não sei porquê nem se o fazia inconsciente ou propositadamente.

— Normalmente não tratamos de casos de divórcio — disse Jeremy.

Arregalei-lhe os olhos, afastando-me das janelas.

— Palestra do primeiro dia, Jeremy: a Agência de Detectives Grey nunca, jamais, trata de casos de divórcio.

— Eu sei, eu sei — disse ele. Afastou-se da secretária e colocou-se ao meu lado, olhando para o nevoeiro. Não me pareceu mais feliz do que eu.

Encostei-me à janela de forma a ver melhor o seu rosto.

— Porque queres quebrar a tua regra número um, Jeremy?

Ele abanou a cabeça sem olhar para mim.

— Vem conhecê-las, Merry. Eu confio no teu bom senso. Se achares melhor não nos metermos, não nos metemos. Mas acho que vais pensar da mesma forma que eu.

Toquei-lhe no ombro.



— E, além de estares preocupado, como te sentes, chefe? — percorri o seu braço com a minha mão, fazendo-o olhar para mim.

Os olhos dele haviam-se tornado negros como carvão de tanta raiva.

— Vem conhecê-las, Merry. Se depois disso te sentires tão enojada quanto eu, então apanharemos este filho da mãe.

Agarrei-o pelo braço.

— Jeremy, tem calma. É só um caso de divórcio.

— E se eu te dissesse que foi uma tentativa de assassínio? — a voz dele estava calma. Aliás, não correspondeu, de forma alguma, à intensidade do seu olhar, nem à enorme tensão do seu braço.

Afastei-me dele.

— Tentativa de assassínio? De que estás a falar?

— Do feitiço mais repugnante que alguma vez entrou neste escritório.

— O marido está a tentar matá-la? — retorqui em forma de pergunta.

— Alguém está, e a mulher diz que é o marido. A amante concorda com a mulher — pestanejei.

— Estás a dizer que a mulher e a amante estão no teu escritório?

Ele acenou afirmativamente e, mesmo apesar de toda aquela afronta, sorriu.

Devolvi-lhe o sorriso.

— Bem, isso deve ser algo inédito!

Jeremy pegou-me na mão.

— Até pode vir a ser inédito, mesmo se resolvêssemos casos de divórcio! — disse ele. Com o polegar esfregava suavemente os nós dos meus dedos. Estava nervoso, caso contrário não me tocaria tanto. Talvez fosse uma forma de se acalmar, como se eu fosse um bonequinho anti-*stress*. Levou a minha mão até aos seus lábios e depositou um beijo suave nos meus nós dos dedos. Acho que se deve ter apercebido do que estava a fazer, de que o seu nervosismo era visível. Rapidamente me dirigiu um sorriso branco — as melhores coroas que o dinheiro podia comprar — e voltou-se em direcção à porta.

— Primeiro responde-me só a uma coisa, Jeremy!

Compôs o fato, com movimentos lentos, de forma a colocar tudo novamente no respectivo sítio, como se precisasse de o fazer.

— Pergunta!

— Porque estás com medo disto?

O sorriso dele foi-se desvanecendo até o seu rosto adquirir um ar solene.

— Estou com um mau pressentimento em relação a este caso, Merry. Profetizar não é um dos meus dons, mas parece que há aqui algo de errado.

— Então esquece isso. Nós não somos da polícia. Nós trabalhamos nisto em troca de um belo pagamento, não porque jurámos servir e proteger, Jeremy.

— Se conseguires virar-lhes as costas honestamente depois de as conheceres, então recusamos o caso.

— Porque é que o meu voto se tornou, repentinamente, como que um veto presidencial? O nome na porta não é Gentry, é Grey.

— Porque a Teresa é tão compreensiva que era incapaz de dizer «não» fosse a quem fosse. O Roane é um coração de manteiga, que não conseguiria recusar ajudar duas senhoras chorosas — ajustou a gravata cinzenta clara e analisou-a, passando os dedos suavemente sobre o alfinete de diamante. — Os outros são bons para trabalhos duros, mas não se adequam à tomada de decisões. Sendo assim, sobras tu.

Olhei-o directamente nos olhos, tentando entender o que realmente lhe ia na mente, além da raiva, da preocupação.

— Tu não és do tipo de demonstrar empatia, nem tens coração de manteiga e tomas decisões prontamente, por isso, porque não podes tomar mais esta?

— Porque se recusarmos o caso, elas não terão mais ninguém a quem recorrer. Se elas saírem deste escritório sem a nossa ajuda, estão as duas mortas.

Olhei-o fixamente e, finalmente, compreendi.

— Tu sabes que devíamos recusar este trabalho, mas não consegues obrigar-te a julgá-las. Não consegues ser tu a condená-las à morte.

Ele assentiu.

— Sim.

— Se tu não és capaz de o fazer, porque pensas que eu serei?

— Tenho esperança de que um de nós seja sensato o suficiente ao ponto de não ser assim tão estúpido.

— Não vou arriscar que vos matem a todos pelo bem de estranhos, Jeremy, portanto, prepara-te para recusar. — Até a mim a minha voz me soou severa, fria.

Ele voltou a sorrir.

— Eis a minha pequenina cabra de sangue frio.

Abanei a cabeça e dirigi-me à porta.

— É um dos motivos por que me adoras, Jeremy. Contas comigo por eu não hesitar.

Saí para o corredor que ligava os escritórios com a certeza de que diria não a estas senhoras. Certa de que seria a muralha que nos manteria a todos a salvo das boas intenções de Jeremy. Só a Deusa sabe que já errara várias vezes no passado, mas raramente tanto quanto estava prestes a errar.



## CAPÍTULO 2

Não sei porquê, mas tinha achado que conseguiria distinguir a mulher da amante só ao olhar para elas. No entanto, à primeira vista eram apenas duas mulheres atraentes, vestidas de uma forma casual, como duas amigas que haviam saído para ir às compras e almoçar. Uma das mulheres era baixa, apesar de ser uns centímetros mais alta do que Jeremy e do que eu. De cabelo louro cortado mesmo acima dos ombros, ondulação algo desleixada, que demonstrava ser mesmo natural e que nada de especial havia sido feito no cabelo esta manhã. Era bonita num sentido de a-rap-riga-aqui-do-lado, com uns extraordinários olhos azuis, que praticamente preenchiam todo o seu rosto. Tinha umas sobrancelhas arqueadas, grossas e pretas, em harmonia com a fileira de pestanas escuras que emolduravam, de uma forma dramática, aqueles olhos — apesar de o tom escuro das sobrancelhas me fazer reflectir sobre a naturalidade do seu cabelo louro. Mesmo sem usar qualquer maquilhagem, conseguia, ainda assim, ser muito bonita, de uma forma celestial, mas muito natural. Com maquilhagem e uma imagem um pouco mais cuidada, teria deixado qualquer um boquiaberto. Contudo, seria necessário mais do que maquilhagem e roupas mais adequadas.

Estava sentada na cadeira para os clientes, toda encolhida, de ombros curvados como se receasse ser atirada ao chão. Os seus olhos encantadores olhavam-me como os de um veado encandeado pelos faróis de um carro, sem poder parar o que estava a acontecer, e o que estava a acontecer era mau.

A outra mulher era alta, 1,72 m ou mais, esbelta, cabelo comprido castanho-claro, liso e brilhante, suspenso até à cintura. À primeira vista pareceu-me ter vinte e poucos anos. Depois, os nossos olhares encontraram-se e houve uma qualquer intensidade nas suas profundezas castanhas que me fez acrescentar-lhe mais dez. Não era muito frequente encontrar aquele tipo de olhar antes dos trinta. O olhar dela era mais seguro do que o da loura. Havia, porém, uma hesitação em volta dos seus olhos, uma rigidez

nos seus ombros, como se bem dentro dela algo a magoasse. Também aparentava uma fragilidade na estrutura óssea, como se tudo por baixo da pele tivesse tido origem em coisas mais frágeis do que mero osso. Só há uma coisa que pode dar aquele ar delicado a uma pessoa tão alta e imponente: parte dela era Sidhe. Ah, mas não era nada comparável aos meus laços com os Sidhe, esta vinha de algumas gerações passadas. Provavelmente uma tetra-tetra-avó, algures no passado, teve um caso com alguém sobre-humano e acabou com uma criança nos braços. Sangue feérico, seja ele de que tipo for, marca uma família, mas o sangue Sidhe, ao que parece, permanece nos genes para sempre, como se fosse impossível eliminá-lo assim que este é misturado com outro sangue.

Apostava em como a mulher era a loura e a outra a amante. Das duas, a loura parecia ser a mais abatida, o que normalmente acontece quando se tem um marido violento. Podem seduzir e enganar todas as mulheres das suas vidas mas, geralmente, mantêm a melhor ou a pior com quem formar família. O meu avô sempre agira dessa forma.

Entrei sorridente na sala, de mão estendida para as cumprimentar, como se se tratassem de clientes normais. As apresentações foram feitas por Jeremy. A loura baixa era a mulher, Frances Norton, a alta morena era a amante, Naomi Phelps.

O aperto de mão de Naomi era firme, ao tocar-lhe senti a sua mão fria, aqueles ossos extraordinários movendo-se por baixo da pele. Agarrei-lhe na mão um pouco de tempo de mais, desfrutando do prazer do seu toque. Era o contacto mais parecido com outro Sidhe que havia tido nos últimos três anos. Mesmo o toque de qualquer outro ser feérico não é a mesma coisa. Algo corre nas veias da raça real que funciona como uma droga. Quando se experimenta, já não se vive sem ela.

Ela olhou-me confusa, e era um olhar confuso absolutamente humano. Larguei a mão dela e tentei agir como uma humana. Havia dias em que o fazia melhor do que agora, noutros era bem pior. Podia ter-lhe tirado as medidas mentalmente, para verificar se ela tinha mais do que a estrutura óssea a seu favor, mas não era educado tentar ver as capacidades mágicas de outra pessoa assim que a conhecemos. Entre os Sidhe é considerado insultuoso não acreditarmos que a outra pessoa é capaz de se proteger da nossa magia mais casual. Naomi, provavelmente, não se teria sentido ofendida, mas a sua ignorância não era motivo para eu ser indelicada.

Frances Norton esticou-me a mão como se tivesse medo de ser tocada, com o braço parcialmente dobrado, de forma a poder protegê-lo rapidamente contra o seu corpo assim que eu terminasse o cumprimento. Tratei-a com a mesma delicadeza com que tratara a outra mulher, contudo, só de aproximar os meus dedos da pele dela já sentira o feitiço. A linha de

energia que nos rodeia a todos, a aura dela, repeliu a minha pele como se tentasse que eu a não tocasse. Alguém lhe lançara um feitiço, que se entranhou profundamente no seu corpo, inundando-lhe a aura como água suja num copo lavado. De certa forma, esta mulher já não era ela própria. Não estava possuída, mas andava lá perto. Era, certamente, uma violação de várias leis humanas, todas elas crimes.

Forcei a minha mão através daquele turbilhão de energia, agarrando a dela com força. O feitiço tentou, subitamente, trepar pelo meu braço através da minha pele. Não é algo que se veja com os olhos, é como vemos as coisas nos nossos sonhos, por isso conseguia sentir uma ténue sombra que tentava arrastar-se pelo meu braço. Consegui pará-la mesmo abaixo do meu cotovelo e tive de me concentrar em descolá-la do meu braço, como se estivesse a descalçar uma luva. Penetrara as minhas defesas como se estas nem sequer existissem. Não há muitas coisas capazes de o fazer! E nenhuma humana.

Ela olhava-me fixamente, com os olhos muito, muito abertos.

— O que... o que está a fazer?

— Não estou a fazer-lhe nada a si, senhora Norton. — A minha voz soou um pouco deslocada, distante, porque eu estava concentrada em descolar o feitiço de mim para que, quando largasse a mão dela, nem um pedacinho dele ficasse agarrado a mim.

Ela tentou retirar a mão mas não deixei. Então começou a puxá-la, fraca mas furiosamente. A outra mulher ordenou:

— Largue a Frances imediatamente.

Estava quase a conseguir libertar-me, quase pronta a largá-la, quando a outra mulher me agarrou pelo ombro. Senti os cabelos da minha nuca levantarem-se e perdi a concentração na minha mão, porque agora sentia Naomi Phelps. O feitiço voltou a espalhar-se pela minha mão e já ia a meio caminho do meu ombro, quando consegui voltar a concentrar-me o suficiente para o parar. Mas só consegui pará-lo. Não fui capaz de o retirar do meu braço porque estava demasiado atenta à outra mulher.

Nunca se toca em alguém que está a praticar magia, ou a fazer algo psíquico, a não ser que se pretenda que algo aconteça. Só isto já me demonstrou que nenhuma destas mulheres era profissional da área psíquica ou no activo. Ninguém com o mínimo de formação nesta área o teria feito. Podia sentir restos de uma espécie de ritual no corpo de Naomi. Algo complexo. Algo egoísta. A ideia que me veio imediatamente à cabeça foi voracidade. Alguma coisa tinha andado a alimentar-se da sua energia, deixando cicatrizes mentais.

Ela fugiu de mim, levando a mão ao peito. Sentira a minha energia, por isso tinha o dom. O que não era uma grande surpresa. O que era sur-

preendente era a falta de formação, talvez absoluta. Hoje em dia testam as pessoas em infantários com o intuito de verificar se possuem dons psíquicos, talentos místicos, mas havia surgido como um programa novo nos anos sessenta. Naomi tinha sido bem sucedida em não ser descoberta e, agora com mais de trinta anos, ainda não sabia lidar com as suas capacidades. Muitas das pessoas com poderes psíquicos sem formação já são doidas, criminosas ou suicidas ao atingirem os trinta. Ela tinha de ser uma pessoa muito forte para conseguir manter-se senhora de si como parecia acontecer. Contudo, esta mulher forte olhava para mim com os olhos marejados de lágrimas.

— Não viemos cá para ser agredidas.

Jeremy aproximara-se de nós, mas com muito cuidado para não tocar em nenhuma das duas. Ele sabia muito bem o que se estava a passar.

— Ninguém está a agredir-vos, senhora Phelps. O feitiço entranhado na senhora Norton tentou... passar para a minha colega. A senhora Gentry estava apenas a tentar afastá-lo dela, quando a senhora lhe tocou. Nunca se deve tocar em ninguém que esteja a trabalhar com magia, senhora Phelps. Os resultados podem ser imprevisíveis.

A mulher olhou para cada um de nós e as suas feições demonstravam claramente que não acreditava no que dizíamos.

— Anda, Frances. Vamos pôr-nos a andar daqui para fora.

— Não posso — disse Frances em voz baixa e submissa. Ela olhava-me fixamente, com o medo estampado no seu olhar, mas era medo de mim.

Ela sentia a energia que envolvia as nossas mãos, unindo-nos forçosamente, mas pensava que era eu que o estava a fazer.

— Juro-lhe, senhora Norton, não sou eu que estou a provocar isto. A magia que foi usada contra si, seja ela qual for, deve achar-me saborosa. Preciso retirá-la de mim e fazer com que flua novamente para si.

— Quero livrar-me dela! — disse ela com voz alta, ligeiramente contornada de histerismo.

— Se não a tirar do meu corpo, quem quer que lhe tenha feito isto detectar-me-á. Terá a capacidade de me encontrar e saberá que trabalho numa agência de detectives especializada em problemas sobrenaturais, em soluções mágicas — era o nosso *slogan*. — Saberá que aqui veio em busca de ajuda. Não me parece que queira que isso aconteça, senhora Norton.

Uma tremura suave começou nas suas mãos e espalhou-se pelos seus braços, até ela ficar ali a tremer, como se estivesse cheia de frio. Talvez até estivesse, todavia, não era o tipo de frio que se combatia com mais uma camisola. Nenhuma fonte de calor exterior eliminaria o frio que sentia dentro de si. Ela teria de ser aquecida desde o âmago da sua alma ferida até à ponta dos seus dedos. Alguém teria de lhe inculcar poder, energia, um pouco

de cada vez, como se degela um corpo antigo encontrado no gelo. Se se descongelar demasiado rápido provoca-se mais danos do que se o deixássemos como estava. O uso tão delicado do poder necessário estava além das minhas capacidades. Tudo o que poderia ter feito era tentar transmitir-lhe alguma tranquilidade, retirar-lhe um pouco do medo que ela sentia — no entanto, quem quer que lhe tivesse lançado o feitiço também o sentiria. Não seria capaz de me localizar só através disso mas ficaria a saber que ela procurara um profissional, alguém que tivesse tentado ajudá-la ao nível psíquico. Chamemos-lhe um palpite, mas quem lançara o feitiço não iria gostar de saber e poderia até tentar algo precipitado, como acelerar o processo.

Eu conseguia sentir a energia absorvente do feitiço, que tentava derubar as minhas defesas e alimentar-se de mim também. Era como se fosse um cancro mágico, mas tão contagioso quanto a gripe. Quantas pessoas teria ela infectado? Quantas pessoas andariam por aí com este feitiço a sugar-lhes a energia aos poucos? Quem tivesse o mínimo poder psíquico saberia que algo acontecera, só não saberia o quê. Então evitariam Frances Norton porque ela os havia magoado, mas poderiam andar semanas, meses, sem se aperceberem do porquê de tanto cansaço, dos inesperados sentimentos de desespero, da depressão, causados por um feitiço.

Comecei a explicar-lhe o que ia fazer-lhe mas, ao olhar atentamente para os seus enormes olhos, nem me dei ao trabalho. Ela apenas ficaria mais tensa, com mais medo. O melhor que havia a fazer era tornar todo o processo o mais invisível possível para ela. Ia tentar certificar-me de que ela não sentia o feitiço deslizar novamente para dentro dela, mas isso era o melhor que eu podia fazer.

Só por causa daqueles instantes em que se instalara na minha pele, o feitiço tornara-se mais denso, mais preto, mais real. Comecei a descolá-lo do meu braço. Estava agarrado a mim como alcatrão, o que exigiu muito mais concentração para o remover, enrolando-o nele próprio como se fosse um pano grosso. Cada centímetro de pele que acabara de libertar parecia-me mais leve, mais limpo. Era inconcebível sequer imaginar viver completamente enclausurada nesta coisa. Seria como passar a vida inteira com uma escassa fonte de oxigénio e encerrada num quarto escuro, onde a luz nunca entrava.

Já libertara o meu braço, a minha mão, e comecei, lentamente, a afastar os meus dedos da mão dela. Ela manteve-se completamente imóvel, encostada à minha pele, como um coelho escondido no meio da erva, cuja desesperada esperança é a de que a raposa passe por ele sem o ver, porque este estava absolutamente quieto. O que acho que Frances Norton ainda não se apercebera é de que já ia a meio caminho da garganta da raposa com as suas patitas aos pulos no ar.

Quando afastei os meus dedos, o feitiço manteve-se agarrado a eles e depois caiu, novamente, em torno dela, quase emitindo um som audível. Limpei a minha mão ao casaco. Estava livre do feitiço, mas sentia uma necessidade premente de lavar a mão com água a ferver e muito sabonete. Só água normal e sabonete não fariam nada, mas algum sal ou água benta poderia fazer.

Ela desabou na cadeira, escondendo o rosto com as mãos, e de ombros a tremer. Ao início pensei que ela estivesse a chorar sem fazer qualquer ruído. Mas quando Naomi a abraçou, ela ergueu uma face completamente desprovida de lágrimas. Frances estava apenas a tremer, como se já não pudesse chorar, não por não querer, mas porque todas as suas lágrimas lhe haviam sido esgotadas. Ficou ali sentada enquanto a amante do marido a abraçava, a embalava. Estava a tremer de tal maneira que começou a bater os dentes, mas nunca chorou. De certa forma, parecia pior, uma vez que não chorava.

— Dêem-nos licença por uns instantes. Estaremos aqui fora. — disse eu. Olhei para Jeremy e dirigi-me à porta, consciente de que ele me seguiria. Assim que saímos para o corredor ele fechou a porta.

— Desculpa, Merry. Eu apertei-lhe a mão e não me aconteceu nada. O feitiço não reagiu ao meu toque.

Assenti. Eu acreditava nele.

— Talvez eu seja mais saborosa.

Ele atirou-me um sorriso irónico.

— Bem, não o sei por experiência própria, mas quase apostava que sim! Sorri.

— Fisicamente, até pode ser, mas, no que diz respeito à mística, à tua maneira és tão poderoso quanto eu. Meu Senhor e Minha Senhora, és muito melhor feiticeiro do que eu alguma vez serei, no entanto, o feitiço não reagiu a ti!

Ele abanou a cabeça.

— Pois não. Talvez tenhas razão, Merry. Talvez seja demasiado perigoso para ti.

Fiz-lhe cara torta.

— Agora é que ele se torna cauteloso...

Ele olhou-me, esforçando-se para manter uma expressão neutra.

— Porque é que tenho a sensação de que não serás a cabra sem sentimentos de que estava à espera?

Encostei-me à parede mais afastada e observei-o.

— Esta coisa é de tal modo maligna que conseguiremos alguma ajuda da polícia sem qualquer problema.

— Meter a polícia ao barulho não as vai salvar. Não temos provas su-



ficientes de que é o marido. Se não conseguirmos prová-lo em tribunal, ele sairá livre, o que significa que poderá praticar mais magia nelas. Precisamos é que ele fique preso numa cela sob vigilância, onde não possa praticar mais nenhum mal contra elas.

— Elas precisariam de protecção mágica enquanto ele estivesse sob custódia. Não se trata apenas de um trabalho de investigação, trata-se de um trabalho de *babysitting*.

— Uther e Ringo são excelentes amas-secas — disse ele.

— Se calhar...

— Ainda não estás satisfeita. Porquê?

— Devíamos recusar este caso — respondi.

— Mas tu não és capaz de o fazer — retorquiu, agora sorridente.

— Não, não posso fazê-lo. — Havia imensas agências de detectives nos Estados Unidos que se diziam especializadas em casos sobrenaturais. O sobrenatural era um grande negócio, contudo, a maioria das agências fazia publicidade enganosa. Nós não. Nós fazíamos parte de apenas uma mão-cheia de agências que se podia orgulhar de possuir um quadro de funcionários absolutamente composto por mágicos profissionais e com poderes psíquicos. Éramos também os únicos que se podiam vangloriar de que todos os seus colaboradores, à excepção de dois, eram seres feéricos. Não há assim tantos feéricos de raça pura que suportem viver numa cidade grande e populosa. LA era melhor do que Nova Iorque ou Chicago, mas não deixa de ser extenuante estar-se rodeado por tanto metal, tanta tecnologia, tantos humanos. A mim não me incomodava. O meu sangue humano permitia-me tolerar prisões de aço e vidro. Cultural e pessoalmente, preferia o campo, mas não me era imprescindível. Era bom, mas eu não adoecia nem enfraquecia sem ele. Alguns seres feéricos sim.

— Quem me dera conseguir mandá-las embora, Jeremy.

— Também tens um mau pressentimento em relação a este caso, não tens? Acenei.

— Sim. — Mas se eu as mandasse embora, vê-la-ia nos meus sonhos, a tremer, de olhos enxutos. Tanto quanto sabia, elas até podiam voltar para me assombrar depois de quem quer que fosse que as estava a matar terminasse o serviço. Elas poderiam voltar como fantasmas sedentos de justiça e lamentarem o facto de eu lhes ter tirado, conscientemente, a última hipótese que tinham de sobreviver. As pessoas pensam sempre que os fantasmas voltam para assombrar quem os matou, mas não é bem assim. Aparentemente, os fantasmas têm um interessante sentido de justiça e era só o que mais me faltava: ter fantasmas a perseguir-me até arranjar alguém que os exorcizasse. Como se isso fosse sequer possível! Por vezes, os espíritos são bem mais fortes. Quando assim é podemos acabar com uma família fan-

tasma, como uma *banshee* num pranto constante de cada vez que alguém morre. Duvido que qualquer uma destas mulheres tivesse esse tipo de temperamento tão forte, mas se tivessem servir-me-ia como um belo castigo. Foi o meu peso de consciência, porém, que me fez voltar a entrar na sala, não o meu medo da eventual vingança espectral. Há quem diga que os seres feéricos não têm alma, que não possuem qualquer senso de responsabilidade. O que até era verdade para alguns, mas não relativamente a Jeremy, nem a mim. Infelizmente, às vezes. Infelizmente.



## CAPÍTULO 3

Enquanto Frances estava para ali sentada a tremer, quem mais falou foi Naomi Phelps. A nossa secretária trouxe-lhe café e um cobertor. As mãos dela tremiam tanto que entornou café no cobertor, contudo, até o puxou um pouco para baixo. Ela aparentava estar um pouco melhor, ou por causa do calor ou da cafeína.

Jeremy havia chamado Teresa para que esta ouvisse as mulheres. Teresa era a nossa colaboradora com poderes psíquicos. De 1,83 m de elegância, cinco centímetros eram de timidez. Tinha as maçãs do rosto bem definidas, longos e sedosos cabelos pretos e pele do tom de café clarinho. Da primeira vez que a vi, soube imediatamente que ela tinha sangue Sidhe, juntamente com sangue afro-americano e algo de feérico, que nada tinha que ver com a corte real. A última coisa em que reparei nela foi no que lhe conferia as orelhas pontiagudas. Muitos pretendentes a fadas usam implantes de cartilagem, de forma a obterem orelhas pontiagudas. Depois deixam crescer o cabelo até aos tornozelos e fazem de conta que são Sidhe. Só que nenhum Sidhe de raça pura jamais teve orelhas pontiagudas! Isso é um sinal de mistura de raças, tudo menos puro. Mas alguns mitos custam mais a ser esquecidos do que outros. Para a grande maioria das pessoas, para se ser verdadeiramente Sidhe, tinha de se ter orelhas pontiagudas.

Teresa demonstrava a mesma delicadeza de estrutura óssea que Naomi, mas nunca me sentira tentada a segurar-lhe a mão. Ela era das videntes que usam o toque mais poderosas que alguma vez conhecera. Eu gastava sempre uma grande quantidade de energia a evitar que me tocasse com medo que ela ficasse, assim, a conhecer os meus segredos e nos colocasse a todos em perigo. Estava sentada numa cadeira a um canto, com um olhar sombrio, a observar as duas mulheres. Não se oferecera para lhes dar um aperto de mãos. Na verdade, até passara por elas bem afastada, para que não lhes tocasse acidentalmente. O seu rosto não o demonstrara, mas ela sentira o feitiço, o perigo, assim que entrara na sala.

— Não faço ideia de quantas amantes ele terá tido — dizia Naomi —, doze, vinte e tal, centenas — encolheu os ombros. — Do que tenho a certeza absoluta é de que eu sou a mais recente de uma longa lista.

— Senhora Norton! — chamou Jeremy.

Frances elevou os olhos, olhando-o espantada, como se não estivesse à espera que fosse necessária a sua intervenção no relato da história.

— Tem alguma prova da existência de todas estas mulheres?

Ela engoliu em seco e respondeu quase num sussurro:

— Fotos, ele guarda fotos — baixou o olhar para o seu regaço murmurando: — Ele chama-lhes os seus troféus.

Tive de perguntar:

— Ele mostrava-lhe essas fotos, ou foi a senhora que as encontrou?

Ergueu o rosto com um olhar vazio — sem raiva, sem vergonha, apenas vazio.

— Ele mostrava-mas. Ele gosta... ele gosta de me contar o que fez com elas. Em que é que cada uma é boa, melhor do que eu.

Abri e fechei a boca, porque não conseguia pensar em nada confortante que pudesse dizer-lhe. Sentia-me revoltada por ela, mas era Frances Norton que precisava sentir-se furiosa, em nome dela própria. A minha raiva poderia ajudar-nos a resolver o problema imediato, mas não serviria para lhe restaurar as forças. Mesmo que pudéssemos fazer o marido desaparecer do mapa, o mal que ele lhe infligira nunca desapareceria. Frances padecia de muito mais do que apenas um feitiço.

Naomi tentou reconfortá-la tocando-lhe no braço.

— Foi assim que ela me conheceu. Ela vira a minha foto e, depois, um dia cruzámo-nos. Dei com ela a observar-me num restaurante. Ele acordara-a assim que chegara a casa e contara-lhe tudo o que me fizera. — Desta vez foi Naomi que baixou o olhar para o seu regaço, com as mãos completamente esticadas e vazias pousadas nas pernas. — Eu tinha nódoas negras à mostra — ergueu o rosto, olhando-me nos olhos. — Frances foi até à minha mesa. Arregaçou a manga e mostrou-me as nódoas negras dela. Depois só me disse: «Eu sou a mulher dele.» E foi assim que nos conhecemos. — Por fim, sorriu timidamente, o tipo de sorriso que se dá quando se termina de contar como se conheceu o amor da nossa vida. Uma história terna de relações interpessoais.

Olhei-a com um rosto inexpressivo, mas perguntava-me se a ligação delas estava apenas relacionada com o marido e os abusos por ele infligidos. Se elas tivessem uma relação amorosa, a cura poderia ser realizada de outra forma. No que diz respeito ao misticismo, os sentimentos têm sempre de ser tidos em consideração. Visto que o amor e o ódio emanam energias diferentes, trabalha-se com eles de forma diferente. Teríamos de saber exactamente que tipo de ligação elas tinham antes de podermos dar início a um

sério processo de cura, mas não hoje. Hoje apenas ouviríamos tudo o que elas nos queriam contar.

— Foi muito corajosa — disse Teresa. A sua voz, como tudo nela, era, de certo modo, suave e feminina, com uma força subjacente, como aço disfarçado por seda. Apesar de ela nunca ter viajado para além do Sul do México, sempre achei que ela teria sido uma excelente *Southern Belle*<sup>2</sup>.

Frances olhou repentinamente para ela, novamente para o seu regaço, depois para cima e mexeu os lábios. Era quase um sorriso. Aquele pequeno movimento fez-me sentir melhor em relação àquela mulher. Se ela conseguisse voltar a sorrir, conseguisse sentir orgulho na força que demonstrara, então, talvez com o tempo, ela voltasse ao normal.

Naomi apertou-lhe o braço e dirigiu-lhe um sorriso de orgulho e afecto. Voltei a ter a impressão de que elas eram, de facto, muito chegadas.

— Foi a minha salvação. A partir do momento em que conheci a Frances comecei a tentar acabar tudo com ele. Não sei como deixei que ele me magoasse. Eu não sou assim. Nunca, jamais, deixei que algum homem me maltratasse. — O seu rosto transparecia a vergonha que sentia, como se achasse que deveria ter sido o seu dever salvar-se.

Frances colocou a mão sobre a mão da outra mulher, dando e recebendo também algum consolo.

Naomi sorriu-lhe e depois olhou-nos com um ar confuso.

— Ele é como uma droga. Assim que nos toca, precisamos incessantemente do seu toque. Mas não só o dele. É como se ele nos acordasse sexualmente, até que o nosso corpo sofra com a falta de toque — voltou a baixar o olhar. — Nunca me tinha sentido tão consciente da atracção sexual por outras pessoas. Ao início era embaraçoso e excitante. Depois ele começou a magoar-me. Primeiro foram só coisas quase insignificantes, amarrava-me, depois... espancava-me. — Obrigou-se a erguer o olhar, obrigou-se a olhar-nos nos olhos. Com tamanha raiva, como se nos desafiasse a pensar o pior sobre ela. Seguidamente veio um momento de grande força. Como é que este homem a conseguiu domar?

— Ele tornava a dor parte do prazer, só que depois começou a fazer coisas piores. Coisas que só magoavam. Tentei que ele parasse com as coisas perversas e foi então que ele começou a espancar-me a sério, sem fingir que fazia parte do acto sexual — os seus lábios tremiam, de olhos ainda desafiantes. — Mas bater-me excitava-o mesmo. E também gostava do facto de não me excitar e de me assustar.

---

<sup>2</sup> *Southern Belle* (*belle* deriva do termo francês «bonita») era o protótipo de uma mulher jovem e requintada, pertencente às classes altas do Sul da América, no período antecedente à Guerra Civil Americana. (N. da T.)

— Fetiche de violação — disse eu.

Ela assentiu, enquanto lutava por não deixar cair as lágrimas cintilantes que inundavam os seus grandes olhos. Manteve-se muito quieta, tentando reter tudo dentro de si.

— Afinal não era apenas fetiche.

— Ele gosta de o fazer à força — isto dito pela mulher dele.

Olhei para ambas e tive de lutar contra o impulso de abanar a cabeça. Eu vivera dos meus dezasseis aos trinta anos na corte Unseelie, os anos do meu despertar sexual, por isso sabia muito bem o que era misturar prazer com dor. Contudo, a dor era partilhada e nunca era infligida sem o consentimento do outro. Se a outra pessoa não visse a dor como prazer, então não era sexo. Era tortura. Existe uma enorme diferença entre dor e um pouco de sexo selvático. Apesar de não haver qualquer diferença para um sádico. Os mais extremos são incapazes de praticar sexo sem violência ou, pelo menos, sem o terror da sua vítima. No entanto, a maioria dos sádicos é capaz de praticar relações ditas mais normais. Podem usar essa capacidade para nos enganar, mas, na realidade, não conseguem manter uma relação normal. No fim de contas, aquilo que mais desejam acaba por sobressair e eles têm de o obter.

Como é que eu era uma perita nesta área? Tal como já referi, passei os anos do meu despertar sexual na corte Unseelie. Não me entendam mal! A corte Seelie tem a sua própria quantidade de actividades invulgares, apesar de partilhar o ponto de vista mais humano acerca do domínio e da submissão. Já a corte Unseelie vê estas práticas com melhores olhos ou, pelo menos, é mais aberta a este tipo de coisas. Também se poderá dever ao facto de a rainha do Ar e da Escuridão, minha tia, soberana desta corte dos últimos mil anos, gostar muito de dominar e está bem perto de ser uma sádica. Ela formou a corte à sua imagem, tal como o meu tio, o rei da Luz e da Ilusão, formou a corte Seelie à sua própria imagem. O extraordinário é que é muito mais fácil urdir intrigas e mentir na corte Seelie. Lá dão muita importância à ilusão. Se tudo aparenta estar bem exteriormente, então é porque está mesmo tudo bem. Na maioria das vezes, a corte Unseelie é mais honesta.

Teresa disse:

— Naomi, esta foi a primeira vez que teve uma relação violenta?

A mulher acenou afirmativamente.

— Continuo sem entender como pude deixar que chegasse a um ponto tão grave.

Olhei para Teresa e ela assentiu muito discretamente, o que queria dizer que ela ouvira a resposta e que a mulher estava a dizer a verdade. Como já mencionei, Teresa é uma das pessoas com poderes psíquicos mais poderosas do país. Não é só com as suas mãos que se tem de ter cuidado. Ela

consegue distinguir se se está a mentir ou não a maior parte das vezes. Há três anos que trabalho com ela e que tenho de ser extremamente cuidadosa quando estou perto dela.

— Como é que o conheceu? — perguntei. Não referi o nome dele nem disse «senhor Norton», uma vez que ambas as mulheres haviam tentado tratá-lo sempre por «ele», como se não existisse mais nenhum homem no mundo e como se se soubesse de quem estavam a falar. Nós sabíamos.

— Respondi a um anúncio de jornal.

— O que dizia o anúncio? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— O normal, excepto na parte final. No final do anúncio ele dizia que procurava uma relação mágica. Não sei o que o anúncio tinha de especial que, depois de o ler, tive de o conhecer!

— Um feitiço compulsivo. — afirmou Jeremy.

Ela olhou para ele.

— O quê?

— Se se for suficientemente poderoso, é possível colocar um feitiço num anúncio, de forma a que este nos traga aquilo que realmente pretendemos e não aquilo que é directamente transmitido no anúncio. Foi o que fiz no anúncio a que a senhora Gentry respondeu. Só pessoas com capacidades mágicas teriam reparado no feitiço colocado no anúncio, e apenas pessoas com dons extraordinários teriam a capacidade de ler para além daquilo que se via a olho nu e ler o verdadeiro anúncio. O verdadeiro anúncio referia um número de telefone diferente do anúncio do jornal. Eu sabia que quem ligasse para esse número estaria à altura do trabalho.

— Não sabia que se podia fazer isso num jornal! — disse Naomi. — Quer dizer, é algo impresso, ele não poderia ter tocado em todos os jornais! — Só por saber que não tocar fisicamente no papel implica que seja muito mais difícil lançar o feitiço, demonstrou que Naomi sabia mais de teoria da magia do que eu pensara. Mas ela tinha razão.

— Tem de se ser poderoso o suficiente para que o anúncio, ao ser lido, transmita o feitiço. É algo extremamente difícil de fazer, e só o facto de sabermos que ele foi bem sucedido nesse feito permite-nos saber o tipo de habilidades que teremos de enfrentar.

— Então, isso quer dizer que o anúncio me levou até ele? — perguntou ela.

— Talvez não especificamente a senhora — explicou Jeremy —, mas havia algo em si que era exactamente aquilo que ele queria ou precisava.

— A maior parte das mulheres parece seres feéricos — disse Frances. Olhámos todos para ela. Ela pestanejou.

— Orelhas pontiagudas. Uma das mulheres tinha olhos de gato, ver-

des, que pareciam reluzir para fora das fotografias. Mulheres com a pele de cores que nenhum humano tem, como verde, azul. Havia três que tinham mais... membros do que um humano, mas não eram deformações, eram como se fosse o aspecto normal delas.

Eu estava boquiaberta. Estava impressionada com a forma como ela reparara em tudo aquilo e ainda se recordava. Se conseguíssemos salvá-la, levá-la para bem longe dele, ela sobreviveria.

— O que é que ele disse sobre a Naomi?

— Que ela era parcialmente Sidhe. Quando as mulheres eram parcialmente Sidhe, deixavam-no extasiado. Ele chamava-lhes as suas putas Sidhe.

— Mas porquê as mulheres Sidhe? — perguntou Jeremy.

— Ele nunca me disse — respondeu Frances.

— Acho que tinha alguma coisa a ver com o ritual — disse Naomi.

Voltámo-nos todos para ela. Jeremy e eu perguntámos em uníssono:

— Que ritual?

— Na primeira noite, levou-me para o apartamento que ele arrendou. As paredes do quarto são espelhadas e tem uma cama redonda enorme. O chão era de uma madeira muito bonita e brilhante, com um tapete persa debaixo da cama. Tudo parecia brilhar. Senti algo quando subi para a cama, como se tivesse atravessado um fantasma. Naquela primeira noite não me apercebi do que seria, mas houve uma noite em que tropecei na tapete e, por baixo, havia umas gravações, na madeira, de um círculo duplo com símbolos numa faixa em volta do círculo. Apercebi-me que a cama era o centro do círculo. Não reconheci os símbolos, mas sei o suficiente para perceber que era um círculo de poder, um sítio onde praticar magia.

— Alguma vez fez alguma coisa na cama que parecesse um ritual mágico? — perguntei.

— Nada que eu reconhecesse. Só fazíamos sexo, muito sexo!

— Não havia nada que fosse igual todas as vezes? — perguntou Jeremy. Ela abanou a cabeça.

— Não.

— Faziam sexo sempre nesse apartamento? — perguntou Jeremy.

— Não, por vezes encontrávamo-nos num hotel.

Isso surpreendeu-me.

— Há alguma coisa que ele faça no apartamento, dentro do círculo, que não faça em mais sítio nenhum?

Ela corou tanto que ficou vermelha.

— É o único sítio onde ele leva outros homens.

— Outros homens com quem tem relações? — perguntei.

Ela abanou a cabeça.



— Não, têm comigo. — Olhou para nós como se aguardasse uma exclamação de horror, ou talvez que a considerássemos uma puta. Seja o que for que ela viu, acalmou-a. Todos estávamos preparados para apresentar expressões faciais neutras, quando necessário. Além disso, depois de saber que ele mostrava as fotografias das amantes à mulher e lhe contava os pormenores, uma orgia parecia algo bem mais inofensivo! Isso era uma novidade. As orgias já por aí andavam há muito mais tempo do que as polaróide.

— Eram sempre os mesmos homens? — perguntou Jeremy.

Ela abanou a cabeça.

— Não, mas conheciam-se sempre uns aos outros. Tipo, não era como se ele levasse estranhos que encontrava na rua. — Parecia defender-se, como se isso tivesse sido bem pior e o que realmente tinha acontecido até nem era tão mau quanto isso.

— Houve algum repetente? — perguntou Jeremy.

— Houve três homens que vi mais do que uma vez.

— Sabe os nomes deles?

— Só os nomes próprios. Liam, Donald e Brendan.

Ela parecia bastante certa acerca dos nomes.

— Quantas vezes viu esses três homens?

Evitou o nosso olhar.

— Não sei. Muitas vezes.

— Cinco vezes — perguntou Jeremy — , seis, vinte e seis?

Ela ergueu o olhar, chocada.

— Vinte vezes não, tantas não!

— Então quantas? — perguntou ele.

— Talvez oito, talvez dez, mas nunca mais do que isso. — Parecia importante para ela que não tivesse sido mais de dez vezes. Seria esse o limite que quebrava a magia? Será que dez vezes a tornava pior do que apenas oito?

— E o grupo de sexo, quantas vezes se reunia?

Voltou a corar.

— Porque precisam saber?

— Foi a senhora que lhe chamou ritual, não fomos nós! — disse Jeremy. — Até agora nada me pareceu ritual, contudo, há números que têm uma certa importância mística. O número de homens dentro do círculo. O número de vezes que esteve dentro do círculo com mais do que um homem. Garanto-lhe, senhora Phelps, que não é assim que obtenho prazer.

Ela voltou a baixar o olhar.

— Não quis dizer...

— Quis, sim! — disse Jeremy. — Mas compreendo, porque desconfiaria de qualquer homem, humano ou não. — Vi a ideia passear-lhe pela mente. — Os homens eram todos humanos?

— Tanto o Donald como o Liam tinham orelhas pontiagudas, mas, além desses, todos aparentavam ser humanos.

— O Donald e o Liam eram circuncidados? — perguntei.

A voz dela foi projectada numa fúria precipitada, com o rosto novamente num tremendo rubor.

— Para que precisa saber isso?

— Porque um verdadeiro ser feérico teria centenas de anos e, além disso, nunca ouvi falar de judeus feéricos, portanto, se eles eram seres feéricos não poderiam ser circuncidados.

Ela olhou-me nos olhos.

— Ah — disse ela, e depois reflectiu acerca da pergunta. — O Liam era, mas o Donald não.

— Como era o Donald?

— Alto, musculado, como um halterofilista, cabelo louro pela cintura.

— Era bonito? — perguntei.

Também teve de reflectir acerca dessa.

— Era atraente, não era bonito, era atraente.

— De que cor eram os olhos dele?

— Não me lembro.

Se os olhos dele tivessem tido mais do que uma das muitas cores de olhos que os seres feéricos são capazes de apresentar, ela ter-se-ia lembrado. Tirando as orelhas pontiagudas, ele podia ter sido qualquer um dos homens que havia pertencido à corte Seelie. Na corte Unseelie só havia três homens louros e nenhum dos meus tios era halterofilista. Eles tinham de ter cuidados redobrados com as mãos, com medo de rasgarem as luvas cirúrgicas que usavam constantemente. As luvas impediam que o veneno, naturalmente produzido pelas suas mãos, entrasse em contacto com alguém. Eles nasceram amaldiçoados.

— Reconheceria esse Donald se voltasse a vê-lo?

— Sim.

— Havia alguma característica que fosse comum a todos os homens?

— perguntou Jeremy.

— Todos tinham cabelo comprido como ele, até aos ombros ou mais compridos.

Cabelo comprido, possíveis implantes de cartilagem nas orelhas, nomes Celtas — a mim soava-me a pretendentes a seres feéricos, contudo, nunca se deve menosprezar a capacidade que as pessoas têm de perverter um ideal.

— Bem, senhora Phelps — disse Jeremy —, e tatuagens, símbolos desenhados nos corpos deles, uma jóia que todos usassem?

— Nada de nenhum.

— Só se encontravam à noite?  
— Não, umas vezes à tarde, outras vezes à noite.  
— Em nenhuma altura especial do mês, perto de um feriado? — perguntou Jeremy.  
Ela franziu-lhe o sobrolho.  
— Comecei a vê-lo há pouco mais de dois meses. Não tem havido nenhuns feriados, mas não nos encontramos em nenhuma ocasião especial.  
— Teve relações sexuais com ele, ou com os outros, um determinado número de vezes por semana?  
Teve de pensar um pouco acerca da pergunta, mas acabou por abanar a cabeça.  
— Variava.  
— Eles entoavam algum tipo de reza ou cantavam? — perguntou Jeremy.  
— Não — respondeu ela.  
Não me parecia mesmo nada um ritual.  
— Porque usou o termo ritual, senhora Phelps? Porque não disse simplesmente feitiço?  
— Não sei.  
— Sabe pois! — disse eu. — A senhora não é uma profissional. Penso que não usaria a palavra ritual se não tivesse um motivo para tal. Pense um pouco. Porquê essa palavra?  
Ela reflectiu um pouco, fixando o espaço envolvente, nada vendo, com minúsculas rugas entre as sobrancelhas. Pestanejou e olhou para mim.  
— Houve uma noite em que o ouvi falar ao telefone — ela baixou o olhar, depois ergueu-o, novamente com ar desafiador, porque sabia que não gostava do que estava prestes a dizer.  
— Ele tinha-me amarrado à cama, mas deixou a porta do quarto um bocadinho aberta. Eu conseguia ouvi-lo a falar. Ele disse: «Hoje à noite o ritual vai ser bom», depois começou a falar demasiado baixo e já não consegui ouvir, até que o ouvi dizer: «As inexperientes desistem tão facilmente.» — Ela olhou para mim. — Eu já não era virgem quando o conheci. Eu era... experiente. Antes dele, achava que era boa na cama.  
— E o que a faz pensar que afinal não é? — perguntei.  
— Ele disse-me que eu não era boa o suficiente para o satisfazer sexualmente, que precisava apimentar o sexo com alguma violência, para não se aborrecer. — Apesar de ter tentado manter-se provocadora, não o consegui. Os seus olhos transpareciam a mágoa.  
— Estava apaixonada por ele? — Tentei fazer a pergunta da forma mais delicada possível.  
— Que diferença faz isso agora?  
Frances pegou-lhe na mão, segurando-a no seu colo.

— Não te preocupes, Naomi. Eles vão ajudar-nos.

— Não percebo o que é que o amor tem a ver com tudo isto! — retorquiu ela.

— Se o ama, será muito mais complicado libertá-la da influência dele, é só isso — respondi.

Ela não pareceu reparar que eu havia trocado o tempo verbal de «estava apaixonada» para «ama». Ela respondeu à pergunta.

— Eu achava que o amava.

— Ainda o ama? — detestava ter de perguntar, mas precisávamos saber.

Ela agarrou a mão pequena da outra mulher com as suas, com tanta força que os nós dos dedos começavam a ficar brancos. As lágrimas finalmente escorreram-lhe pelas faces.

— Eu não o amo, mas... — teve de respirar fundo várias vezes antes de conseguir acabar — mas costumo vê-lo e ele pede para fazermos sexo, e eu não consigo dizer não. Mesmo quando é horrível e ele me magoa, o sexo em si continua a ser melhor do que qualquer outra coisa que já sentira antes. Pelo telefone consigo dizer não, mas se ele aparece, eu consinto... Quer dizer, eu luto quando ele está a bater-me, mas se for durante o sexo... tudo fica muito confuso.

Frances levantou-se, colocou-se por trás da cadeira da outra e, esticando o cobertor sobre ambas, abraçou-a por trás. Ela emitia sons tranquilizadores, beijando-lhe o topo da cabeça como se faria a uma criança.

— Tem estado a esconder-se dele? — perguntei.

Ela acenou afirmativamente.

— Sim, mas a Frances... ele consegue encontrá-la onde quer que ela esteja.

— Ele segue o feitiço — disse eu.

Ambas assentiram como se elas próprias tivessem chegado a essa conclusão.

— Mas eu escondi-me dele. Eu saí do meu apartamento.

— Surpreende-me que ele não a tenha procurado! — exclamei.

— O edifício está sob protecção — respondeu.

Arregalei os olhos ao ouvir isto. Para que o prédio estivesse sob protecção, não só um apartamento, mas o prédio inteiro, significava que os feitiços protectores teriam de ter sido lançados nos alicerces do edifício. As protecções tinham de ser introduzidas juntamente com o betão, fixadas nos seus devidos sítios com as vigas de aço. Seria necessário um *coven* de bruxas, ou vários. Nenhum profissional conseguiria fazê-lo sozinho. Não era um processo barato. Só os arranha-céus ou casas mais caros poderiam vangloriar-se de os ter.

— Qual é a sua profissão, senhora Phelps? — perguntou Jeremy por-

que, tal como eu, não estava à espera que elas estivessem à altura de suportar os nossos honorários. Como tínhamos dinheiro suficiente na conta da agência e nas nossas privadas, podíamos efectuar trabalhos de caridade de tempos a tempos. Não o tornámos um hábito, porém, há alguns casos que não se resolvem por dinheiro mas porque, simplesmente, não conseguimos dizer não. Ambos achámos que este seria um deles.

— Eu tenho um fundo fiduciário que venceu no ano passado. Agora já tenho acesso a todo esse dinheiro. Acredite, senhor Grey, posso pagar os vossos honorários.

— É muito bom sabê-lo, senhora Phelps, mas, muito sinceramente, não estava preocupado com isso. Não conte a ninguém, mas se alguém estiver com problemas graves, não recusamos tratar do caso só porque a pessoa não tem como nos pagar.

— Ela corou.

— Não quis com isto insinuar que vocês... Peço desculpa. — E mordeu o lábio.

— A intenção da Naomi não era insultar-vos — justificou Frances. — Ela sempre foi rica durante toda a sua vida e já muita gente tentou tirar proveito disso.

— Sem problema — disse Jeremy. Apesar de eu saber que, provavelmente, ele se sentira um pouco ofendido. Mas ele era um homem de negócios muito profissional. Quando se aceita um trabalho não se fica aborrecido com o cliente. Ou, pelo menos, só se fica se o cliente fizer algo de facto terrível.

Teresa perguntou:

— Alguma vez ele tentou extorquir-lhe dinheiro?

Naomi olhou para ela e podia ver-se claramente a surpresa estampada no seu rosto.

— Não, não.

— Ele sabe que o tem? — perguntei.

— Sim, ele sabia, mas ele nunca me deixou pagar nada. Ele dizia, que nesse aspecto, era antiquado. Ele não se preocupava nada com dinheiro. Foi uma das coisas de que mais gostei nele ao início.

— Então não é dinheiro que ele pretende — disse eu.

— Ele não tem qualquer interesse por dinheiro — replicou Frances.

Olhei-a naqueles grandes olhos azuis e agora já não me pareciam assustados. Ela continuava por trás de Naomi, a consolá-la, o que parecia dar-lhe alguma força.

— Porque é que ele se interessa? — perguntei.

— Poder — respondeu.

Acenei. Ela tinha razão. O uso de violência está sempre relacionado com o poder, de uma forma ou de outra.

— Acho que ele não se estava a referir ao desempenho sexual quando disse que as inexperientes desistem sempre muito facilmente.

Naomi segurava as mãos de Frances, pressionando-as contra os seus ombros.

— Então o que é que ele quis dizer?

— A senhora é inexperiente nas artes místicas.

Ela olhou-me com má cara.

— Então de que é que eu desisti tão facilmente, se não tinha nada a ver com o sexo?

Frances respondeu:

— Poder.

— Exactamente, senhora Norton, do poder.

Naomi olhou-nos a todos com um ar duvidoso.

— O que querem dizer com poder? Eu não tenho nenhum poder.

— A sua magia, senhora Phelps. Ele tem andado a retirar-lhe a sua magia.

A sua expressão era de cada vez maior assombro, de boca aberta num pequeno «ó» de espanto.

— Eu não sei nada de magia. De vez em quando tenho uma espécie de pressentimentos acerca de certas coisas, mas isso não é magia!

É óbvio que este era o motivo pelo qual ele fora capaz de o fazer. Pergunto-me se todas as mulheres eram místicas sem formação. Se eram, teríamos graves problemas em conseguir penetrar no seu pequeno mundo. Mas se todas tinham de ser apenas parcialmente feéricas e com capacidades mágicas... bem, eu já servira de isca anteriormente.



## CAPÍTULO 4

Três dias depois estava eu de pé no meio do escritório de Jeremy, praticamente nua, usando apenas um soutien *push-up* de renda preta, cuecas a condizer e ligas pretas. Um homem, que nunca vira em toda a minha vida, puxava-me a parte da frente do *soutien* para baixo. Normalmente tenho de planear dormir com um homem antes de o deixar acariciar-me o peito, mas não era nada pessoal, apenas negócios. Maury Klein era um perito de som e estava a tentar encaixar um fio minúsculo, com um microfone minúsculo, por baixo do meu seio direito, no sítio do aro do *soutien*, para impedir que Alistair Norton o sentisse caso passasse as mãos pelas minhas costelas, ou pelo meu peito. Já estava a mexer e remexer na escuta há cerca de trinta minutos, quinze dos quais passara-os à procura do melhor sítio onde esconder a escuta no meu decote.

Estava ajoelhado à minha frente, a trincar a ponta da língua, olhos por detrás dos óculos de armação de aço, observando fixamente as suas mãos, uma delas completamente submersa, já quase fora de vista, dentro do *soutien*, a outra afastando o *soutien* do meu peito de forma a poder trabalhar melhor. Ao puxar o *soutien*, expusera o meu mamilo, e quase todo o resto do meu seio direito, a toda a sala.

Se Maury não estivesse tão obviamente abstraído, quer do meu charme quer dos nossos espectadores, tê-lo-ia acusado de estar a demorar tanto tempo por estar a adorar; todavia, ele tinha aquele olhar interior de quem não se está a aperceber minimamente daquilo que está a fazer, à excepção do seu trabalho. Entendi o porquê de ele já ter recebido reclamações da parte de agentes secretas anteriormente. As reclamações tinham que ver com o facto de ele insistir em não fazer este tipo de trabalho em privado. Ele queria certificar-se de que haveria testemunhas para o facto de não ter ultrapassado qualquer limite. Embora, muito francamente, se eu tivesse tido alguma testemunha humana, todas estariam do meu lado. Ele já tinha tocado, levantado e manejado de várias formas o meu peito, como se este

não estivesse ligado a ninguém. O que ele estava para ali a fazer era algo de muito íntimo, mas ele não o fazia com essa intenção. Ele era o cromo evidente ou talvez o professor distraído. Vivia apenas para um único amor: os seus microfones e câmaras escondidos. Em Los Angeles, se se quisesse o melhor, tinha de contratar-se Maury Klein. Ele também tratava dos sistemas de segurança das estrelas de Hollywood, mas aquilo de que mais gostava era das missões secretas. De arranjar material cada vez mais pequeno, cada vez melhor escondido.

Houve uma altura em que ele até sugeriu que a escuta ficaria mais bem escondida dentro do meu corpo. Não sou tímida, mas rejeitei a ideia. Nessa altura, Maury abanara a cabeça e murmurara: «Não sei como seria a qualidade do som, mas quem me dera que alguém me deixasse experimentar.» Ele até tinha um assistente, ou melhor um «empregado», e provavelmente diplomata de emergência.

Chris — se tinha um sobrenome, nunca o tinha ouvido — tinha advertido Maury para que não fosse tão brusco ou indelicado. Quase pairou sobre mim até eu o certificar de que estava bem. Agora estava ao lado de Maury, tal qual um enfermeiro cirúrgico pronto a passar-lhe todo o tipo de equipamento esotérico de que ele precisasse.

Jeremy assistia ao espectáculo sentado por trás da sua secretária, de dedos adornados e um sorriso divertido no rosto. Assim que despi o vestido, demonstrara aquele prazer educado através do olhar, mas depois disso só conseguia tentar conter o riso perante a completa falta de excitação de Maury Klein. Jeremy elogiara-me quanto ao fabuloso contraste obtido pela brancura perfeita da minha pele e do preto da lingerie. Deve dizer-se sempre algo agradável quando se vê alguém num estado de nudez pela primeira vez.

Roane Finn estava sentado a um canto da secretária de Jeremy, balançando os pés num movimento suave e inconsciente, como se, também ele, estivesse a gostar do espectáculo. Ele não tinha de me elogiar. Já me vira nua na noite anterior e em muitas outras noites antes dessa. Nele, os seus olhos são a primeira coisa em que se repara: enormes e castanhas esferas líquidas que dominam o seu rosto, tal como a Lua domina o céu nocturno. Depois, tanto se pode reparar ou não no seu cabelo de um tom ruivo escuro, na forma como se cola à cara dele e como desliza por trás do colarinho, ou nos seus lábios, que formam um beicinho vermelho perfeitamente arqueado. Pensar-se-ia que usara batom para obter lábios desta cor, mas não. É absolutamente natural. A sua pele parece branca, mas não o é bem, não é um branco puro. É como se alguém tivesse pegado na cor da minha pele e lhe tivesse adicionado uma gotinha do vermelho acastanhado do cabelo dele. A sua pele parece mais escura quando usa roupa castanha ou outros tons outonais.



Ele era exactamente da mesma altura que eu, o que o fazia parecer delicado à primeira vista, mas o corpo, que estava agora encoberto pela roupa preta que vestira esta noite, era firme e musculado. Eu sabia de fonte segura que ele não só era forte mas também era flexível. Também sabia que tinha cicatrizes de queimaduras ao longo das costas e ombros, como calos brancos na seda suave do seu corpo. Foi um pescador que lhe causou as cicatrizes, quando lhe queimou a sua pele de foca. Roane era um roane, fazia parte do Povo das Focas. Isto porque ele tinha a capacidade de vestir a sua pele de foca e tornar-se numa, ou de a despir e voltar a ser humano, ou melhor, voltar à sua forma humana. Contudo, a dada altura, um pescador encontrou a sua pele de foca e queimou-a. A pele não servia apenas como um instrumento mágico, que lhe permitia mudar de forma. Nem sequer era só uma parte dele. A pele era ele, tal como o são os seus olhos ou o seu cabelo. Roane é o único homem-foca, de que tenho conhecimento, que sobreviveu à destruição da outra parte do seu ser. Sobreviveu mas nunca mais conseguiu mudar de forma. Estava agora condenado a viver para sempre ligado à terra, para sempre lhe seria impossibilitado o acesso à outra metade do seu mundo.

Havia noites em que dava por mim sozinha na cama. Se estivéssemos no meu apartamento ia dar com ele à janela, a olhar para o nada. Mas em casa dele, ou o encontrava a olhar para o mar ou a desaparecer nas ondas, enquanto eu o observava da varanda. Nunca me acordava nem me convidava para ir com ele. Era uma dor privada, que não se partilha. Acho que era justo visto que, nestes dois anos em que namorávamos, nunca baixei as minhas guardas por completo. Ele nunca tinha visto as cicatrizes resultantes dos duelos. Os ferimentos ter-me-iam identificado como alguém muito próximo dos Sidhe. Eu poderia ser totalmente indefesa contra feitiços agressivos, mas, na corte poucos eram os que conseguiam manter melhor o seu *glamour*<sup>3</sup> do que eu. Ajudava a esconder-me mas pouco mais fazia. Roane não podia quebrar as minhas defesas, mas sabia que elas lá estavam. Ele sabia que até nos momentos de entrega eu me continha. Se ele fosse humano ter-me-ia perguntado porquê, no entanto, não o era e não perguntava, tal como eu não o questionava quanto ao apelo das ondas.

Um humano seria incapaz de não se intrometer, mas um namorado humano também não seria capaz de se manter calmamente sentado enquanto outro homem me tocava incessantemente nos seios. Roane não tinha ponta de ciúmes. Ele sabia que isto não significava nada para mim, portanto também não significava nada para ele.

---

<sup>3</sup> Feitiço usado para disfarces, ou seja, para que aquilo que as outras pessoas vejam não seja a realidade, mas sim aquilo que o mago que lança o feitiço pretende. (N. da T.)

A única presença feminina na sala, além de mim, era a da detective Lucinda — «trata-me por Lucy» — Tate. Já tínhamos trabalhado com ela em vários casos em que o criminoso não era humano e cujas vítimas eram enfeitiçadas, assombradas ou assassinadas. Na realidade, esta era a primeira vez que a Lei da Administração Mágica era alargada a funções policiais, devido à colaboração, temporária, de Jeremy, e de todos nós. Contudo, todos nós correspondíamos ao critério de possuir capacidades mágicas que nos tornariam ideais para este tipo de trabalho, o que significava que todo o treino que um polícia sem poderes mágicos poderia ter seria dispensável e entregar-nos-iam o trabalho directamente a nós. Tipo delegados de emergência. Foi através da Lei da Administração Mágica que, recentemente, me tornara detective, por assim dizer, sem ter passado horas e horas de treino que normalmente eram necessárias para se obter uma licença na Califórnia.

A detective Tate encostou-se à parede, abanando a cabeça.

— Minha nossa senhora, Klein, não admira que tenhas várias queixas por assédio sexual!

Maury pestanejou como se tivesse de voltar a concentrar a sua atenção em algo em que já pensara há imenso tempo. Era a mesma reacção de uma pessoa acabada de despertar de um poderoso feitiço, como se já estivesse a acordar mas o sonho ainda não tivesse terminado. Não se podia culpar o poder de concentração de Maury. Por fim, virou-se para a detective, com as mãos ainda dentro do meu *soutien*.

— Não percebo o que quer dizer, detective Tate.

Olhei para ela por cima da cabeça do ajoelhado Maury.

— Ele não percebe mesmo! — disse-lhe eu.

Ela sorriu.

— Desculpa pelo tratamento rude, Merry. Ninguém o suportaria se não fosse o melhor naquilo que faz.

— Não costumamos recorrer a equipamento de som e câmaras ocultas com muita frequência — disse Jeremy —, mas quando precisamos prefero pagar pelo melhor.

Tate olhou para ele.

— De certeza que o departamento não poderia pagar-lhe.

Maury falou sem desviar a atenção do meu peito.

— Já fiz trabalhos de borla para a polícia no passado, detective Tate.

— E nós agradecemos imenso, senhor Klein — a sua expressão facial, um brilho mais malicioso no olhar e cinismo estampado no rosto, não respondeu inteiramente às palavras que proferira. O cinismo parecia advir dos ossos do ofício. Já o brilho malicioso nos olhos era tipicamente Lucy Tate. Ela aparentava estar sempre a rir suavemente acerca de tudo. Eu tinha a certeza de que se tratava apenas de um mecanismo defensivo que aaju-

dava a ocultar o seu verdadeiro ser, só ainda não tinha descoberto de que é que ela se escondia. Não tinha nada que ver com isso, porém, admito uma certa curiosidade nada feérica sobre a detective Lucy Tate. O que mais me provocava o desejo de satisfazer esta curiosidade sobre ela era a perfeição do disfarce dela e o facto de nunca se poder ver para além daquele escudo de diversão esbatida. Conseguia ver a dor de Roane e, por isso, era capaz de o deixar em paz. No entanto, não conseguia ver nada em Lucy, e Teresa também não conseguia, o que, obviamente, significava que a detective Tate era detentora de poderes psíquicos consideráveis. Mas algo lhe acontecera ainda em criança que a fizera esconder os seus poderes, de tal maneira que já nem ela própria sabia que os tinha. Nenhum de nós lhe falara sobre isto. A vida da detective Tate parecia correr bem. Ela parecia ser feliz. Se ela abrisse a cicatriz que lhe permitira ocultar os poderes no seu âmago, tudo poderia mudar. Era possível que se tratasse de algo suficientemente traumatizante e do qual nunca se refizera. Por conseguinte deixávamo-la em paz, apesar de continuarmos a pensar nisso e de, por vezes, a atiçarmos com magia ou lhe pregarmos partidas a nível psíquico, só para ver o que acontecia.

Maurry endireitou-se, finalmente colocando as mãos nele próprio.

— Pronto, penso que já está bom. Vou só colocar um pouco de fita-cola para me certificar de que isso não sai do sítio, e está pronta — Chris, que se antecipara preparando pequeninos pedaços de fita-cola, entregou-lhos. Maurry recebeu-os sem comentários.

— Viram o que tive de fazer para colocar o microfone. Por isso, esse tipo terá de fazer exactamente o mesmo para o encontrar — desta vez até me pedira que puxasse o *soutien* para poder colocar a fita-cola com ambas as mãos. Foi a maior amabilidade que fizera nos últimos quarenta e cinco minutos.

Levantou-se e chegou-se para trás.

— Ajeite o *soutien* da forma como normalmente o usa.

Franzi o sobrolho.

— É assim que o costume usar!

Ele fez um pequeno movimento com as mãos, mais ou menos, ao nível do peito.

— Você sabe, afofe essa para que fique igual à outra.

— Afofar! — disse eu, mas sorri porque finalmente entendera o que ele queria dizer.

Ele suspirou e aproximou-se.

— Eu mostro-lhe.

Estendi a mão.

— Não preciso de ajuda — curvei-me e abanei o meu seio direito para dentro da copa do *soutien*, tendo de usar a minha mão, para que tudo fi-

casasse no seu devido sítio. O meu peito já era bem jeitoso, e com este *soutien push-up* ficava absolutamente obsceno, no bom sentido, mas quando passei a mão no sítio onde deveria sentir o microfone, tudo o que senti foi o arame e o material do próprio *soutien*.

— Está perfeito — disse Maury. — Pode despir-se, mas não tire o *soutien*, ele jamais se aperceberá — inclinou a cabeça como se tivesse acabado de ter uma ideia. — Colei o micro ao *soutien* por isso, se precisar, pode despi-lo, só tem é de o deixar a um metro e meio de distância. Quanto mais perto melhor. Se eu tornar o microfone mais sensível captaremos o som do bater do seu coração e o ruído do roçar da roupa. Eu podia filtrar esses sons, mas é mais fácil fazê-lo depois da gravação feita do que antes. Suponho que pretendam ouvir perfeitamente hoje à noite, para o caso de o vosso suspeito se descontrolar.

— Sim — respondeu Jeremy —, era ótimo sabermos se a Merry precisa de ajuda — o sarcasmo foi demasiado brando para Maury.

— Poderíamos ter conseguido colar o microfone ao elástico do topo dos *collants*, mas eu não teria a certeza de que estes não se desenrolariam e exporiam o micro. Se despir o *soutien*, não se esqueça de embrulhar o tecido de forma a esconder o micro.

— Não pretendo despi-lo.

Maury encolheu os ombros.

— Só quero apresentar-lhe todas as opções possíveis.

— Eu agradeço, Maury — respondi.

Maury acenou. Chris já estava a apanhar todos os pedacinhos de material que se tinham espalhado pelo chão.

Roane saltou da secretária, pegando no meu vestido dobrado. Estendeu-me o quadrado de tecido preto. Tive de comprar um vestido preto, seguindo o conselho de que seria mais fácil esconder coisas com preto do que com cores claras. Se pudesse evitar, nunca usava preto liso, apesar de me ficar muito bem. Era a cor preferida na corte Unseelie, porque era a cor que a sua rainha mais gostava de usar.

Segurando-o pelos ombros, Roane deixou que o vestido de seda se desdobrasse. Depois começou a enrolar, lenta e deliberadamente, o vestido nas suas mãos, nunca desviando o olhar de mim. Quando o vestido ficou reduzido a um estreito círculo preto pendurado nas suas mãos pequenas e fortes, ajoelhou-se à minha frente, mantendo o círculo aberto para que eu pudesse entrar nele.

Coloquei a mão no ombro dele, para me equilibrar, e entrei no círculo de tecido. Roane começou a deixar o vestido deslizar das suas mãos, erguendo-as, simultaneamente, criando o efeito do cair de uma cortina de teatro em volta do meu corpo. Ao atingir o ponto máximo que os seus bra-

ços esticados alcançavam, por estar ajoelhado, o vestido chegara à minha cintura. Levantou-se, pousando as suas mãos, levemente, nas minhas ancas. Este movimento deixou-o numa posição perfeita para um beijo. Os nossos olhares estavam exactamente ao mesmo nível. Havia uma intimidade na nossa troca de olhares que jamais tivera com alguém. Nunca tinha tido um relacionamento com alguém da minha altura, o que tornava a posição de missionário incrivelmente íntima.

Roane elevou o vestido até eu conseguir enfiar os braços nas mangas, depois ajustou-o nos ombros dando a volta e colocando-se por trás de mim para dar os últimos retoques na seda. Começou a apertar-me o fecho das costas. O vestido ia ficando cada vez mais justo à medida que ele o ia apertando, como se, gradualmente, me cingisse desde a cintura, passando pelas costelas, até chegar ao peito. O decote em V era bastante atrevido, mais um motivo para usar o *soutien push-up*. Para usar um *push-up* com este vestido e não mostrar o *soutien* descaradamente, foi o único adequado que encontrei. O vestido era cavado e ajustava-se ao meu corpo como uma segunda pele brilhante, realçando o meu corpo muito branco, em oposição ao tecido escuro. Optara por um bem justinho de forma absolutamente intencional. Mal se via o corpete, era praticamente como se não estivesse lá, e tudo aquilo em que permitia reparar eram os meus seios. Porém, se se tentasse fazer deslizar a mão para o seu interior, na parte de cima, a grande probabilidade seria rasgá-lo. Se Alistair Norton quisesse brincar com o meu peito teria a brincadeira limitada à parte superior exposta, a não ser que este tivesse em mente uma fantasia de violação, o que, de acordo com Naomi, apenas se revelara passados dois meses ou mais. Fora o romance perfeito no primeiro mês. Visto que este era o nosso primeiro encontro, Alistair portar-se-ia da melhor forma. Para que ele tivesse sequer hipótese de encontrar o microfone, eu teria de despir o vestido, e isso não fazia parte dos meus planos.

Roane terminou de apertar o fecho prendendo o pequeno gancho no topo. Passou os seus polegares na minha pele descoberta das costas, dos movimentos mais vazios que alguma vez fizera, depois afastou-se de mim. Na realidade, ele passou os polegares nas cicatrizes das minhas costas, que ele não podia ver nem sentir. Se eu não tivesse confiança absoluta nas minhas capacidades de feitiçaria, certamente que o vestido mostraria as cicatrizes. Eram como pequenas ondulações da pele, congeladas para sempre. Outro Sidhe havia tentado alterar a minha forma durante um duelo. Muitos seres feéricos são transmorfos, mas só os Sidhe conseguem transformar outro ser contra a sua vontade. Eu não tenho o poder de alterar a minha forma nem a de outras pessoas, mais um ponto contra mim nas cortes.

— Como faz isso? — perguntou a detective Tate.

A pergunta deixou-me sobressaltada, fez-me virar para ela.

— Como faço o quê? — perguntei.

Chris olhava para cima enquanto arrumava o equipamento. Maury já estava de volta de um transmissor de tamanho médio, ajustando-o com uma chave de fendas minúscula. Até já podíamos ter saído todos da sala que ele nem se aperceberia.

— Fica aí durante quase uma hora, praticamente nua, só em *lingerie* enquanto um homem lhe mexe e remexe no peito, mas não há nada de sexual nisso. É como se fosse uma comédia atrevida para maiores de 18. Depois Roane ajuda-a a vestir-se, nunca tocando na sua pele despida e limitando-se a apertar-lhe o fecho e, de repente, sente-se uma tensão sexual tão densa aqui dentro que mal se pode andar. Como raio faz isso?

— Nós, de eu e o Roane, ou nós de... — deixei que a ideia se esfumasse.

— Nós, de seres feéricos — disse ela. — Já vi o Jeremy fazê-lo com uma humana. Vocês até podem andar completamente nus à minha frente que nunca me sinto desconfortável mas, depois, totalmente vestidos, fazem algo quase insignificante e, repentinamente, sinto que estou a mais — abanou a cabeça. — Como fazem isso?

Roane e eu trocámos olhares e vi nos seus olhos a mesma pergunta que os meus transmitiam. Como se explica o que é ser-se um ser feérico a alguém que o não é? É óbvio que a resposta é não se explica. Pode tentar-se mas raramente se é bem sucedido.

Jeremy tentou. Afinal de contas, ele é que era o patrão.

— Faz parte daquilo que é ser-se feérico, ser a criatura dos sentidos — ergueu-se da sua cadeira e, de rosto e expressão corporal neutros, aproximou-se dela. Pegou-lhe na mão e levou-a até aos seus lábios, depositando um suave toque labial nos nós dos dedos dela.

— Ser-se feérico é a diferença entre o que acabei de fazer e isto — pegou-lhe na mesma mão, desta vez erguendo-a de uma forma muito mais lenta, olhando o rosto dela com o mesmo ardor elegante com que qualquer ser feérico masculino poderia ter olhado aquela mulher alta e atraente. Só o olhar já a arrepiara toda. Desta vez beijou-lhe a mão, uma demorada carícia com os lábios, o lábio superior demorou-se sobre a pele dela, ao de leve, à medida que ele se afastava. Fora algo educado, sem envolver contacto entre bocas, nada de língua, nada de rude, contudo, subira-lhe um rubor intenso às faces e, do outro lado da sala, podia afirmar que a sua respiração se tornara algo ofegante e a sua pulsação havia acelerado.

— Isto responde à sua pergunta, detective? — perguntou ele.

Ela deu um risinho inseguro segurando na mão com a outra e encostando-a ao seu corpo, como se a embalasse.

— Não, mas até tenho medo de voltar a perguntar. Acho que não conseguiria lidar com a resposta e continuar a trabalhar hoje à noite.

Jeremy fez uma pequena vénia. Quer Tate o soubesse ou não, ela acabara de lhe fazer um elogio muito típico dos seres feéricos. Toda a gente gosta de ser valorizado.

— Você tem a capacidade de animar este velhote.

Ao ouvir isto, ela riu-se bem alto, maravilhada.

— Pode ser imensas coisas, Jeremy, mas algo que nunca será é velho!

Ele fez uma nova vénia e foi nessa altura que me apercebi de algo que nunca me passara pela cabeça: Jeremy gostava da detective Tate, gostava dela como um homem gosta de uma mulher. Todos nós tocamos mais nos seres humanos do que eles se tocam entre si ou, pelo menos, mais do que a maioria dos humanos americanos se toca entre si. Mas ele poderia ter escolhido outras formas de o «explicar» a Tate. Ele optou por lhe tocar de uma forma como nunca fizera anteriormente, tomara essa liberdade, já que ela lhe proporcionara uma desculpa que não transpareceria o interesse dele nela. Esse era o modo como os seres feéricos namoriscavam uns com os outros quando consentido. Por vezes bastava uma troca de olhares, mas os seres feéricos nunca fazem nada para o qual não são convidados. Apesar de os nossos homens cometerem os mesmos erros que os humanos por vezes cometem ao confundirem um pequeno namorisco com sedução de cariz puramente sexual, violação no sentido literal da palavra é algo praticamente desconhecido entre nós. Por outro lado, a nossa versão de violação cometida com recurso a drogas é bem popular há séculos.

Engraçado como a ideia de violação através de drogas me fez lembrar do trabalho que tinha em mãos. Fui à minha secretária, onde deixara os meus sapatos, e calcei-me, ganhando quase oito centímetros.

— Pode dizer ao seu novo parceiro que já pode voltar a entrar — disse eu a Lucy.

Ser-se demasiado recatado numa situação cujo teor nada tem de sexual é um insulto para a maioria dos seres feéricos, e certamente para os Sidhe. Daí a presença de um público. Pedir às pessoas para que se retirassem implicaria falta de confiança ou uma aparente antipatia. Nestas situações havia apenas duas exceções. A primeira é indicada para pessoas que não sabem comportar-se de forma civilizada. O detective John Wilkes nunca trabalhara se não com humanos. Ele nem pestanejava quando Maury pediu para que me despisse mas, quando tirei o vestido sem avisar ou sem pedir que se retirassem da sala, o detective entornara o café ainda quente pela camisa abaixo. Quando Maury mergulhou a mão dentro do meu *soutien*, Wilkes perguntara:

— Mas que raio está ele a fazer? — Pedi-lhe que aguardasse lá fora.

Lucy riu-se baixinho.

— Coitado do rapaz, acho que deve ter ficado com queimaduras de segundo grau, por causa do café, quando tiraste o vestido!

Encolhi os ombros.

— Não deve ver muitas mulheres nuas.

Ela sorriu, abanando a cabeça.

— Já lidei com seres feéricos, até com alguns Sidhe que estavam de passagem, mas, de todos os que conheci, és a única que é humilde.

Franzi-lhe o sobrolho.

— Não sou humilde. Apenas penso que, se só por me ver despír e ficar em roupa interior foi o suficiente para que o seu parceiro quase engolisse a própria língua, é porque não deve ser muito experiente.

Lucy olhou para Roane e Jeremy.

— Ela não faz ideia da aparência que tem?

— Não — respondeu Roane.

— Apesar de não o saber, penso que a nossa Merry foi criada algures onde era considerada o patinho feio — disse Jeremy.

Os nossos olhares encontraram-se. Sentia o bater do meu coração no pescoço. Aquele comentário fora um pouco próximo de mais da realidade para que eu pudesse continuar a sentir-me à vontade.

— Não sei do que estão para aí a falar.

— Eu sei que não sabes — disse Jeremy. Os seus olhos cinzento-escuros transpareciam um conhecimento, uma suposição muito próxima de certeza. Naquele instante apercebi-me de que ele desconfiava de quem eu era, o que eu era. Mas ele nunca mo perguntaria. Ele esperaria até eu estar pronta para falar, ou deixaria a pergunta no silêncio para sempre.

Olhei para Roane. Ele era o único namorado feérico que tivera que não se metera na minha cama com a única intenção de concretizar as suas ambições políticas. Para ele, eu era meramente Merry Gentry, uma humana com descendência feérica, não a princesa Meredith NicEssus. Olhava agora para o seu rosto tão familiar e tentava interpretar a sua expressão facial. Estava aparentemente inexpressivo. Ou nunca lhe passara pela cabeça que eu poderia ser a princesa Sidhe desaparecida, ou já o descobrira há imenso tempo mas não era indelicado ao ponto de tocar no assunto. Ou será que Roane o soubera desde o início? Terá sido por isso que ele se envolveu comigo? Subitamente, toda a segurança que conseguira obter, progressivamente, no meio destas pessoas, dos meus amigos, começou a desvanecer-se.

O meu rosto deve ter transparecido alguma desta insegurança, porque Roane tocou-me. Afastei-me dele. Vi na sua cara um sentimento de mágoa, confusão. Ele não sabia. De repente, abracei-o, escondendo o meu rosto dele, mas ainda conseguia ver Jeremy.

Assim como o olhar de Roane me tinha tranquilizado, o de Jeremy



assustou-me. Bastava que o meu nome verdadeiro fosse mencionado depois de escurecer para que este flutuasse até à minha tia. Ela era a rainha do Ar e da Escuridão, o que significava que tudo o que fosse dito à noite, eventualmente, seria ouvido por ela. O facto de encontrar a princesa americana dos Elfos se ter tornado ainda mais popular do que localizar Elvis ajudava. A sua magia perseguia pistas falsas constantemente. Princesa Meredith a esquiar no Utah. Princesa Meredith a dançar em Paris. Princesa Meredith a jogar em Vegas. Passados três anos continuava a ser notícia de primeira página dos jornais sensacionalistas, mesmo apesar de os títulos mais recentes especularem que eu estava tão morta quanto o rei do rock & roll.

Se Jeremy dissesse o meu nome alto e bom som na minha cara, as palavras ecoariam e, quando finalmente lhe chegassem aos ouvidos, ela ficaria a saber que eu estava viva e que Jeremy proferira o meu nome. Mesmo que eu fugisse ela questioná-lo-ia e, se os métodos educados não servissem, torturá-lo-ia. Disseram-me que ela é uma amante criativa. Eu sei que ela é uma carrasca muito inventiva.

Afastei-me de Roane e contei-lhes parte da verdade.

— A minha mãe era a bonita.

— Como sabes disso? — perguntou Jeremy.

Olhei para ele.

— Ela própria mo disse!

— Quer com isso dizer que a sua mãe lhe disse que a Meredith não era bonita? — perguntou Lucy. Era preciso ser-se humano para se ser tão directo.

Assenti.

— Não me leve a mal, mas, que cabra!

A isto, a única resposta a dar era:

— Concordo, agora vamos embora.

— Não queremos deixar o senhor Norton à espera — disse Jeremy.

— Continuo a preferir a ideia de tentarmos provar a culpa dele quanto à tentativa de homicídio — disse Lucy.

— Não podemos garantir que conseguimos obter provas sustentáveis em tribunal acerca do feitiço de morte — expliquei.

— Contudo — disse Jeremy —, hoje à noite poderemos conseguir provar que ele seduz as mulheres através do uso de magia. Segundo a lei californiana, a sedução realizada com a ajuda de magia é equiparada a violação. É preciso colocá-lo atrás das grades e longe da mulher dele e esta é a forma mais segura de o fazer. Ele não poderá sair da prisão sob fiança ao ser acusado por um crime que inclui o uso de magia.

Lucy assentiu com a cabeça.

— Concordo que o plano é fantástico para o bem da senhora Norton,

mas e para a Merry? E se o tipo saca do afrodisíaco mágico que tem aplicado nas outras amantes, naquelas que nunca se fartam dele como a Naomi Phelps?

— É disso que estamos à espera! — respondi.

Ela olhou para mim.

— Mas e se resulta? E se começar a arfar para o microfone?

— Se começar, o Roane arromba a porta, como se fosse o meu namorado ciumento e arrasta-me de lá para fora!

— Se eu tiver dificuldades em tirá-la de lá, o Uther, sendo um amigo meu, entra e ajuda-me a levar a minha mulher de volta para casa.

Lucy revirou os olhos.

— Bem, tudo o que Uther quer, o Uther tem. — Uther media 3,96 m, tinha uma cabeça que era mais de porco do que humana e tinha um colmilho encaracolado de cada lado do focinho. Era um *Jack-in-irons*<sup>4</sup>, mas todos o tratavam por Uther Squarefoot<sup>5</sup>. Não era de grande serventia para trabalhos de disfarce, mas sempre que precisávamos de força bruta ele era um autêntico inferno sobre rodas.

Uther pedira licença para sair quando se apercebeu que o vestido ia ser despido. Apenas dissera:

— Não é nada pessoal, Merry, não fiques com a ideia errada, é que ver uma mulher atraente, praticamente nua, por perto, não é nada bom para um homem quando não há a mínima hipótese de este aliviar todos os pensamentos e sensações que lhe assaltam a mente. — Só depois de ele chegar à porta e inclinar os seus enormes ombros o suficiente para conseguir espremer-se lá para fora é que me dei conta de algo em que já deveria ter reparado. Uther mede 3,96 m, o tamanho de um ogre grande ou de um gigante muito pequeno, e não há muitas mulheres do tamanho dele na zona de Los Angeles. Ele já cá vivia há quase dez anos. Era muito tempo sem se sentir o toque de outro corpo despido. Que solidão terrível!

Se ninguém descobrisse quem eu realmente era, e se Alistair Norton não fosse capaz de me enfeitiçar ao ponto de eu deixar de ter o controlo sobre a minha mente, trataria de tentar arranjar alguém para Uther. Ele não era o único ser feérico gigante que se passeava fora das cortes, era somente o único nas proximidades. Se não conseguíssemos arranjar ninguém do seu tamanho, de certeza que arranjaríamos outra solução. Sexo não envolve apenas ter relações. Há mulheres nas ruas que são capazes de fazer quase de tudo só para ganhar umas quantas centenas de dólares, principalmente se

---

<sup>4</sup> Segundo as crenças populares, um *jack-in-irons* era um monstro perigoso, do Yorkshire (na Inglaterra), que assombrava as ruas desertas durante a noite. (N. da T.)

<sup>5</sup> A tradução literal da sua alcunha (*Squarefoot*) é Pé Quadrado. (N. da T.)

coabrarem notas de vinte. Eu própria trataria de Uther, se fosse verdadeiramente feérica das pontas dos pés à cabeça. Era o que uma verdadeira amiga faria. Mas eu fui criada fora das cortes, entre os humanos, desde os seis até aos dezasseis anos. O que significava que algumas das minhas atitudes eram humanas, não importava o quão feérica eu fosse.

Não posso considerar-me humana, porque não o sou. Contudo, não posso ser absolutamente feérica, porque também não o sou. Metade de mim faz parte da corte Unseelie, porém, não sou um deles. Parte de mim faz parte da corte Seelie, mas não pertence ao povo brilhante. Uma parte de mim pertence aos Sidhe das sombras e a outra parte pertence aos Sidhe da luz contudo, nenhuma das duas pretende assumir-me como sua. Sempre observei o interior das cortes pelo lado de fora, de nariz esborrachado contra a janela, mas nunca fui convidada a entrar. Sabia na perfeição o significado de isolamento e solidão. Senti-me mal por Uther. Fez-me lamentar o facto de não me sentir à vontade para o ajudar com algum sexo amistoso, casual. Mas não me sentia e não me sentiria. Como sempre, eu era feérica o suficiente para conseguir ver o problema, mas demasiado humana para poder resolvê-lo. Obviamente que se eu fosse uma Sidhe Seelie pura nunca tocaria em Uther por nada. Ele não mereceria a minha atenção. Os Seelie não fodem monstros. Já os Unseelie... bem, definam monstro!

Segundo as normas dos Unseelie, Uther não era um monstro, mas Alistair Norton poderia ser. Ou um monstro, ou uma alma gémea das sombras.



## CAPÍTULO 5

Alistair Norton não se parecia nada com um monstro. Pensara que ele seria bonito, mas nesse aspecto também se demonstrava uma desilusão. Há algo em todos nós que nos faz acreditar piamente que a maldade é visível, que seremos capazes de identificar as más pessoas só ao olhar para elas, porém, não é assim que funciona. Passara tempo suficiente em ambas as cortes para saber que bonito e bom não são a mesma coisa. Eu, mais que ninguém, sabia que a beleza era o disfarce perfeito para o mais obscuro dos corações e, mesmo assim, continuava a querer que o rosto de Alistair Norton revelasse como ele realmente era por dentro. Queria poder ver uma qualquer marca de Caim nele. Mas ele entrou no restaurante todo sorridente, alto, de ombros largos, perfil facial perfeito, tão masculino que até doía. Os seus lábios eram um pouco finos de mais para o meu gosto, o rosto um pouco masculino de mais, os olhos eram de um castanho absolutamente vulgar. O cabelo, preso num rabo-de-cavalo muito penteado, era de um tom castanho muito estranho, nem era claro nem era escuro. No entanto, eu tinha de procurar melhor por defeitos, porque, simplesmente, não lhe via nenhuns.

O seu sorriso era intenso e suavizava o seu rosto, tornando-o mais acessível, sem toda aquela perfeição de modelo. O riso era profundo e encantador. Usava, numa das suas grandes mãos, um anel prateado com um diamante tão grande quanto o meu polegar, mas nem sinal de aliança de casado. Nem sequer uma pálida linha denunciadora do dedo de onde havia sido removido. A sua pele era suficientemente escura e, portanto, deveria ter, pelo menos, uma marca no bronzado. Ele jamais usara uma aliança. Sempre achei que qualquer homem que não estivesse disposto a usar aliança de casado, provavelmente, teria em mente trair a mulher. Há sempre exceções, mas não muitas.

Quanto ao seu ponto de vista, parecia-me satisfeito.

— Os teus olhos brilham como jóias verdes.

Eu deixara as lentes de contacto castanhas no escritório. De facto, a cor natural dos meus olhos brilhava mesmo. Agradei o elogio e fingi-me tímida, olhando para a minha bebida. Não era timidez. Estava apenas a tentar que ele não visse o desprezo no meu olhar. Tanto a cultura humana como a Sidhe abominam adúlteros. Os Sidhe não se preocupam com o acto de fornicar, no entanto, a partir do momento em que nos casamos e prometemos ser fiéis temos de o ser. Nenhum ser feérico tolerará alguém que quebre uma promessa. Se a nossa palavra não tem qualquer significado, então nós também não.

Ele tocou-me no ombro.

— Que pele branca tão perfeita! — Como não o afastei de mim, ele inclinou-se na minha direcção e depositou um beijo suave no meu ombro. Acaricieei o seu rosto quando se afastou, o que pareceu ser um sinal de algum tipo. Beijou-me um dos lados do pescoço, tocando com a mão no meu cabelo.

— O teu cabelo é como seda vermelha — sussurrou contra a minha pele. — É a tua cor natural?

Virei-me para ele e, com a minha boca muito perto de tocar na sua, respondi:

Sim.

Ele beijou-me, e foi um bom primeiro beijo, muito delicado. Detestei o facto de ele parecer tão honesto. O que era ainda mais horrível era a possibilidade de ele realmente ser honesto e de, no início da sedução, ser mesmo sincero em tudo o que dizia. Já conhecera homens assim. É como se eles acreditassem nas suas próprias mentiras, e que desta vez será mesmo amor verdadeiro. Mas é sempre sol de pouca dura porque nenhuma mulher é suficientemente perfeita para eles. É claro que não são as mulheres que não são perfeitas. O homem é que não o é, e tenta preencher um qualquer vazio dentro dele com mulheres ou sexo. Se o amor for verdadeiro e o sexo for bom o suficiente, então ele sentir-se-á completo. Nessa altura sentir-se-á, finalmente, inteiro. Num aspecto, os mulherengos são equiparáveis aos assassinos em série. Ambos acreditam que da próxima vez tudo será perfeito, que a próxima experiência os completará e trará um fim a esta carência interminável. Mas isso nunca acontece.

Ele sussurrou:

— Vamos sair daqui!

Acenei que sim, não confiando na minha voz. Teria de beijar muitas vezes de olhos fechados, já que por vezes conseguia fingir com o olhar mas noutras não. Disfarçar os meus sinais corporais de repugnância, que sentia de cada vez que ele me tocava, ia ser muito difícil. Agora, esperar que os meus olhos transparescessem desejo e amor já era pedir de mais.

O seu carro combinava com todo ele: caro, cromado, rápido. Um *Jaguar* preto com bancos pretos de pele, o que fazia com que parecesse que se estava a deslizar para uma piscina de escuridão. Pus o meu cinto de segurança. Ele não. Conduziu velozmente, ziguezagueando por entre o trânsito. Teria sido mais impressionante ainda se eu já não conduzisse em Los Angeles há três anos. Toda a gente conduzia assim por pura legítima defesa.

A casa era agradável e pequena, a mais pequena da vizinhança, mas o jardim era o maior de todos. De facto, tinha tanto espaço em ambos os lados da casa que até um habitante do centro oeste americano diria que o jardim tinha uma boa extensão<sup>6</sup>. A casa era a ideal para se ter crianças à espera que o papá regressasse a casa, enquanto a mamã corria de um lado para o outro, no seu fato de super-poderes, tentando tratar do jantar depois de um árduo dia de trabalho.

Por momentos pensei que ele me tinha levado mesmo para a sua casa, a que ele partilhava com Frances. Se assim fosse, era uma quebra na sua rotina, o que não me agradava nada. Porque haveria ele de quebrar a sua rotina? Tinha a certeza de que ele não se apercebera da escuta, e não tinha tocado na minha bolsa, por isso não sabia da câmara de filmar nela escondida. Eu estava à espera de a ligar quando já estívéssemos no seu ninho de amor. Era impossível ele saber...

Ringo estava no exterior da casa de Norton a fazer vigilância à senhora Norton. Se Alistair se tornasse demasiado violento antes de obtermos provas para o meter na cadeia, Ringo teria de decidir sozinho se interferiria ou não. Eu não olhei em volta procurando por Ringo. Não queria chamar a atenção para ele, caso ele aqui estivesse.

Alistair abriu-me a porta do carro, ajudando-me a sair. Permiti que o fizesse pois estava a tentar pensar. Por fim, tentei testar a honestidade, de certo modo.

— De certeza que não és casado?

— Porque perguntas?

— Porque esta casa parece a ideal para uma família.

Ele riu-se e envolveu-me com um movimento circular do seu braço.

— Não há nenhuma família, sou só eu. Acabei de me mudar para cá.

— ergui o olhar na sua direcção.

— Estás a investir com o futuro em mente? Pequerruchos e família?

Ele levou a minha mão até aos seus lábios.

— Com a mulher certa tudo é possível.

Senhor e Senhora, ele sabia perfeitamente como fazer mal a maioria

---

<sup>6</sup> Nessa zona dos Estados Unidos da América, as casas têm, normalmente, jardins muito extensos. Daí a narradora fazer essa comparação. (N. da T.)

das mulheres à sua vontade! Insinuar que poderíamos ser a mulher capaz de o domar, de o fazer assentar. A maioria das mulheres adora isso. Eu era mais sensata. Os homens não assentam por causa da mulher certa. Eles assentam porque, finalmente, já se sentem prontos para o fazer. E fazem-no com a mulher com quem estiverem nessa altura, não tem necessariamente de ser a melhor ou a mais bonita, basta apenas que seja quem está mais à mão no momento em que se sentem preparados. Nada romântico, mas a mais pura verdade.

Ele mudara-se do apartamento. Porquê? Será que teve alguma coisa a ver com o facto de Naomi Phelps o ter deixado de forma tão brusca? Não havia maneira de o saber se não perguntando, e eu não podia perguntar. Enquanto Alistair Norton me acompanhava até à porta, eu lutava para resistir ao impulso de olhar para trás em busca de Jeremy e dos outros. Eu sabia que os meus reforços estavam ali fora. Sabia porque confiava neles. Alistair não tinha conduzido assim tão depressa de forma a conseguir despistar ambos os veículos. A carrinha com o sistema de som, e para esconder melhor Uther, e o carro conduzido por Jeremy, para o caso de precisarem de uma maior margem de manobra para seguirem Norton, ou somente para irem trocando de posição de forma que Norton não reparasse que estava a ser seguido sempre pelo mesmo carro. Eles estavam algures lá fora, a ouvir-nos. Eu sabia-o contudo, gostava de ter conseguido vê-los de relance ao olhar para trás. Era mera insegurança da minha parte.

Ainda antes de a porta abrir já sentira o escudo de protecção. Quando pisei a soleira da porta, senti o poder estremecer na minha pele. Ele reparou.

— Sabes o que estás a sentir?

Podia ter mentido, mas não o fiz. Gostaria de dizer que não o fizera por ter um pressentimento de que Alistair se sentiria satisfeito por eu ter sido treinada nas artes místicas, mas não foi isso. Quis que ele soubesse que eu não era indefesa.

— Tens um escudo de protecção na entrada. — respondi. Sentia a pressão do ar daquele compartimento contra a minha pele, e era como se não pudesse respirar o suficiente, como se houvesse falta de ar. Saí da entrada ladrilhada na esperança de que a atmosfera melhorasse. Não melhorou. A atmosfera tornou-se mais densa, como se avançasse com maior dificuldade em águas mais profundas. Água quente, espessa, que se arrastava por toda a minha pele.

Eu já sabia que ele era poderoso, devido aos feitiços que aplicara na sua mulher e na amante. No entanto, a quantidade de poder que preenchia aquela sala vazia era mais que humano. A única forma de um feiticeiro humano obter aquela quantidade de poder era através da negociação com algo sobre-humano. Não estava à espera daquilo. Nenhum de nós estava.

Ele estava a falar para mim, mas eu não ouvira nada. Só ouvia a minha mente gritar: «Foge! Foge já!» Mas se eu o fizesse, Alistair continuaria livre para matar a sua mulher e torturar outras mulheres. A minha fuga manter-me-ia a salvo mas não ajudaria as nossas clientes. Era um daqueles momentos em que tinha de tomar uma decisão: ou recebia o meu salário ou não.

De uma coisa estava certa, os rapazes na carrinha tinham de saber o que eu acabara de descobrir.

— O escudo de protecção não serve para prevenir a entrada de coisas, pois não, Alistair? Embora impeça a entrada de outros poderes. A protecção serve para que outras pessoas não possam ter a noção da quantidade de poder que aqui encerras — a minha voz soava ofegante, como se estivesse com dificuldades em respirar.

Foi então que ele me olhou e, pela primeira vez, vi algo nos seus olhos que era tudo menos agradável ou sorridente. Por um breve momento, o monstro estava ali, naqueles olhos castanhos.

— Eu devia ter-me apercebido que o sentirias — disse ele. — A minha pequena Merry, com os seus olhos, cabelos e pele Sidhe. Se fosses alta e graciosa passarias por uma Sidhe.

— Já mo disseram! — retorqui.

Estendeu-me a mão. Tentei agarrá-la, mas tive de atravessar todo aquele poder, como se tivesse de empurrar a minha mão através de um denso e invisível formigueiro que percorria a minha pele. Quando os dedos dele tocaram nos meus, soltou-se uma sobrecarga de energia entre nós, como electricidade estática. Ele riu-se e envolveu a minha mão na dele. Obriguei-me a não me afastar, mas não conseguia obrigar-me a mim própria a sorrir. Estava a ter imensas dificuldades em respirar sob todo aquele poder. Eu vivera em sítios tão repletos de poder que as paredes até rangiam, mas este poder preenchia o espaço disponível, como se fosse água, até já não haver espaço para ar. Alistair, muito provavelmente, achava-se um grande e poderoso feiticeiro por conseguir reunir tamanha quantidade de poder, mas ele não passaria de um mero aprendiz se não o conseguisse controlar melhor que isto. Há muita gente capaz de evocar poder. O acto de evocar não quantifica a força que se possui como praticante de magia. O que interessa é o que se consegue fazer com o poder. Interroguei-me mesmo sobre o que ele estaria a fazer com toda aquela magia, enquanto me puxava, suavemente, através da electricidade estática da energia flutuante. Poderia estar a desperdiçar muita dela só por a deixar rodopiar, mas não se reúne tanta energia sem se fazer ideia do que se está a fazer com ela e de ter algum plano de como a usar.

Até a mim a minha voz me soava estranha, distorcida e ofegante.



— A sala está cheia de magia, Alistair. O que vais fazer com toda esta quantidade? — tinha a esperança de que toda a gente na carrinha estivesse a ouvir isto.

— Deixa-me mostrar-te! — respondeu. Estávamos em frente à porta, fechada, da parede da esquerda.

— O que está para lá da porta? — perguntei. Era a única porta visível a partir da entrada. Havia um *hall* de entrada aberto que ligava a parte de trás da sala de estar à parte mais reservada da casa, e uma entrada para a cozinha. Esta era a única porta fechada, e se os rapazes tivessem de invadir a casa para me resgatar, não queria que eles andassem por aqui perdidos. Queria que eles fossem directamente ao sítio onde eu estava e me tirassem de lá.

— Vamos acabar com os rodeios, Merry. Nós sabemos porque estás aqui, porque estamos ambos aqui. Aqui é o quarto. — Ele abriu a porta, era o quarto. Era vermelho desde a cama de quatro colunas, passando pelas cortinas que cobriam todas as paredes, até à carpete. Era como se estivesse dentro de uma caixa de veludo carmesim. Entre as cortinas pesadas haviam sido colocados espelhos quais jóias dispostas de modo a fascinar o olhar. Não havia janelas. Era uma caixa fechada e o centro de toda a magia que aqui tinha sido reunida.

O poder enrolou-se em mim como uma pele sufocante, quente, densa, estranguladora. Eu não conseguia respirar, não conseguia falar. Os meus pés deixaram de me obedecer, mas Alistair pareceu não se aperceber. Ele continuava a guiar-me, puxando-me para o interior do quarto, de tal modo que tropecei e a única coisa que me impediu de cair no chão de madeira polida foram os seus braços. Ele tentou erguer-me nos seus braços mas eu acabei por cair completamente e ele já não conseguiu levantar-me. Eu não estava a desmaiar. Apenas não queria que ele me levantasse, porque sabia perfeitamente para onde ele me levaria: para a cama. E se a cama fosse o centro de todo este poder, eu não queria ir para lá, pelo menos, não por enquanto.

— Espera! — disse-lhe. — Espera! Dá-me, pelo menos, uma hipótese de recuperar o fôlego! — Havia uma pequena cómoda, que me dava quase pela cintura, logo a seguir à porta. Usei a sua extremidade como apoio para me levantar, apesar de Alistair continuar ali para me ajudar, muito atencioso. Coloquei a minha bolsa na beira da cómoda, apertando a alça duas vezes de forma a ligar a máquina escondida. Se a câmara estivesse ligada, teria um ângulo perfeito da cama.

Ele levantou-se por trás de mim, envolvendo-me com os seus braços por trás e conseguindo que os meus ficassem colados de lado ao meu corpo, mas sem exercer força alguma. Ele pretendia somente abraçar-me. O facto

de eu ter entrado em pânico não foi culpa dele, nem por isso. Tentei relaxar encostada ao seu corpo, no círculo dos seus braços, mas não consegui. O poder era demasiado denso e eu não conseguia acalmar-me. O melhor que conseguia fazer era não me afastar.

Ele encostou o nariz à minha face, fazendo deslizar suavemente os lábios pela minha pele.

— Não estás a usar base.

— Não preciso de usar. — Virei a cabeça apenas o suficiente para o encorajar a não parar de me beijar e continuar a fazê-lo do rosto até ao pescoço. Não precisei de o encorajar para que o fizesse descendo cada vez mais. Os seus lábios pararam no meu ombro, mas as suas mãos deslizaram dos meus braços para me rodearem a cintura.

— Meu Deus, és mesmo pequenina! Consigo envolver-te apenas com as minhas mãos.

Afastei-me suavemente dele, aproximando-me da cama. Os meus sentidos entorpeciam cada vez mais devido à magia. Eu fora treinada, durante anos, para ignorar quantidades de energia extraordinárias. Quando se é sensível a este tipo de coisas e não se quer endoidecer, temos de nos adaptar. A magia pode ser como ruído branco, como os sons da própria cidade, dos quais só nos apercebemos quando nos concentramos.

Permaneci de pé no esplendoroso tapete persa, que rodeava a cama, tal como Naomi a havia descrito. Contudo, não conseguia obrigar-me a dar aqueles últimos passos até à cama, porque sentia o círculo por baixo do tapete, afastando-me como se fosse uma mão enorme. Era um círculo de poder, o local dentro do qual nos mantemos enquanto se evoca algo, para que, seja o que for que esteja a ser chamado, não possa entrar nessa área e nos coma, ou para que se possa evocar algo para dentro do círculo mantendo-nos em segurança no seu exterior. Enquanto não visse as runas não saberia que tipo de círculo se tratava, se era um escudo de protecção ou uma prisão. Mesmo vendo as runas, e a construção do círculo, estes poderiam não me dizer nada. Eu estava familiarizada com a feitiçaria Sidhe, mas existem outros tipos de poder, outras linguagens místicas através das quais se pode lidar com a magia. Eu poderia não reconhecer nada do que ali estava inscrito e então haveria apenas uma forma de saber que tipo de círculo era aquele... entrando nele.

O único problema é que alguns círculos são construídos com o intuito de manter seres feéricos presos no seu interior, por isso, a partir do momento em que entrasse nele, poderia ter dificuldades em sair. Se toda esta gente fosse, de facto, somente uma cambada de aspirantes a seres feéricos, provavelmente, a sua intenção não seria capturar-nos, mas nunca se sabe! Quando se adora avidamente algo em que nunca se pode tocar ou

manter, essa adoração pode transformar-se numa inveja mais destrutiva do que qualquer ódio.

Com um sorriso de antecipação alterando o seu rosto, Alistair desapertou a gravata à medida que caminhava na minha direcção. Ele era absolutamente arrogante, seguro de si e até de mim. Dava uma vontade tão grande de ir embora só para poder ver toda aquela arrogância desmoronar-se! Até agora ainda não fizera nada místico, para já nada de ilegal. Estaria eu a ser fácil demais? Será que ele só usava os poderes místicos com as mais hesitantes? Será que eu teria de ser mais hesitante? Ou mais agressiva? Qual das duas me permitiria gravar Alistair Norton a cometer uma ilegalidade? Ainda estava eu a tentar tomar uma decisão quanto a ser a virgem resistente ou a meretriz impaciente e já ele ali estava à minha frente, já não tinha mais tempo.

Ele inclinou-se para me beijar e eu ergui a cabeça ao seu encontro, elevando-me nas pontas dos pés, e equilibrando-me com as mãos nos seus braços. Os seus bíceps contraíram-se sob as minhas mãos, dilatando-se contra o tecido do casaco. Penso que ele nem se apercebia disso, era do hábito. Parecia que ele beijava tal como fazia tudo, com uma tranquilidade hábil, com uma perícia suave. Com os seus braços em volta da minha cintura, pressionou-me contra o seu corpo e ergueu-me do chão. Ele começou a levar-me em direcção ao círculo. Consegui desviar-me do beijo o suficiente para dizer:

— Espera, espera! — mas já lá estávamos e, até chegarmos ao interior do círculo, fiquei momentaneamente sem fôlego. Foi como se estivesse dentro do olho de uma tempestade. Dentro do círculo estava sossegado, era o sítio mais sereno que encontrara em toda a casa. Senti desaparecer uma pressão dos meus ombros e costas, que não me apercebera anteriormente que tinha.

Num ápice, Alistair levantou as minhas pernas e meteu-nos na cama de joelhos. Quando chegámos ao centro da cama, deitou-me e permaneceu ajoelhado, olhando-me, elevando-se sobre mim. No entanto, eu já trabalhava com Uther há três anos. 1,83 m não são nada quando comparados com os 3,96 m com que costumava almoçar sempre.

Acho que não aparentei ter ficado impressionada o suficiente, porque ele tirou a gravata e atirou-a para a cama, movendo seguidamente os seus dedos em direcção aos botões da camisa. Ele ia despir-se primeiro. Fiquei surpreendida. Normalmente, os dominadores exigem que as suas vítimas se dispam primeiro. Já se livrara do casaco e da camisa, e antes de eu poder decidir o que fazer já ele dirigia as mãos para o cinto. Abrandá-lo parecia ser uma boa opção.

Sentei-me, tocando-lhe nas mãos.

— Tem calma. Deixa-me desfrutar a revelação. Estás a despir-te com uma rapidez que parece que ainda tens outro encontro hoje — peguei-lhe nas mãos, acariciando-lhe a pele, os seus braços nus. Concentrei-me na sensação de tocar nos minúsculos pêlos dos seus antebraços e de como deslizavam sob as minhas mãos. Se eu conseguisse concentrar-me apenas nas sensações físicas, uma a uma, seria mais fácil fazer o meu olhar mentir ou, pelo menos, demonstrar um interesse genuíno. O truque era tentar não pensar muito em quem estava a tocar.

— Hoje à noite não há mais ninguém para além de ti, Merry — ele puxou-me, colocando-me de joelhos, depois passou as mãos pelo meu cabelo, deixando-o escorrer entre os dedos de modo a segurar-me o rosto nas suas mãos grandes.

— Depois desta noite não haverá mais ninguém para nenhum de nós, Merry!

Não gostei nada do som do que acabara de ouvir, contudo, fora a primeira coisa psicótica que ele dissera, por isso eu devia estar a fazer algo correctamente.

— O que queres dizer com isso, Alistair? Vamos fugir para Vegas?

Ele sorriu, segurando ainda o meu rosto e olhando fixamente nos meus olhos, como se os memorizasse.

— O casamento é apenas uma cerimónia, mas hoje vou mostrar-te como duas pessoas se sentem verdadeiramente como uma só!

Sem me aperceber, franzi o sobrolho. Uma vez que a minha expressão facial já o demonstrara, disse-lhe:

— Bem, tu realmente tens uma auto-estima elevadíssima!

— Nunca me gabo sem fundamento, Merry — beijou-me, suavemente, e depois rastejou até à cabeceira-da-cama. Pressionou uma parte da madeira e uma pequenina porta abriu--se. Um compartimento secreto, tanto estilo... Voltou-se com uma pequena garrafa nas mãos. Era uma daquelas garrafas cheias de curvas e rufos, nas quais, supostamente, se deve guardar perfume caro mas nunca ninguém o faz.

— Tira o vestido! — ordenou.

— Porquê?

— É um óleo de massagem — ele ergueu a garrafa para que eu visse o óleo espesso à luz, através do vidro cor de rubi.

Sorri-lhe e tentei fazer tudo como ele queria: sensual, provocadora, um pouco cínica.

— As calças primeiro.

Ele sorriu, notoriamente satisfeito.

— Pensei que quisesses ir mais devagar.

— Se é para nos despirmos, despes-te tu primeiro.

Ele começou a virar-se para voltar a colocar a garrafa no compartimento secreto.

— Eu seguro-a — disse-lhe.

Ele parou lentamente, virando-se para mim com os olhos repletos de um ardor quase palpável.

— Só se puseres um pouco de óleo no peito, enquanto me dispo.

— Isto não vai manchar-me o vestido?

Ele pareceu estar verdadeiramente a pensar nisso, o seu semblante tornou-se pensativo, transparecia inteligência.

— Não tenho a certeza, mas eu compro-te um novo se esse se estragar.

— Os homens prometem tudo em alturas como esta! — respondi.

— Deixa-me ver o óleo escorrer por essa pele puramente branca. Faz os teus seios brilharem para mim. — Entregou-me a garrafa, colocando as minhas mãos em volta dela. Beijou-me outra vez, detendo a boca em mim durante mais tempo, fazendo penetrar a sua língua na minha boca, abrindo-a mais para que o beijo fosse mais intenso. Afastou-se lentamente.

— Por favor, Merry, por favor!

Chegou-se para trás, mas não muito, com as mãos uma vez mais no cinto. Fez a língua de couro deslizar, muito devagar, pela fivela dourada, fixando no ar cada movimento que fazia, enquanto me olhava. Fez-me sorrir, porque ele estava a fazer exactamente o que eu pedira. Estava a revelar-se lentamente.

O mínimo que podia fazer agora era satisfazer o pedido dele. O *soutien push-up* permitia que grande parte dos meus seios já estivesse à vista, para que não precisasse puxar nada para fora do vestido. Retirei a rolha da garrafa. Esta tinha uma vareta na ponta, com a qual se podia passar o óleo suavemente pela pele. Cheirei o óleo. Cheirava a canela e baunilha. O odor era-me familiar, só não conseguia lembrar-me de onde. O óleo era praticamente transparente.

— Não é suposto aquecer-se o óleo primeiro? — perguntei.

— Ele reage à temperatura do teu corpo — puxou o cinto da última presilha e deixou-o caído em cima da cama entre nós. — É a tua vez.

Puxei a rolha para fora da garrafa. O óleo saía agarrado a ela num fio grosso. Encostei a ponta da vareta ao topo do meu peito. O óleo já estava quente, à temperatura do corpo. Ao arrastar a rolha através da elevação dos meus seios, escorriam dela minúsculos trilhos de óleo, deslizando pela minha pele, como lágrimas espessas. O cheiro a canela e a baunilha parecia penetrar na minha pele, como um êxtase ardente.

Alistair desapertou o botão das calças e, lentamente, desapertou o fecho. Ele trazia roupa interior vermelha, como se se tivesse vestido para condizer com o quarto. O escarlata era tão brilhante que, encostado ao cor-

po, se unia a ele como uma segunda pele. Deitou-se na cama para tirar as calças, olhando para cima para me observar, quando me coloquei sobre ele de joelhos, como ele fizera comigo anteriormente.

Ainda deitado, esticou os braços e fez deslizar as pontas dos seus dedos pelo óleo, espalhando-o pela minha pele. Ajoelhou-se, acariciando a parte exposta dos meus seios com as mãos e tentando introduzir os dedos no interior do vestido para tocar em mais, mas era demasiado apertado. O planeamento antecipado previne situações embaraçosas de contacto físico directo! Ele esfregou o seu próprio peito com as suas mãos cheias de óleo, depois tirou-me a garrafa e passou a rolha pelos meus lábios, como se estivesse a pôr-me batom. O óleo era doce, sentia-o espesso e doce nos meus lábios. Beijou-me, ainda segurando a garrafa com ambas as mãos, fazendo com que o contacto entre nós fosse apenas a boca dele na minha. Ele beijou-me como se saboreasse todo o óleo dos meus lábios. Derreti-me naquele beijo, acariciando o seu peito oleado, sentindo os músculos do seu abdómen moverem-se sob as minhas mãos. A minha mão deslizou um pouco mais para baixo, sobre a sua frente, sentindo-o firme e pronto. Senti-lo assim fez estremecer todo o meu corpo, como uma sobrecarga de energia. Foi nessa altura em que me apercebi de que estava a gostar e que me esquecera do porquê de ali estar.

Afastei-me do beijo e tentei concentrar-me, pensar. Eu não queria pensar. Eu queria tocá-lo e que ele me tocasse. Os meus seios ardiam de desejo pelo seu toque. Chegava a sentir a minha boca arder com a necessidade de me reaproximar dele. Ele inclinou-se em busca de outro beijo e eu arrastei-me para trás, caindo, com a ansiedade de nos manter afastados.

Alistair rastejou até mim de joelhos e com uma só mão. Na outra agarrava a garrafa. Colocou-se sobre mim da mesma forma que uma égua faz sobre o seu potro. O meu olhar percorria continuamente todo o seu corpo até chegar à sua parte dura. Não conseguia manter o meu olhar no seu rosto. Era embaraçoso, e assustador.

— Estúpida — exclamei —, sou tão estúpida. É do óleo. O óleo está enfeitado!

Ouvi a sua voz num sussurro quase severo.

— O óleo é o feitiço.

Não entendi logo à primeira o que ele quis dizer com aquilo, só sabia que não queria mais nada daquilo em cima de mim. Ele começou a abrir a garrafa e eu sentei-me, agarrando-lhe as mãos e mantendo a rolha naquela maldita coisa. Na altura em que lhe toquei nas mãos perdi. Estávamos a beijarmo-nos outra vez, mas eu não o tencionara. Era como se quanto mais nos beijávamos mais eu queria ser beijada, como se aquela vontade se alimentasse a si própria.

Atirei-me, de costas, para a cama, com as mãos a tapar a cara.

— Não! — já sabia o que aquilo era: Lágrimas de Branwyn, Prazer de Aeval, Suor de Fergus. Podia transformar qualquer humano num amante Sidhe por uma noite. Poderia até transformar um amante Sidhe num escravo sexual, caso este não tivesse acesso a outro Sidhe. Diz-se que nenhum ser feérico, não interessa quão talentoso ou poderoso seja, consegue vencer um Sidhe. É possível esquecer a sensação do toque. Pode lutar-se para não se sonhar com corpos brilhantes e olhos de uma magnificência de jóias derretidas, com o toque suave, por todo o corpo, de cabelos compridos até aos tornozelos. No entanto, o desejo permanecerá lá para sempre, quase à superfície, como um alcoólico, que nunca mais poderá tomar uma bebida alcoólica devido ao medo de que apenas uma bebida não seja suficiente para saciar aquela sede.

Gritei, bem alto e durante bastante tempo, sem pronunciar nada inteligível. As Lágrimas de Branwyn tinham outra particularidade. Não há *glamour* que lhe resista. Isto porque não há concentração possível que lhe faça frente. Senti o meu *glamour* desvanecer, a sensação na minha pele era como se todo o meu corpo respirasse fundo.

Baixei as minhas mãos devagar, até estar a olhar para o espelho do tecto. Os meus olhos brilhavam como jóias tricolores. O exterior das minhas íris parecia ouro fundido, no seu interior havia um círculo verde jade e, por fim, um fogo esmeralda ardia em redor das pupilas. Só os Sidhe, ou um gato, podiam ter olhos como aqueles. A minha boca era uma mistura de carmesins: os restos do meu batom e o brilho escarlata próprio dos meus lábios. A minha pele era de uma brancura tão pura que brilhava, como a pérola mais perfeita de todas. A minha pele voltava agora a irradiar luz, como uma vela por trás de um véu. O vermelho-preto do meu cabelo caía em volta de todo aquele brilho como se fosse sangue escuro derramado. Se o meu cabelo fosse preto puro, pareceria a Branca de Neve esculpida em jóias.

Isto não era só eu sem o *glamour*. Era eu quando o meu poder estava activo, quando havia magia no ar.

— Meu Deus, tu és Sidhe! — murmurou ele.

Voltei aqueles olhos incandescentes para Alistair. Esperava ver medo no seu olhar, mas, em vez disso, havia uma espécie de suave espanto.

— Ele disse que virias se fôssemos fiéis, se acreditássemos verdadeiramente, e aqui estás tu!

— Quem disse que eu viria?

— Uma princesa Sidhe com quem nos banquetearíamos — ele falava com reverência, mas as suas mãos deslizaram por baixo do meu vestido, os dedos enrolaram-se no elástico das minhas cuecas. Agarrei-o pelo pul-

so e dei-lhe uma bofetada com a outra mão. Bati-lhe com força suficiente para lhe deixar uma marca vermelha da minha mão na sua face. Já todos tínhamos a prova da qual precisávamos para o meter atrás das grades. Já não tinha de continuar a fingir. Segundo dizem na corte Unseelie, pode pegar-se na energia sexual da poção Lágrimas de Branwyn e transformá-la em violência. Eu ia tentar fazê-lo. Ia mesmo tentar.

Até podia ter resultado, se ele também me tivesse batido, mas não bateu. Deixou cair o seu corpo sobre o meu, colando-me à cama. Como ele estava mais para baixo em relação ao meu corpo, o seu rosto estava exactamente ao mesmo nível do que o meu. Por um instante olhei-o nos olhos e vi o mesmo desejo devastador que eu própria sentia nos meus. A poção das Lágrimas é uma faca de dois gumes. Não pode ser usada para seduzir alguém sem que nós próprios o não sejamos.

Ele fez um som baixinho no fundo da sua garganta e beijou-me. Saciei-me na sua boca, movendo uma mão em direcção ao elástico que prendia o seu rabo-de-cavalo. Arranquei-lho, espalhando o cabelo, que lhe dava pelos ombros, à minha volta como se fosse uma cortina sedosa. Mergulhei as mãos no cabelo dele, segurando com força em dois punhados de cabelo, enquanto explorava a sua boca.

Com a mão que tinha livre tentou chegar ao meu seio, por baixo do meu vestido, mas este continuava demasiado justo. Ele puxou o tecido e o meu corpo estremeceu com a força com que o tecido rasgou, e a sua mão mergulhou dentro do meu *soutien*.

O toque da sua mão no meu seio atirou a minha cabeça para trás, libertou a minha boca da dele. De repente, eu estava a olhar para trás de nós para os espelhos da parede do fundo. Demorei alguns segundos a aperceber-me de que algo não estava bem. Em parte, tratava-se apenas de uma distração. Alistair beijava-me o pescoço, movendo a sua boca ao longo da minha pele, descendo cada vez mais. Em parte era a magia de outra pessoa. Alguém muito poderoso não queria que eu soubesse que nos estavam a observar. Mas os espelhos estavam vazios como os olhos dos cegos. Olhei para o espelho por cima da cama e este também estava vazio, como se eu e Alistair não estivéssemos ali.

Depois senti o feitiço, como uma enorme ferida provocada pela sucção que puxava o meu poder para o exterior, até que este foi sugado através dos poros da minha pele e subiu até à superfície espelhada. O que quer que fosse, estava a alimentar-se do meu poder como se fosse uma sanguessuga com poderes psíquicos. Sugava o poder lentamente, como se o fizesse por uma palhinha. Fiz a única coisa que me veio à cabeça. Enfiei o meu poder pela goela abaixo do feitiço, obriguei a magia a receber o meu poder. Como não estavam à espera desta reacção, a magia enfraqueceu. Consegui ver al-



guém no espelho, mas não era eu nem Alistair. Era alguém alto, esguio, coberto por um manto com capuz, que ocultava cada milímetro do seu corpo. O manto era uma ilusão, uma ilusão para esconder o feiticeiro envolvido nesta magia. Todas as ilusões podem ser desfeitas...

Alistair mordiscou delicadamente o meu seio e a minha concentração despedaçou-se. Olhei para ele à medida que puxava o meu mamilo para dentro da sua boca. A sensação que tive foi a de a sua boca ter desenhado uma linha ardente que ia do meu seio directamente para as minhas virilhas. Fez-me arfar e o meu corpo contorceu-se com o seu toque. Uma pequena parte de mim detestava o facto de este homem conseguir fazer o meu corpo reagir, mas a parte maior havia-se tornado apenas em terminações nervosas e em carne devoradora. Afundava-me cada vez mais fundo nas Lágrimas de Branwyn, afogando-me nelas. Muito em breve deixaria de haver raciocínio, apenas sensações. Não conseguia pensar em evocar poder. Tudo o que conseguia cheirar, sentir, saborear era canela, baunilha e sexo. Aceitei esse sexo, essa necessidade, preenchi a minha mente com eles e enfiei-os no feitiço. O manto oscilou e, por um segundo, quase consegui ver o que se escondia para além dele, mas Alistair ajoelhou-se e bloqueou-me a visão.

Ele puxou a roupa interior para baixo, ancas, depois coxas... e, subitamente, estava eu a olhar fixamente para a sua extensão dura e reluzente. Por um instante faltou-me o ar, não por ele ser assim tão maravilhoso, mas apenas pela urgente necessidade que sentia. Foi como se o meu corpo avisasse a cura para toda esta sofreguidão, e essa cura estava nitidamente junto à barriga de Alistair. Não sei se foi por vê-lo nu ou se foi pelo poder que havia empurrado contra o feitiço, mas sentia-me mais eu própria. Palpitante e ninfomaníaca mas, ainda assim, já era um avanço.

Sentei-me. A parte da frente do vestido estava completamente rasgada, o meu *soutien* havia sido puxado para baixo revelando os meus seios. Disse-lhe:

— Não, Alistair, não. Não vamos fazer isto.

Um formigueiro de energia foi derramado na cama, arrepiando-me por todo o corpo. Alistair olhou para cima como se visse algo, eu não via nada, e disse:

— Mas disseste para usar só pequenas quantidades. Se usasse demasiado podia enlouquecê-la — ele ouviu, de rosto atento. Eu não ouvi nada.

Quem quer que estivesse por trás do espelho não se escondia de Alistair, apenas de mim.

Alistair abriu a garrafa. Ainda tive tempo para dizer «Não.» Estendi a mão como que para me proteger de um ataque. Ele despejou o óleo em mim. Foi como se tivesse sido tocada por uma enorme mão líquida. Não conseguia mexer-me, não conseguia fazer mais nada se não gritar. Ele der-

ramou o óleo por toda a minha frente. O óleo ensopou o vestido, chegando à minha pele. Ele subiu a saia e, desta vez, não consegui impedi-lo. Eu estava imóvel, confusa. Ele entornou o óleo no cetim das minhas cuecas e eu caí de costas na cama, a minha coluna arqueava, as minhas mãos trepavam pelos lençóis. Parecia que a minha pele estava a inchar, a esticar com um desejo que reduzia o mundo à necessidade premente de ser tocada, agarrada, possuída. Nem teria interessado por quem. O feitiço não queria saber, e eu também não. Abri os braços ao homem nu ajoelhado sobre mim. Ele desmoronou em cima de mim. Conseguiu senti-lo colado e pesado contra o cetim das cuecas. Até aquele fino pedaço de tecido era insuportável. Eu queria-o dentro de mim, desejava-o mais do que alguma vez desejara alguém ou alguma coisa.

De seguida, algo desceu, flutuando, do espelho. Era um minúsculo ponto negro, mas consegui prender a minha atenção, forçou-me a prestar atenção. Aproximou-se e pude ver que se tratava de uma pequena aranha, suspensa por um fio de seda. Observei como a pequena aranha flutuou lentamente até ao ombro de Alistair. A aranha era pequena e preta e brilhante, como couro envernizado. O meu corpo estava mais calmo, a minha mente mais límpida. Jeremy conseguira fazer chegar algo até mim. Apercebera-me agora que o feiticeiro para lá do feitiço os impedira a todos de entrar na casa.

Senti a ponta suave do pénis de Alistair deslizar pelo lado das minhas cuecas e tocar na minha humidade cada vez mais acentuada. Fez-me gritar, mas eu ainda conseguia falar, conseguia pensar. Se eu agora não conseguisse escapar seria, realmente, violação.

— Pára, Alistair, pára! — debati-me para conseguir sair debaixo dele, mas ele era demasiado grande, demasiado pesado. Eu estava encurralada. Ele começou a exercer força para entrar em mim. Meti uma mão entre as virilhas dele e as minhas. Ele já tivera mais que oportunidade para me penetrar, mas a mão parecia distraí-lo. Tentou chegar à minha mão, tentou retirá-la para poder acabar.

Eu gritei:

— Jeremy!

Enquanto Alistair e eu lutávamos devido à localização das minhas mãos, vislumbrei o espelho. Estava coberto por uma névoa cinzenta e rodopiante. Tremeu, ondulando como se fosse água. Curvou-se para fora, como se fosse uma bolha. Só então descobri que o feiticeiro era Sidhe. Ele ou ela estava a esconder-se de mim, mas quando observei os espelhos, vi que era magia Sidhe. Nessa altura Alistair ganhou a luta e penetrou-me. Eu gritei, um grito metade como protesto e metade de prazer. A minha mente não queria que isto acontecesse, mas o óleo ainda dominava o meu corpo. Gri-

tei «Não!», mas as minhas coxas contorceram-se por baixo dele, tentando ajudá-lo a deslizar para dentro de mim. Eu queria, precisava que ele estivesse dentro de mim, de sentir o seu corpo nu dentro do meu. Contudo, continuei a gritar:

— Não!

Alistair hesitou e saiu de dentro de mim recuando a pequena distância que entretanto conquistara, ajoelhando-se e coçando as costas. Ele ficou com uma pequena mancha vermelha. Esmagara a aranha. Outra pequena aranha preta rastejou pelo braço dele abaixo. Ele bateu-lhe. Outras duas aranhas rastejaram pelos seus ombros. Ele tentou tocar no meio das próprias costas, virando-se como um cão que persegue o próprio rabo, e então vi-lhe as costas. A pele rasgara e uma onda de minúsculas aranhas pretas emanava de dentro dele. Elas espalhavam-se por ele como água preta, como uma segunda pele cortante e em movimento. Ele gritou, arranhando as costas e esmagando algumas, mas apareciam cada vez mais, até que ele se tornou num amontoado agitado de aranhas. Elas entraram-lhe na boca enquanto ele guinchava e asfixiava, mas mesmo assim continuou a gritar.

Todos os espelhos vibravam, respirando, o vidro ora esticava para fora ora esticava para dentro, como se fosse de plástico ou algo vivo. Ouvi a voz de um homem na minha mente: «Mete-te já debaixo da cama!» Não discuti. Rebolei para fora da cama e rastejei para debaixo dela. Os lençóis vermelhos caíam pelas extremidades, escondendo tudo excepto uma fina lasca de luz.

Ouviu-se um barulho de vidro a partir, como se mil janelas se partissem ao mesmo tempo. Os gritos de Alistair desapareceram sob o barulho de vidro a cair. O vidro irrompeu no tapete como granizo frágil, com um tinido, um som agudo.

Gradualmente, e à medida que o vidro ia acabando de cair, o quarto foi invadido pelo silêncio. Ouvi o som de madeira a ser despedaçada. Não consegui ver, mas pensei que fosse a porta.

— Merry, Merry! — era Jeremy.

Roane gritou:

— Merry, Santo Deus!

Rastejei até à beira da cama e levantei a orla do lençol, vendo o chão coberto por um brilho prateado. Chamei:

— Estou aqui. Estou aqui — estiquei a minha mão para fora da cama e abanei-a, todavia, não podia avançar mais sem que me cortasse no vidro.

Uma mão agarrou a minha e alguém estendeu um casaco por cima do vidro para que Roane pudesse puxar-me de debaixo da cama. Só depois de ele já estar a embalar-me nos seus braços é que me lembrei que estava coberta de Lágrimas de Branwyn, e o que isso poderia significar para am-

bos. No entanto, ao vislumbrar o que estava por cima da cama fiquei sem palavras. Penso que me esqueci de respirar durante um segundo ou dois.

Roane levou-me ao colo em direcção à porta. Olhei por cima do seu ombro, para o que estava em cima da cama. Eu sabia que era um homem. Até sabia que era Alistair Norton, mas se não soubesse para o que estava agora a olhar nunca teria imaginado que era um humano. O contorno era tão carmesim quanto os lençóis em que estava depositado. O vidro desfizera-o em tanta carne crua. Não consegui ver as aranhas sob todo aquele sangue. Sabia duas coisas, talvez três. Primeira, o mago do outro lado do feitiço era Sidhe; segundo, ele ou ela tentara matar-me; terceiro, se Jeremy não tivesse conseguido enviar um feitiço através do escudo de protecção, eu seria apenas uma massa informe vermelha mais pequena, na cama ensopada em sangue. Eu devia um grande favor a Jeremy.



## CAPÍTULO 6

A Polícia não permitia que eu tomasse um banho, nem sequer me deixavam lavar as mãos. Quatro horas depois de Roane me ter tirado do quarto, eu continuava a tentar explicar à Polícia o que tinha acontecido a Alistair Norton. Não estava a ter grande êxito. Ninguém acreditava na minha versão do que acontecera. Já todos tinham visto a filmagem e continuavam a não acreditar em mim. Penso que o único motivo pelo qual ainda não me haviam acusado pelo homicídio de Alistair Norton foi o facto de terem descoberto que eu era a princesa Meredith NicEssus. Eles sabiam, e eu sabia, que tudo o que tinha de fazer era recorrer à imunidade diplomática e podia sair dali. Portanto, eles não tinham pressa alguma em acusar alguém.

O que eles não sabiam era que a minha vontade de evitar envolver os diplomatas era tão grande quanto a deles. Assim que eu pedisse imunidade diplomática eles entrariam em contacto com o Departamento de Relações Humano-Feéricas. Entrariam em contacto com o embaixador das cortes Sidhe. O embaixador entraria em contacto com a rainha do Ar e da Escuridão. Ele contar-lhe-ia exactamente onde eu estava. Conhecendo, como conheço a minha tia, ela dir-lhes-ia para me manterem a «salvo» até que a sua Guarda chegasse e me levasse de volta para casa. Eu estaria encurralada como um coelho apanhado numa armadilha, até alguém chegar e me partir o pescoço, levando-me para casa como um troféu.

Sentei-me na pequena mesa, com um copo de água à minha frente. O cobertor que os paramédicos me tinham dado estava embrulhado nas costas da cadeira. O cobertor servira para me manter quente em caso de entrar em choque e para tapar o vestido rasgado na parte da frente. Eu passara as últimas horas cheia de frio e a dar uso ao cobertor, mas no restante tempo sentia-me como se o meu sangue corresse nas veias a ferver. Tanto estava a tremer de frio como quase a transpirar, uma mistura de estado de choque e Lágrimas de Branwyn. Passar de um extremo para o outro provocara-me uma tremenda dor de cabeça. Ninguém me dava nada para

me aliviar a dor de cabeça, porque pretendiam levar-me para o hospital em breve — sempre em breve, nunca agora.

Quando os primeiros reforços policiais chegaram eu ainda brilhava suavemente. Não seria capaz de aplicar o *glamour* a mim própria enquanto o óleo estivesse no meu sistema. Por isso, não podia esconder-me. Alguns dos primeiros policiais a chegar reconheceram-me; um deles dissera: «Você é a princesa Meredith.» A suave noite californiana respirara ao nosso redor e eu soube de imediato que era uma mera questão de tempo até a rainha do Ar e da Escuridão mandar alguém para investigar o mais recente murmúrio. Eu tinha de sair da cidade antes que isso acontecesse. Tinha pelo menos mais uma noite, talvez duas, até a Guarda da minha tia chegar. Mas já estava a ficar cansada de responder sempre às mesmas perguntas.

Então porque é que continuava sentada naquela cadeira dura, olhando através daquela pequena mesa para um detective que nunca vira na minha vida? Primeiro, mesmo que sáísse dali sem ser acusada ou sem pedir imunidade diplomática, eles entrariam em contacto com o poder político. Fá-lo-iam para se protegerem a eles próprios. Segundo, eu queria que o detective Alvera acreditasse em mim acerca da poção Lágrimas de Branwyn e acerca do quão perigoso era se houvesse mais óleo por aí à disposição de qualquer um! Provavelmente teria sido um presente do Sidhe que planeava o feitiço de sucção. Aquela garrafa poderia ser a única que alguém fora das cortes possuía. Esse era o melhor cenário. No entanto, se houvesse a menor possibilidade de os humanos, com ou sem ajuda Sidhe, terem descoberto a forma de produzir a poção Lágrimas de Branwyn e esta estivesse já à venda, então a sua comercialização teria de ser impedida.

É claro que havia outra possibilidade. O Sidhe que ajudara Norton a montar o seu esquema de violação mágica também podia ter dado Lágrimas de Branwyn a muitos outros. Este era, possivelmente, o mais provável dos dois piores cenários, contudo, eu não podia contar à polícia que outro Sidhe havia estado envolvido com Alistair Norton. Se se quisesse manter todas as partes do corpo unidas, não se expõem problemas Sidhe à polícia humana.

A Polícia é muito boa a detectar mentiras ou, talvez para poupar tempo, apenas assume que toda a gente está a mentir. O detective Alvera não gostava da minha versão da história, fosse por que motivo fosse. Ele sentou-se à minha frente, alto, escuro, esbelto, com umas mãos demasiado grandes em comparação com os seus ombros estreitos. Os seus olhos eram de um castanho compacto, rodeados por pestanas tão escuras que chamavam a atenção para eles, ou talvez fosse só do estado em que eu estava nesta noite. Jeremy aplicara um escudo de protecção sobre mim, de forma a ajudar-me a controlar as Lágrimas. Traçara runas na minha testa

com o seu dedo e o seu poder. Para a Polícia não eram visíveis, mas, se me concentrasse, conseguia senti-las como um ardor gelado. Só a Deusa sabe o que eu já teria feito, se não fosse o feitiço de Jeremy! Algo constrangedor e promíscuo. Mesmo estando protegida pelas runas, estava bastante consciente de todos os homens na sala.

Alvera observava-me com um olhar encantador e desconfiado. Observei como o contorno dos seus lábios pronunciava as palavras, que boca tão magnânima, tão irresistível.

— Ouviu o que acabei de dizer, senhora NicEssus?

Pestanejei e apercebi-me de que não tinha ouvido nada.

— Desculpe, detective. Podia repetir?

— Penso que este interrogatório termina por aqui, detective Alvera — disse a minha advogada. — É óbvio que a minha cliente está muito cansada e em estado de choque.

A minha advogada era uma das sócias da sociedade James, Browning & Galan. Galan era ela. Normalmente quem tratava das questões legais da Agência de Detectives Grey era Browning. Penso que viera Eileen Galan, porque Jeremy mencionara a parte da violação. A presença de uma mulher seria mais complacente, ou, pelo menos, era essa a teoria.

Ela sentou-se ao meu lado, no seu fato com saia listrado, tão asseado e engomado que parecia que tinham acabado de a desembrulhar. O seu cabelo louro, que começava a ficar grisalho, tinha um corte perfeito; a maquilhagem não apresentava qualquer defeito. Até os seus sapatos pretos de salto alto estavam brilhantes. Eram duas da manhã e Eileen aparentava ter acabado de tomar um poderoso pequeno-almoço e estar ansiosa por saudar o dia.

O olhar de Alvera percorreu-me desde o meu *soutien push-up*, que expunha os meus seios quase por completo, até aos meus olhos, no final.

— A mim não me parece nada que esteja em estado de choque, senhora doutora!

— A minha cliente foi violada, detective Alvera. No entanto, ainda não foi levada para um hospital, nem foi examinada por um médico. Eu ainda não exigi nada disso pelo único motivo de a minha cliente estar determinada a responder às suas perguntas e ajudar-vos nesta investigação. Francamente, começo a achar que a minha cliente hoje já não se encontra em condições de proteger os seus próprios interesses. Eu vi a forma como ela foi brutalizada naquela gravação. A minha intervenção na protecção dos direitos da Meredith é necessária, mesmo que ela a não pretenda.

Alvera e eu olhámo-nos através da mesa. As palavras que ele proferiu seguidamente foram ditas olhando-me directamente, olhos nos olhos.

— Eu também vi a filmagem, senhora doutora. Pareceu-me que, na

maior parte do tempo, a sua cliente estava a divertir-se. Ela dizia «não», mas o seu corpo continuava a agir como «sim».

Alvera não me conhecia o suficiente para saber que eu não cederia sob a pressão do seu olhar de aço e dos seus insultos. Já normalmente não resultaria, quanto mais esta noite, em que eu estava demasiado entorpecida para responder às suas provocações por tão pouco isco.

— Isso é um insulto, detective Alvera, não apenas para a minha cliente, mas para todas as mulheres em geral. Este interrogatório termina aqui. Vou apenas aguardar por escolta policial até ao hospital para que se realizem os exames de violação.

Ele limitou-se a olhar para ela com aqueles olhos bonitos e cansados.

— Uma mulher pode, continuamente, dizer não, para parar, mas não pode culpar o homem se ela insiste em brincar com a pila dele, transmitindo mensagens contraditórias!

Sorri, abanando a cabeça.

— Acha isto engraçado, senhora NicEssus? A gravação pode vir a abrir um processo por violação, mas também a mostra a transformar Alistair Norton num amontoado de carne crua.

— Uma vez mais: eu não matei Alistair Norton. Relativamente à violação, das duas uma: ou está deliberadamente a tentar insultar-me, com o intuito de me enervar ao ponto de eu dizer algo indiscreto, ou o senhor é meramente um porco chauvinista machista. Se a primeira opção for a correcta, então está a perder o seu tempo. Se a segunda for a correcta, está a fazer perder o meu.

— Peço desculpa se ter de responder a perguntas acerca de um homem que deixou a esvaír-se em sangue até morrer, na sua própria cama e na sua própria casa, ser uma perda do seu tempo!

— Que tipo de homem tem uma casa cuja existência é desconhecida pela própria mulher? — perguntei.

— Ah, como ele andava a trair a mulher, merecia morrer, é isso? Eu sei que vocês, seres feéricos, são um bocado obcecados pelo casamento e pela monogamia, mas pura execução parece-me um pouco severo.

— A minha cliente já afirmou variadíssimas vezes que não foi ela quem lançou o feitiço, que fez com que os espelhos se partissem!

— Mas ela está viva, doutora. Se não foi ela que o lançou, como é que soube que precisava abrigar-se?

— Eu já lhe disse que reconheci o feitiço, detective Alvera!

— Então porque é que o senhor Norton não reconheceu o feitiço? Ele tem reputação de ser um poderosíssimo mago. Ele também se deveria ter apercebido.

— Já lhe disse que as Lágrimas de Branwyn afectam os humanos com



muito maior intensidade do que afectam os Sidhe. Ele não estava tão atento ao que se passava em seu redor quanto eu.

— De onde vieram as aranhas?

— Não sei. — Eu não lhe contaria que as aranhas tinham sido criadas por Jeremy, porque depois começariam a acusá-lo pelos espelhos, ou talvez a acusarem-nos a ambos de conspiradores.

Ele abanou a cabeça.

— Confesse! Foi em legítima defesa.

— O único motivo para eu ainda aqui estar sentada é porque quero que vocês, Polícia, entendam o quão perigoso este óleo encantado pode ser. Se houver mais poção Lágrimas de Branwyn por aí, vocês têm de a encontrar e destruí-la.

— Feitiços de luxúria não funcionam, senhora NicEssus. Os afrodisíacos não funcionam. Uma poção mágica que faz com que uma mulher abra as pernas para um homem que não deseja é treta. Isso não existe.

— Se a poção chegar às mãos da população em geral, vai realmente desejar que não existisse. Talvez o Norton possuísse a única garrafa, mas só para prevenir de que não há mesmo mais, por favor, procurem os amigos dele!

Ele folheou o bloco de notas, que se mantivera em cima da mesa, sem que ninguém lhe pegasse durante muito tempo.

— Pois, Liam, Donald e Brendan, nada de sobrenomes. Dois dos quais têm orelhas de fada, todos têm cabelo comprido. Claro, nós vamos encontrá-los, sem problema algum! Como é óbvio, eles poderão é não ser uma prioridade visto que não recaem sobre eles quaisquer acusações de crimes de assassinato.

Eileen voltou a levantar-se.

— Vamos, Meredith, este interrogatório chegou ao fim, e estou a falar a sério! — Ela olhou-nos como se ambos fossemos alunos desobedientes do primeiro ano e que não nos atreveríamos a discutir com ela. Eu estava cansada e eles nunca acreditariam em mim relativamente às Lágrimas de Branwyn. Levantei-me.

Alvera também se levantou.

— Sente-se, Meredith!

— Já nos tratamos pelo nome próprio, Alvera? Eu não sei o seu.

— É Raimundo. Agora sente-se!

— Se — disse eu —, se eu pedir imunidade diplomática, saio imediatamente daqui e não interessa quem está certo ou quem está errado. — Olhei para ele e, graças ao escudo de protecção de Jeremy, consegui olhá-lo apenas nos olhos. Se eu me concentrasse, quase nem me aperceberia do contorno do seu lábio superior.

Observou-me durante imenso tempo antes de dizer:

— O que a impediria de pedir imunidade diplomática e sair por aquela porta, princesa?

— O facto de acreditar em mim no que diz respeito ao óleo da luxúria, Raimundo.

Ele sorriu.

— Com certeza, eu acredito em si.

Abanei a cabeça.

— Pouca sorte, detective. Mentir não vai manter-me nesta sala. — Eu estava, mais ou menos, a fazer *bluff*. Esperei que ele não se apercebesse disso.

— O que manterá? — perguntou.

Tive uma ideia. Eu tinha de provar à Polícia o quão perigosa poderia ser a poção Lágrimas de Branwyn. Relações sexuais com um Sidhe atormentariam um humano para sempre, mas só uma amostra não provocaria danos permanentes. Talvez alguns sonhos, ou uma pitada extra de sofreguidão no quarto, durante algum tempo, mas nada de mal. Para se ultrapassar a barreira de segurança era necessária a junção dos corpos e da magia de uma forma muito mais íntima. Se todos partilhássemos uma simples amostra, todos sobreviveríamos.

— E se eu conseguisse provar-lhe que o óleo da luxúria funciona?

Ele cruzou os braços e conseguiu colocar um ar ainda mais cínico, o que eu não imaginara ser possível.

— Sou todo ouvidos.

— Não acredita que nenhum feitiço é capaz de o fazer desejar ardentemente uma pessoa estranha de forma instantânea, certo?

Ele assentiu.

— Certo.

— Dá-me autorização para lhe tocar, detective?

Ele sorriu, o seu olhar passeando-se pela parte da frente do meu vestido. Tive esperança de que ele estivesse a ser injurioso intencionalmente porque, se assim não fosse, não era lá muito esperto e eu precisava que ele fosse um bom profissional. Com um caso politicamente delicado como este, Alvera ou era o melhor ou o pior que eles tinham. Ou eles estavam à espera que aqui o superdetective pusesse tudo em pratos limpos ou estavam a entregá-lo, antecipadamente, como uma espécie de bode expiatório para quando a coisa se complicasse. Tinha tido algumas esperanças de que se tratasse do super detective, mas agora começava a inclinar-me mais para o bode expiatório. É claro que, como eu estava a mentir acerca de várias coisas, talvez eu até nem quisesse que ele fosse bom no que fazia. Porém, eu não estava a mentir acerca daquilo que ele pensava que eu estava a mentir. Palavra de honra.

— Há um minuto atrás já era Raimundo para si. Agora pede-me autorização para me tocar e volto a ser detective?!

— Chama-se a isso técnica de distanciamento, detective Alvera — respondi.

— E eu que pensei que pretendesse aproximar-se e tornar-se íntima, e não distante!

Ouvi Eileen Galan ganhar fôlego para tomar a palavra e detive-a, levantando-lhe a minha mão.

— Não há problema Eileen, ele não podia ter chegado a detective se fosse assim tão imbecil, por isso, só pode estar a tentar lançar-me a isca. Não sei o que é que ele espera ganhar com isso.

O humor escorreu-lhe dos olhos, deixando-os frios e escuros, indecifráveis como pedra.

— A verdade era bom.

— Durante horas comportou-se aqui dentro. De repente, nos últimos trinta minutos consegui dirigir-me insultos sexuais várias vezes e tem estado a olhar fixamente para os meus seios. Porquê a mudança?

Aqueles olhos frios fixaram-se no meu rosto por um segundo ou dois.

— Ser metódico e profissional não estava a levar-me a lugar algum.

— Eu figuro nos relatórios iniciais como vítima de violação, quer acredite ou não. A sua conduta durante a última meia hora poderia colocá-lo do lado errado de um processo por assédio sexual.

Os seus olhos saltaram para a minha ainda silenciosa advogada, e depois de novo para mim.

— Tenho visto muitas vítimas de violação, princesa. Levei-as ao hospital, segurei-lhes na mão enquanto choravam. Uma menina tinha apenas doze anos. Estava tão traumatizada que nem conseguia falar. Levou-me nove dias de trabalho com um psicólogo até conseguir que ela me dissesse os nomes dos agressores. Você não age como uma vítima de violação.

Abanei a cabeça.

— Homem... arrogante — fiz a primeira palavra soar como o pior dos insultos. — Alguma vez foi violado, Raimundo?

Ele pestanejou, mas o seu olhar permaneceu neutro.

— Não.

— Então não se atreva a presumir que sabe como é suposto eu estar a sentir-me, ou como devo agir, ou o raio que o partam. Esta noite não me sinto tão destroçada. Em parte deve-se ao maldito feitiço, mas outra parte, detective, deve-se ao facto de, no que diz respeito a violações, esta não ter sido das piores. A Eileen referiu que eu fui brutalizada. Bem, ela é advogada. Posso perdoar-lhe pela escolha do vocabulário, mas ela não pode saber o que a palavra significa. Ela nunca viu o que um homem é capaz de fazer

a uma mulher se realmente quiser magoá-la. Já vi brutalidades, detective, e o que aconteceu hoje à noite não foi assim tão violento, mas só porque não estou a esvair-me em sangue ou porque o meu rosto ainda é reconhecível sob as nódoas negras, não quer dizer que não tenha sido violação.

Algo passou pelos seus olhos, algo que não consegui decifrar, e depois voltaram a transparecer nada.

— Não foi a primeira vez que isto lhe aconteceu, pois não? — a sua voz soou suave, delicada.

Olhei para o chão, com medo de o olhar nos olhos.

— A mim não, detective, a mim não...

— Uma amiga — retorquiu no mesmo tom de voz delicado.

Nessa altura, voltei a erguer o olhar e a súbita demonstração de compaixão quase me deixou de rastos, quase fez com que eu quisesse abrir-me com ele. Quase. Lembrei-me do rosto de Keelin transformado numa máscara de sangue, uma das suas órbitas foi de tal modo esmagada que o olho dela ficara pendurado sobre a sua face. Se ela tivesse nariz, este também estaria totalmente partido, mas a mãe dela era uma Brownie<sup>7</sup> e eles não têm narizes humanos. Três das suas pernas haviam sido mantidas em ângulos tão estranhos que ficaram como as patas partidas de uma aranha. Nenhum curandeiro Sidhe tentaria salvá-la por ela estar tão próximo da morte, e não arriscariam as suas próprias vidas por uma duende Brownie mestiça. O meu pai levava-a para um hospital humano e denunciara o ataque às autoridades. O meu pai era o príncipe das Chamas e da Carne, e até a sua irmã, a rainha, tinha medo dele, por isso ele não foi castigado por ter permitido a entrada dos humanos no nosso mundo. Tudo isto estava registado. Podia falar sem recear ser castigada. Era tão bom saber que podia contar toda a verdade sobre alguma coisa esta noite!

— Conte-me! — disse ele, num tom de voz que se suavizara ainda mais.

— Quando tínhamos dezassete anos, a minha melhor amiga Keelin Nic Brown foi violada — a minha voz soava de forma delicada e vazia, como haviam estado os olhos de Alvera momentos antes. — Partiram-lhe todos os ossos em volta de um dos olhos, de tal forma que o olho ficou pendurado por uns fiozinhos sobre a sua face — respirei fundo e repeli a memória, só me apercebendo de que a afastara com as minhas mãos quando terminei o movimento, como se isso ajudasse. — Já vi pessoas espancadas, mas não daquela forma, nunca assim. Eles tentaram espancá-la até à morte e estiveram muito próximo de o conseguir — sentia-me calma novamente. Não ia

---

<sup>7</sup> Tipo de duende que realizava as tarefas domésticas de uma família durante a noite, em troca de presentes. (N. da T.)

chorar. Estava contente. Detestava chorar. Chorar fazia sempre sentir-me muito frágil.

— Lamento! — disse ele.

— Não sinta pena de mim, detective Alvera. Assistir ao processo de cura da Keelin tornou-me capaz de quantificar a violência. Se não for algo semelhante ao que fizeram à Keelin, então não é assim tão mau. Fez-me ultrapassar algumas coisas verdadeiramente horríveis sem histerismos.

— Como hoje à noite — disse ele no mesmo tom de voz de convencer-o-suícida-a-não-saltar-para-o-precipício.

Eu assenti.

— Sim, como esta noite, apesar de admitir que o que aconteceu ao Alistair Norton foi uma das piores coisas que alguma vez vi, e já vi coisas mesmo muito más. Eu não o matei. Não estou a dizer que não o teria feito caso ele tivesse terminado a violação. Assim que recuperasse dos efeitos do feitiço da luxúria, tê-lo-ia perseguido. Não sei. Mas alguém tratou disso por mim.

— Quem? — perguntou.

A minha voz baixou para um murmúrio.

— Quem me dera saber, detective. Gostava mesmo de saber quem foi.

— Precisa mesmo de me tocar de modo a provar que esse óleo da luxúria realmente existe?

Acenei afirmativamente.

— Tem a minha autorização — disse Alvera.

— Se eu provar que o feitiço da luxúria existe, manda chamar a brigada de narcóticos?

— Sim.

— Promete? — perguntei — Dá-me a sua palavra de honra?

O seu olhar tornou-se sério. Ele pareceu compreender que a sua palavra teria algum valor para mim, ao contrário de um humano. Por fim, acenou que sim.

— Sim, dou-lhe a minha palavra.

Olhei de relance para Eileen Galan e para trás, para o espelho falso colocado na parede do fundo.

— Deu a sua palavra perante testemunhas. Os próprios Deuses estarão atentos se quebrar a sua promessa.

Ele assentiu.

— Devo ficar à espera de algum relâmpago?

Abanei a cabeça.

— Não, um relâmpago não.

Ele começara a esboçar um sorriso, mas quando se apercebeu de que eu não estava a achar piada, o sorriso desapareceu.

— Eu cumpro as minhas promessas, princesa.

— Espero que sim, detective, para o bem de todos nós.

Eileen levou-me para um dos cantos, alguns passos afastada do detective.

— O que planeia fazer, Meredith?

— Pratica algum tipo de arte mística? — perguntei.

— Sou advogada, não sou nenhuma bruxa!

— Então limite-se a observar. Vai ser do género auto-explicativo — afastei-me dela suavemente, em direcção a Alvera. Mantive-me mais afastada do que teria feito normalmente, aproximei-me apenas o suficiente para poder tocar-lhe. Eu tivera óleo nos meus dedos, contudo, grande parte já havia sido limpo. Eu queria que isto resultasse mesmo, por isso passei os dedos entre os meus seios, onde o óleo permanecia escorregadio e brilhante. As Lágrimas de Branwyn tinham um longo prazo de vida. Estiquei a mão em direcção ao rosto de Alvera.

Ele inclinou-se para trás ficando fora do meu alcance.

Ergui-lhe o sobrolho, de braço ainda esticado no ar.

— Disse que podia tocar-lhe!

Ele assentiu.

— Desculpe, é o hábito — avançou um passo na minha direcção, mas posicionou-nos de forma a que o nosso público, por trás do espelho falso, tivesse plena visão sobre nós. Ele tornou-se visivelmente imóvel como aço, para não voltar a esquivar-se. Eu não tinha a certeza do porquê de ele não querer que eu lhe tocasse, se era por eu ser feérica, ou porque achava que acabara de matar alguém através de magia, ou por alguma coisa esotérica típica dos polícias!

Passei as pontas dos meus dedos pelos seus lábios até brilharem como se tivesse aplicado *gloss*. Os seus olhos dilataram e ele aparentou estar um pouco atordoado. Eu afastei-me dele e ele tentou chegar perto de mim, tendo-se detido a si próprio seguidamente. Ele cruzou os braços sobre o peito e tentou falar, depois abanou a cabeça.

Regressei para a minha cadeira e sentei-me. Cruzei as pernas e, como o vestido era curto, deu para vislumbrar a beira rendada das minhas ligas. Alvera reparou. Ele observou todos os movimentos que as minhas mãos realizaram ao alisar e compor o vestido. Conseguia ver a pulsação dele no pescoço, saltando sob a pele. Os olhos dilatados, a boca parcialmente aberta, à medida que lutava para se controlar, eram reacções deveras intrigantes. Foi necessário um autodomínio extremo para conseguir não diminuir a distância entre nós e dar o primeiro passo. Eu continuava segura devido às runas de Jeremy, contudo, foi a força de vontade que me impediu de ir até ele.

Eileen Galan observava-nos com uma expressão facial de autêntica perplexidade.

— Escapou-me alguma coisa?

Alvera não retirava os olhos de mim, abraçando-se a si próprio como se receasse mover--se ou até mesmo falar, com medo que o movimento mais insignificante o levasse à loucura e em direcção aos meus braços.

Eu respondi-lhe:

— Sim, escapou.

— O quê?

— Lágrimas de Branwyn — retorqui suavemente.

Alvera fechou os olhos, o seu corpo começava a balançar ligeiramente.

— Está tudo bem consigo, detective? — perguntou Eileen.

Ele abriu os olhos e disse:

— Sim, eu estou... — voltou a olhar para mim. — ...Bem. — No entanto, aquela última palavra foi praticamente inaudível. O seu rosto transparecia uma espécie de pânico como se não acreditasse naquilo em que estava a pensar.

Não sei quanto tempo ele teria aguentado ali, de pé, mas a minha paciência já esgotara por hoje. Bastou apenas que eu passasse a ponta do meu dedo pela pele branca e brilhante dos meus seios.

Ele galgou a distância que nos separava, agarrou-me pelos antebraços, colocando-me de pé. Ele era sensivelmente mais alto do que eu, o que o obrigou a inclinar-se num ângulo esquisito, mas lá o conseguiu. Encostou aqueles lábios irresistíveis contra os meus e, ao primeiro toque, o cuidadoso feitiço de Jeremy desfez-se. Subitamente, tornara-me algo vibrante e carente. O meu corpo ainda exigia terminar aquilo que lhe fora negado anteriormente. Beije-o como se me alimentasse através dos seus lábios suaves, a minha língua pedia por algo mais do seu interior. Acariciei as suas faces com as minhas mãos cheias de óleo. Quanto mais óleo lhe tocava, mais forte se tornava o feitiço. Ele ergueu-me pela cintura, elevando-me até ao nível do seu olhar de forma que não tivesse de se inclinar.

Conseguia senti-lo através das camadas de roupa que nos separavam, quando rodeei a sua cintura com as minhas pernas. Todo o meu corpo vibrava com o seu toque e interrompi o beijo, não para respirar, mas para gritar. O corpo dele pressionou o meu em cima da mesa, a sua virilha roçava incessantemente em mim. Ele era demasiado alto para conseguir beijar-me e manter os nossos corpos colados um ao outro estando deitado na mesa, por isso elevou-se com os braços, como se estivesse a fazer flexões, e manteve o seu corpo pressionado ao meu.

Observei todo o comprimento do seu corpo e, por fim, os nossos olhares encontraram-se. Os seus olhos transpareciam aquela escuridão que, normalmente, só surge no olhar de um homem depois de as roupas despidas e de já não se poder voltar atrás. Agarrei em duas mãos-cheias

da sua camisa e puxei, fazendo voar os botões e desnudando o seu peito e abdómen. Ergui-me, colocando-me numa posição quase sentada, para poder lambe o seu peito, passar com as mãos pelo seu abdómen liso. Tentei introduzir a minha mão nas suas calças, mas o cinto dele derrotou-me.

De repente, a sala estava repleta de polícias e detectives à paisana. Alvera lutou contra eles quando o afastaram de mim. Tiveram de se amontoar por cima dele e de o atirar ao chão. Ele só gritava, sem palavras.

Eu permaneci deitada na mesa, com o vestido levantado até à cintura, e o meu corpo tão ardente e excitado que nem conseguia mover-me. Eu estava furiosa, furiosa por nos terem separado. Sabia que era estúpido. Eu sabia que não queria ter sexo numa sala de interrogatórios, em frente a toda a esquadra e, no entanto... continuava furiosa, ávida.

Um polícia fardado, ainda jovem, estava ao lado da mesa. Ele lutava com todas as forças para não olhar, e resistir. Foi fácil agarrar-lhe na mão e passar-lhe o óleo no seu pulso. A pulsação dele acelerou contra a minha e ele debruçou-se sobre mim, beijando-me antes que alguém desse conta do que estava a acontecer.

Alguém disse:

— Por amor de Deus, Riley, não lhe toques!

Riley foi agarrado por várias mãos, afastaram-no dos meus lábios, das minhas mãos. Tentei alcançá-lo, sentando-me e gritando:

— Não!

Quando ia saltar da mesa para agarrar num deles, outro detective segurou-me pelos braços e manteve-me sentada na beira da mesa. Ele olhou para as suas próprias mãos, como se as tivesse queimado ao tocar a pele dos meus braços. Então disse, suavemente:

— Ai, meu Deus!

Mesmo antes de se inclinar para me beijar, gritou:

— Alguém que chame elementos femininos imediatamente! — Mais tarde vim a saber que este homem de estatura média, a ficar careca, com mãos fortes e corpo musculado era o tenente Peterson. Tiveram de o algemar antes de poderem tirá-lo da sala.

Eu estava de tal forma enterrada sob uma montanha de elementos femininos que não conseguia mexer-me. Algumas mulheres tiveram o mesmo tipo de problema que os homens, tal como houve, pelo menos, um deles que não tivera problema algum em não me maltratar. Não há nada como ser-se deixado KO no trabalho.

Trouxeram Jeremy de volta para refazer o escudo de protecção. Aca-bei por me acalmar, mas não estava em condições de falar com ninguém. Jeremy garantiu-me que falaria com os agentes da Brigada de Narcóticos por mim, apesar de ele ter a certeza absoluta de que os agentes que haviam



estado na sala comigo seriam suficientemente convincentes quanto aos perigos da poção Lágrimas de Branwyn.

Roane estava à minha espera, com luvas cirúrgicas calçadas, para poder tocar em mim, e um casaco para colocar por cima da minha cabeça, impedindo que as pessoas me reconhecessem. A Polícia fez-nos sair pelas traseiras. Até agora, os meios de comunicação pareciam não saber que eu, finalmente, reaparecera e por que motivos. Mas alguém da esquadra ou da ambulância acabaria por dar com a língua nos dentes. Poderiam fazê-lo por dinheiro ou mesmo acidentalmente, mas os meios de comunicação acabariam por descobrir. Era apenas uma questão de tempo. Uma corrida para ver a quem pertenceriam os cães de caça que me apanhariam primeiro: os jornais sensacionalistas ou a Guarda da Rainha. Se eu estivesse bem, ter-me-ia enfiado no meu carro e fugido para outro Estado naquela mesma noite, ou apanhado o primeiro avião que me levasse para qualquer outro sítio. Contudo, Roane levou-me para o apartamento dele, porque ficava mais perto do que o meu. Eu nem queria saber para onde ele me levava, desde que lá houvesse um chuveiro! Daria em doida se não me libertasse das Lágrimas ou tivesse sexo o mais rápido possível. Estava a apostar num banho. O que eu só me apercebi mais tarde foi que Roane estava a apostar no sexo.



## CAPÍTULO 7

A parte frontal do meu cérebro sabia que eu devia ter obrigado Roane a levar-me até ao meu carro. Tinha um pacote colado com fita-cola por baixo do banco do condutor, com dinheiro e uma nova identidade, composta por uma carta de condução e cartões de crédito. Sempre planeava em simplesmente meter-me no carro e fugir da cidade, ou ir até ao aeroporto mais próximo e apanhar o avião que chamasse a minha atenção. Era um bom plano. Por esta altura a Polícia já teria entrado em contacto com a embaixada e, ainda antes de amanhecer, a minha tia já saberia onde eu estava, quem eu era e o que fizera durante estes três últimos anos.

A traseira primitiva do meu cérebro só queria saltar para cima de Roane, enquanto este conduzia a 130 km/h na auto-estrada. Sentia a pele inchada com tanto desejo. Enquanto estávamos no carro, cheguei mesmo a sentar-me em cima das mãos para não lhe tocar. A última coisa que precisávamos agora era que eu também o contaminasse com Lágrimas. Pelo menos um de nós tinha de se manter plenamente consciente hoje à noite e, enquanto eu não tomasse um banho, essa pessoa não seria eu.

Subi as escadas até ao apartamento de Roane a correr, abraçando-me a mim própria. Levava os dedos tão enterrados nos braços que os deixei cheios de marcas das unhas. Só assim me impedia a mim própria de tocar Roane à medida que ele subia as escadas à minha frente.

Ele deixou a porta aberta e eu segui-o para dentro do quarto. Ficou de pé no centro daquele espaço aberto, amplo. O quarto era estranhamente luminoso, mesmo no escuro, as paredes brancas resplandeciam à luz do luar. No meio de todo aquele brilho prateado entrevia-se o vulto escuro de Roane. Observava o mar, como fazia sempre que entrávamos no apartamento: parava e olhava através das janelas das paredes a sul e a oeste. O mar estendia-se muito para além das janelas, espalhando uma cintilante agitação de prata e escuridão, contornada por espuma branca que cavalgava na beira das ondas, como se fosse renda, à medida que estas se derramavam ao longo da praia.

Eu estaria sempre em segundo plano no coração de Roane, porque o primeiro pertencia ao seu primeiro amor: o mar. Ele continuaria a lamentar a sua perda mesmo quando eu já fosse apenas pó numa sepultura. Ter consciência disso acarretava solidão. A mesma solidão que eu sentira na corte ao assistir à disputa Sidhe provocada por injúrias ocorridas há centenas de anos, ainda antes de eu nascer, e que se manteria séculos após a minha morte. Amarga? Um pouco, mas principalmente muito consciente de que eu não passava de uma intrusa. Eu era Sidhe, por isso não podia ser humana e era mortal, por isso não podia ser Sidhe. Nem era carne nem era peixe.

Apesar da solidão e do sentimento de exclusão, o meu olhar deslizou para a cama. Era um amontoado de lençóis brancos e almofadas dispersas. Roane havia desfeito a cama, mas depois apenas a fizera ao acaso. Ele nunca entendera o porquê de alisar os lençóis se estes estavam lavados. Tive uma súbita visão dele completamente nu naqueles lençóis brancos. Aquela imagem era tão forte que até doía, apertando-me o estômago e revolvendo partes mais íntimas, chegando ao ponto de me custar respirar. Encostei-me à porta fechada até conseguir mexer-me, depois endireitei-me. Não seria manipulada por substâncias químicas e magia. Eu não era nenhuma campônia humana, que acabara de passar pela sua primeira experiência mágica. Como princesa Sidhe que era, ia agir como tal.

Tranquei a porta por trás de mim e nem o barulho do trinco fez Roane virar-se. Ele permaneceria em comunhão com a vista para o mar até estar pronto para mim. Eu não estava com paciência para isso esta noite. Dirigi-me à casa de banho, passando por ele ao atravessar o quarto escuro. Liguei a luz da casa de banho e tive de pestanejar por causa da claridade. Era um compartimento minúsculo, à justa para o banco, o pequeno lavatório e a banheira. A banheira seria muito provavelmente a original da casa visto ser funda, do estilo vitoriano, e parecer muito antiga. A cortina do chuveiro tinha sido pendurada numa calha de ferro por cima da banheira. A cortina tinha focas de todo o mundo, cada uma tinha imprimido o seu nome. Eu encomendara-a através de um daqueles catálogos que se recebe quando se tem formação em Biologia. Encontrei-a no meio das *T-shirts* com animais, velas com a forma de animais, livros sobre a viagem ao Círculo Polar Ártico e de Verões passados a observar lobos em lugares remotos. Roane adorou a cortina e eu adorei oferecer-lha. Gostei ainda mais de fazer sexo com ele no chuveiro, rodeados pela prenda que lhe dera.

De repente lembrei-me do seu corpo nu e molhado, da sensação da sua pele escorregadia por causa do sabonete. Praguejei e afastei a cortina para um lado. Abri a torneira para que a água fosse aquecendo. Tinha de tirar a poção de mim antes que fizesse algo de que me arrependeria. Estaria a salvo esta noite. Não apareceria ninguém à minha porta até amanhã, pelo

menos. Eu poderia receber Roane nos meus braços, saciar as minhas mãos com a sua pele sedosa, cobrir o meu corpo com a proximidade docemente perfumada do seu corpo. Que mal faria?

Eram as Lágrimas a falar, não eu. Se queria sair da cidade, precisava desta noite para clarear a minha mente. A Polícia não ia gostar nada da minha fuga, mas os polícias não me matariam e a minha família sim. Que raio, no estado da Califórnia nem sequer havia pena de morte! O vestido estava tão rasgado à frente que tentei despir as mangas como se fosse um casaco, mas o fecho continuava a mantê-lo no seu devido sítio. A parte da frente do vestido até estava pesada, de tão ensopada que estava em óleo. Nunca conhecera ninguém capaz de desperdiçar algo que até os Sidhe consideravam tão valioso. Talvez o feiticeiro Sidhe estivesse a contar que eu morresse com Alistair Norton e assim ninguém descobrisse o que eram as Lágrimas de Branwyn.

Os Sidhe eram muito presunçosos quanto àquilo que os restantes seres feéricos sabiam e não sabiam. Ele, ela ou eles devem ter pensado que estariam a salvo com a minha morte.

Quem quer que fossem, estes Sidhe haviam dado Lágrimas de Branwyn a um mortal, para que este as usasse contra outros seres feéricos. Esse acto era punível com tortura eterna. Ser-se imortal tem algumas desvantagens. Uma delas é o facto de determinados castigos poderem prolongar-se por muito, muito tempo. Tal como o prazer, claro! Fechei os olhos, como se isso bastasse para afastar as imagens de um passado que regressavam agora à minha mente. Não estava a pensar em Roane. Era em Griffin que pensava agora. Ele fora meu noivo durante sete anos. Se tivéssemos tido filhos ter-nos-íamos tornado marido e mulher. No entanto, nunca o conseguíramos e, no final, houvera apenas sofrimento. Ele traíra-me com outras mulheres Sidhe. Quando «eu» tive o mau-gosto de reclamar, respondeu-me que estava farto de estar com uma semimortal. Ele queria algo genuíno, não uma pálida imitação! Ainda ouvia claramente aquelas palavras mordazes retinindo nos meus ouvidos, mas o que via momentaneamente era a sua pele dourada, o seu cabelo cor de cobre espalhado por todo o meu corpo, a forma como a luz das velas era reflectida pelo seu brilhante comprimento. Não pensara nele durante anos e agora quase podia sentir o seu sabor nos meus lábios.

Enquanto o óleo durasse, só por esta noite, qualquer ser parcialmente feérico, ou qualquer humano, poderia ser Sidhe. Brilhariam com o nosso poder e dariam e receberiam prazer, como se fossem um de nós. Era a oferta suprema mas, tal como todas as ofertas provenientes de Fadas, era uma faca de dois gumes. Os humanos ou os seres feéricos passariam o resto das suas vidas desejosos por aquele poder, aquele prazer. Um humano poderia,

inclusive, definhar e morrer com falta dele. Roane era um ser feérico que perdera a sua magia, a sua pele de foca. Ele já não detinha poder sobre qualquer tipo de magia que o protegesse do que as Lágrimas lhe poderiam fazer.

Sempre soubera que sentia falta do toque de outro Sidhe, mas só agora me apercebera do quanto. Se Griffin estivesse no quarto ao lado, ter-me-ia lançado nos seus braços. Provavelmente ter-lhe-ia trespassado o coração com uma faca de manhã, mas agora, esta noite, lançar-me-ia nos seus braços.

Ouvi Roane por trás de mim, à entrada, mas não me virei. Não queria vê-lo ali de pé. Não estava certa de que a minha força de vontade, já tão abusada, fosse capaz de suportar. A frente do vestido estava completamente rasgada, estragada, contudo, eu própria não conseguia desapertar o fecho.

— Podes desapertar-me o vestido, por favor? — a minha voz soou como se estivesse a ser estrangulada, como se as palavras tivessem de ser arrancadas dos meus lábios. Penso que se devia ao facto de que o que realmente queria dizer era: «Possui-me, meu ganhão!», só que isso seria demasiado indigno para ele e ele merecia melhor. Bem melhor do que apenas ser deixado para trás com um desejo insaciável por algo que jamais poderia ter novamente. Eu poderia deixar o meu disfarce mágico de lado e continuar a dormir com ele, mas de todas as vezes que ele me tocasse, na minha verdadeira forma, só estaria a alimentar cada vez mais esse vício.

Ele desapertou-me o vestido, as mãos subindo para ajudar a fazê-lo deslizar pelos meus ombros. Fugi dele.

— Não me toques! Estou encharcada em Lágrimas.

— Mesmo tendo as luvas calçadas? — perguntou.

Esquecera-me das luvas cirúrgicas.

— Não, acho que estás em segurança com as luvas calçadas.

Ele retirou o tecido dos meus ombros, devagar, cuidadosamente, como se receasse tocar-me. Tirei os braços mas o tecido estava tão espesso por causa do óleo que o vestido não descolava do meu corpo. Estava grudado a mim como uma mão grande, pesada, sugando a minha pele à medida que tentava removê-lo do meu corpo. Roane ajudou-me a puxar o tecido molhado, para que este passasse nas minhas ancas, ajoelhando-se de modo a que eu pudesse sair do vestido. Não conseguia equilibrar-me bem nos saltos altos e praguejei por não os ter tirado antes. Eu fechara os olhos para não o ver enquanto ele me ajudava a despir. Toquei-lhe no ombro para me equilibrar nos saltos altos e quase caí, porque acabara de tocar na sua pele com a minha mão.

Quando abri os olhos, dei com ele ajoelhado à minha frente, todo nu, à excepção das luvas que mantinha calçadas. Tropecei de forma tão desajeitada, ao tentar afastar-me dele, que caí de rabo dentro da banhei-

ra, esticando uma mão à minha frente para que ele não se aproximasse. A água em que estava agora sentada já atingira, aproximadamente, 2,5 cm de altura, por isso tateei à procura das torneiras para as fechar. Apesar de ter sido melhor se as tivesse deixado abertas e me tivesse arrastado para debaixo delas.

Roane ria.

— Achei que conseguia desapertar-te o vestido sem que te apercebesse, mas nunca me passou pela cabeça que fechasses os olhos! — com o vestido ainda nos seus braços, tirou as luvas com os dentes. Enfiou as duas mãos no tecido encharcado em óleo e apertou-o contra o peito despido, abraçando-o.

Eu não parava de abanar a cabeça.

— Não sabes o que estás a fazer, Roane.

Os seus grandes olhos castanhos não transpareciam nada de inocente, quando me olhou por cima da borda da banheira.

— Hoje à noite posso ser Sidhe para ti.

Sentei-me na banheira, como se pretendesse tomar banho em *linge-rie*, e tentei parecer razoável. Parecia que todo o meu sangue abandonara o meu cérebro e se concentrara noutros pontos do meu corpo. O que dificultava bastante conseguir pensar.

— Esta noite não serei capaz de aplicar o meu disfarce mágico, Roane.

— Eu não quero que o faças. Quero estar contigo, Merry. Sem máscaras. Sem ilusões.

— Sem a tua própria magia serás como um humano. Não serás capaz de te proteger da magia. Vais ficar viciado no toque das Fadas.

— Eu não vou definhar e morrer por causa da vontade de ter contacto físico com alguém Sidhe, Merry. Posso ter perdido o poder de praticar magia mas continuo imortal.

— Podes até nem morrer, Roane, mas a tua eternidade será muito tempo para desejares algo que não podes ter!

— Eu sei o que quero! — retorquiu.

Comecei a abrir a boca para lhe contar, pelo menos, uma parte da verdade, parte do motivo por que tinha de me lavar e de sair da cidade. Contudo, ele colocou-se de pé e a minha voz acabou por morrer ainda na garganta. Não conseguia respirar, quanto mais falar. A única coisa que conseguia fazer era olhá-lo fixamente.

Ele espremeu o vestido com tanta força que os músculos dos seus braços se contraíram com o movimento. Escorriam do vestido fios de óleo que, lentamente, deslizavam pelo seu peito, pela suavidade lisa da sua barriga e descendo cada vez mais. Ele já estava liso e firme, mas quando o óleo escorreu sobre ele a sua respiração produziu um silvo agudo. Ele percorreu a sua

barriga com uma mão, espalhando o óleo, como uma película brilhante ao longo da perfeição pálida da sua pele. Eu devia ter-lhe dito para parar, devia ter gritado por ajuda, mas limitei-me a ver a sua mão descer cada vez mais, até se tocar a ele próprio, fazendo o óleo deslizar ao longo da sua firmeza. A sua cabeça foi projectada para trás, de olhos fechados, e palavras romperam da sua garganta tensa num tom alto e ofegante:

— Oh, Céus!

Lembrei-me de haver algo importante que eu devia estar a dizer ou a fazer mas, palavra de honra, não conseguia recordar-me o que era. Estava a pensar em coisas, não em palavras. As palavras abandonaram-me, deixando somente imagens: visão, toque, cheiro e, finalmente, o paladar.

A pele de Roane sabia irresistivelmente a canela e baunilha. Porém, sob esses sabores, havia algo verde, algo parecido com ervas, um sabor leve e puro como se bebesse água directamente do centro da Terra. Por baixo de tudo isso estava o sabor da sua pele, doce, lisa e ligeiramente salgada pelo suor.

Acabámos na cama. Apesar de não me lembrar de a ter tirado, já não tinha a minha roupa interior vestida. Ambos estávamos nus e escorregadios, por causa do óleo, em cima dos lençóis brancos lavados. Sentir o seu corpo deslizar sobre o meu fez com que a minha respiração tremesse por entre os lábios semiabertos. Ele beijou-me, a sua língua explorando-me, e eu abri-me para ele, levantei-me, obrigando a que a sua língua penetrasse a minha boca mais fundo. As minhas ancas moviam-se à medida que nos beijávamos e ele tomou-o como um convite deslizando para dentro de mim, lentamente, até que me senti húmida e pronta e, então, penetrou-me o mais profunda e rapidamente que podia. Eu gritava por baixo dele, erguendo o corpo da cama para depois voltar a cair nos lençóis, olhando-o.

O seu rosto estava a poucos centímetros do meu, os seus olhos estavam tão próximos dos meus que me preenchiam a vista. Ele olhava o meu rosto enquanto se movia dentro de mim, semi-erguido nos seus braços de forma a poder observar como o meu corpo se contorcia por baixo dele. Não conseguia estar quieta. Tinha de me mexer, de me erguer ao encontro dele, até estarmos ao mesmo ritmo. Um ritmo composto pelo bater da carne, pelo ribombar dos nossos corações, pelos fluidos escorregadios dos nossos corpos e pelo latejar de cada nervo. Era como se um único toque equivalesse a várias carícias; um beijo assemelhava-se a centenas de beijos. Cada movimento do seu corpo parecia preencher-me, como água quente espalhando-se dentro de mim cada vez mais, preenchendo a minha pele, os meus músculos, o meu sangue, os meus ossos, até tudo se transformar numa torrente de calor que aumentava e aumentava, como a pressão exercida pela luz do nascer do Sol à medida que a noite se desvanece. O meu corpo cantava. Sentia formigueiro na ponta dos meus dedos e, quando

pensei que já não aguentava mais, o calor transformou-se em ardor e rugiu dentro e para fora de mim. Lá ao longe, ouvi ruídos, gritos. Era Roane e era eu.

Ele desabou sobre mim, subitamente mais pesado. O seu pescoço ficou sobre a minha cara e eu sentia a sua pulsação acelerada saltando contra a minha pele. Permanecemos deitados, entrelaçados um no outro, da forma mais íntima que um homem pode estar com uma mulher, abraçando-nos um ao outro até os nossos corações abrandarem.

Foi Roane quem ergueu a cabeça primeiro, apoiando-se nos braços para poder olhar para mim. A sua expressão era de espanto, como uma criança que descobre um novo divertimento que até ali não conhecia! Não disse nada, limitou-se a olhar-me, sorrindo.

Eu também sorria. No entanto, o meu sorriso escondia um rasgo de anseio. Lembrara-me agora do que me esquecera. Eu devia ter tomado banho e fugido da cidade. Nunca deveria ter tocado em Roane com os nossos corpos cobertos de Lágrimas de Branwyn. Mas o mal estava feito.

A minha voz soou suave, estranha aos meus próprios ouvidos, como se já não nos falássemos há muito tempo:

— Olha para a tua pele!

Ao ver a sua própria pele, Roane emitiu um som agudo como um gato assustado. Desenroscou-se do nosso abraço e sentou-se a observar as suas mãos, os seus braços, tudo. O seu corpo brilhava, produzindo uma luz suave, quase âmbar como fogo reflectido numa jóia dourada, e essa jóia era o corpo dele.

— O que é isto? — perguntou num tom de voz baixo e quase assustado.

— Durante esta noite, és Sidhe.

Ele olhou para mim.

— Não entendo — disse.

Suspirei.

— Eu sei.

Ele colocou a mão mesmo por cima da minha pele. O meu brilho era branco e frio, como a luz da Lua por trás de vidro. O brilho âmbar da sua mão eliminava o brilho branco, tornando-o num amarelo pálido à medida que ele movia a mão por cima da minha pele.

— Que posso fazer com isto?

Vi como movia aquela mão brilhante ao longo do meu corpo, sempre com o cuidado de não tocar na minha pele.

— Não sei. Todos os Sidhe são diferentes. Todos temos poderes diferentes. Diferentes notas numa melodia.

Ele pousou a mão em cima da cicatriz nas minhas costelas, mesmo abaixo do meu seio esquerdo. Apesar de o seu toque não ser frio, a dor que provocou era semelhante às pontadas da artrite quando está frio. Retirei



a sua mão da cicatriz. Era a marca perfeita de uma mão, maior do que a de Roane, mais comprida, com dedos mais esguios. Era castanha e tinha um pouco de relevo. Quando a minha pele brilhava, a cicatriz ficava preta, como se a luz não lhe pudesse tocar, como se fosse um mau sítio.

— Que aconteceu? — perguntou ele.

— Foi num duelo.

Ele voltou a tocar na cicatriz e eu agarrei-lhe a mão, pressionando-a contra a minha, forçando aquele brilho âmbar contra o meu brilho branco. Parecia que as nossas mãos se iam fundir uma na outra, a carne a afastar-se, engolindo-se. Ele afastou-se bruscamente, esfregando a mão no peito, mas esse gesto fez com que ficasse com mais óleo na mão, o que não ajudou! Roane ainda não entendera que apenas tivera uma pequena amostra do que era ser-se Sidhe.

— Cada Sidhe tem um tipo de poder associado às suas mãos. Uns têm o poder de curar através do toque. Outros podem matar. A Sidhe contra quem lutei encostou a mão às minhas costelas. Ela partiu-me as costelas, rasgou-me os músculos e tentou esmagar-me o coração. Fez tudo isto sem me rasgar a pele.

— Foste derrotada no duelo — disse ele.

— Fui derrotada mas sobrevivi, e isso sempre foi vitória suficiente para mim!

Roane ergueu o sobrolho.

— Pareces triste. Eu sei que gostaste. Porquê tanta tristeza? — percorreu a minha face com um dedo, fazendo com que o brilho se intensificasse nos pontos de contacto. Virei--lhe a cara.

— Já é tarde de mais para te salvar, Roane, mas não é demasiado tarde para me salvar a mim própria.

Senti-o deitar-se ao meu lado. Movi-me de modo a impedir que os nossos corpos ficassem deitados muito próximos. Olhei para ele a vários centímetros de distância.

— Salvares-te de quê, Merry?

— Não posso dizer-te porquê, mas tenho de ir embora ainda hoje. Não se trata somente de sair do teu apartamento, mas da cidade.

Ele pareceu-me assustado.

— Porquê?

Abanei a cabeça.

— Se te contasse, colocar-te-ia ainda mais em perigo do que já estás! Aceitou a resposta e não voltou a questionar-me acerca disso.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Sorri, depois ri-me.

— A brilhar como estou, tal e qual a Lua, não posso ir até ao meu

carro, quanto mais ir até ao aeroporto. E não conseguirei aplicar o meu *glamour* enquanto o óleo não se esgotar.

— Até quando dura? — perguntou.

— Não sei — ao olhá-lo reparei que estava flácido, contudo, recuperou rapidamente, como de costume. No entanto, eu sabia algo de que ele não tinha conhecimento. Gostasse ou não, hoje à noite eu era Sidhe.

Apesar de ter demorado algum tempo a fazer a pergunta, questionou:

— Qual é o poder das tuas mãos? — oara perguntar algo que não era dado a conhecer é porque ele realmente estava interessado em saber.

Sentei-me.

— Não tenho nenhum.

Ele olhou-me de lado.

— Disseste que todos os Sidhe têm.

Acenei afirmativamente. — É uma das muitas desculpas que os outros têm usado, ao longo dos anos, para me renegarem.

— Renegarem-te em quê?

— Em tudo — passei a mão pelo seu corpo e a luz âmbar intensificou-se, seguindo o meu toque como uma chama que se altera quando lhe soprarmos para a fazer brilhar mais.

— Quando as nossas mãos se misturaram, isso foi um dos efeitos secundários do poder. Todas as partes dos nossos corpos são capazes de o fazer.

Ele nem pestanejou ao ouvir isto.

Envolvei-o com a minha mão e Roane reagiu, não obstante, derramei poder sobre ele, deixando-o instantaneamente firme, instantaneamente pronto. Fez contrair a sua barriga e obrigou-o a sentar-se, afastando a minha mão de si.

— Isso foi demasiado bom. Chegou quase a doer.

Acenei.

— Sim.

Ele deu um risinho nervoso.

— Pensei que não possuías poder!

— E não possuo, só que tenho descendência de cinco divindades da fertilidade. Consigo fazer com que recuperes a força durante a noite inteira, com a rapidez e a frequência que quisermos — inclinei o rosto na sua direcção. — Esta noite és como uma criança, Roane. Tu não consegues controlar o poder, mas eu consigo. Eu podia deixar-te erecto vezes sem conta, forçando-te a esfregares-te até ficares em carne viva e me suplicares para parar.

Ele tinha-se deitado na cama à medida que me movera por cima dele, até ele ficar a olhar para cima, para mim, de olhos arregalados e com o seu cabelo ruivo caído em volta do rosto. Era quase do mesmo tom que o meu, esta noite... quase. Ele falou com uma voz ofegante:

— Se fizeres isso, também vais ficar em carne viva!

— Imagina como seria se houvesse mais Sidhe no quarto, Roane. Imagina tudo o que poderíamos obrigar-te a fazer, sem poderes impedir-nos — as últimas palavras foram proferidas já entre os seus lábios entreabertos. Ele saltou quando o beijei, como se lhe tivesse doído, mas eu sabia que não era o caso.

Recuei o suficiente para poder ver o seu rosto.

— Estás com medo de mim!

Ele engoliu.

— Sim.

— Ainda bem. Já começa a compreender aquilo que evocaste neste quarto. O poder tem um preço, Roane, e o prazer também. Tu evocaste ambos e se eu fosse outra Sidhe pagarias bem alto por isso — vi como o medo atravessou o seu rosto e lhe preencheu o olhar, o que me agradou. Eu adorava a capacidade que o medo tem de aguçar o sexo. Não o medo aterrorizador, de quando não se tem a certeza que sobreviveremos, mas um receio inferior, que advém do acto de se infligir e sofrer um pouco de dor, de derramamento de sangue, ou seja, nada que não se desejasse. A diferença entre um pequeno jogo e crueldade é enormíssima.

Observei Roane por baixo de mim, aquele corpo doce, aqueles olhos maravilhosos, e só me apetecia arranhar-lhe o corpo perfeito, enterrar os meus dentes na sua carne e fazê-lo sangrar só um pouco em vários sítios. Só de imaginar, senti o meu corpo contorcer-se de excitação em sítios onde a maioria das pessoas não reagiria dessa forma perante a violência, não importa o quão branda fosse. Talvez fosse um mau processamento de estímulos. No entanto, há uma altura em que temos de decidir se aceitamos quem e o que somos ou se nos condenamos a viver uma vida miserável o resto dos nossos dias. Várias pessoas tentarão tornar a nossa vida miserável, não vale a pena ajudá-las fazendo o trabalho delas. Eu queria partilhar um pouco de dor, de sangue, de medo, mas Roane não gostava dessas coisas. Ao magoá-lo não lhe daria qualquer tipo de prazer e eu também não gostava de tortura. Não era nenhuma sádica. Roane nunca teria noção da sorte que tinha por essa minha disfunção não fazer parte dos meus anseios. Contudo, é óbvio que há sempre outros ímpetos.

Eu desejava-o, desejava-o tão ardentemente que não confiava em mim própria, na minha capacidade de ter cuidado. Roane arrastaria consigo a ansiedade por outra experiência como esta até à morte, viesse essa quando viesse. Poderia, porém, carregar consigo mais do que meras cicatrizes psicológicas resultantes desta noite. Isto se eu não tivesse cuidado. Eu não poderia perder todo o meu controlo, nem mesmo sendo Roane Sidhe por esta noite. Ainda assim teria de ser eu a comandar, a decidir o

que faríamos e o que não faríamos. Seria a pessoa encarregada de decidir até onde iriam as coisas. Estava desesperadamente farta de ser sempre eu a estabelecer limites. Não era só de magia que eu sentia falta, mas de ter outra pessoa no comando ou, pelo menos, de alguém como eu. Não queria sentir medo de magoar o meu parceiro. Queria que ele fosse capaz de se defender para que eu pudesse fazer tudo o que realmente desejava sem recear pela sua segurança. Será que era pedir demasiado?

Olhei para trás, para Roane. Estava deitado de costas, com um braço atirado por cima da cabeça e o outro pousado na barriga, uma perna puxada para cima, expondo-se em toda a sua glória. O medo desaparecera do seu rosto deixando apenas desejo. Ele não fazia a mínima ideia de como as coisas poderiam correr mal nas próximas horas se eu não tivesse controlo sobre mim própria.

Escondi a cara com as minhas mãos. Eu não queria ter cuidado. Ansiava por tudo aquilo que a magia me poderia proporcionar esta noite e que se lixassem as consequências. Se eu o magoasse o suficiente, talvez Roane não recordasse esta noite como algo maravilhoso. Talvez ele não viesse a almejá-lo como um qualquer sonho cor-de-rosa. Talvez ele o receasse como a um pesadelo. Uma pequena voz dentro da minha cabeça dizia-me que, provavelmente, seria o melhor a fazer a longo prazo. Fazê-lo ter medo de nós, do nosso toque, da nossa magia, para que ele nunca mais quisesse o toque de mãos Sidhe no seu corpo. Um pouco de dor agora para, futuramente, o salvar de uma eternidade de sofrimento.

Eu sabia que não passavam de mentiras e continuava a não conseguir olhar para ele.

As pontas dos seus dedos roçaram as minhas costas e eu saltei, como se ele me tivesse batido. Mantive as mãos sobre a minha cara. Ainda não estava pronta para voltar a olhar.

— Essas marcas nos teus ombros não são queimaduras, pois não?

Baixei as mãos mas mantive os olhos fechados.

— Não.

— Então?

— Foi noutra duelo. A meio do combate, ele usou magia para tentar obrigar-me a transformar-me noutra ser — ouvi e senti Roane a mexer-se na cama, aproximando-se de mim, mas não voltou a tentar tocar-me. Agradei silenciosamente.

— Mas mudar de forma não dói! É uma sensação maravilhosa.

— Para um roane, talvez, mas não para um de nós. Transformares-te noutra ser é doloroso, como se todos os teus ossos se partissem ao mesmo tempo para, depois, voltarem a unir-se. Eu não consigo transformar-me sozinha, mas já o vi noutras pessoas. Durante os minutos que demoras a formar-te ficas completamente indefeso.

— O outro Sidhe tentou distrair-te.

— Sim — abri os olhos e fixei a escuridão para além das janelas. Estas funcionavam como um espelho negro, projectando a imagem de Roane sentado mesmo por trás de mim, vendo-se apenas metade do seu corpo que brilhava como o Sol por trás da Lua que era o meu corpo. Mesmo àquela distância, e devido à intensidade com que estes brilhavam, era possível distinguir as cores dos três círculos dos meus olhos: esmeralda, jade e ouro líquido. Até os olhos de Roane estavam mais claros, passando a ser um castanho tipo mel escuro, como se fossem de bronze reluzente. A magia Sidhe ficava-lhe bem.

Fiquei mais tensa quando ele esticou o braço na minha direcção. Com a mão, delineou a pele enrugada das minhas cicatrizes.

— Como é que o impediste que ele te transformasse noutra coisa qualquer?

— Matei-o — vi, através das janelas, os olhos de Roane arregalarem-se e senti a tensão súbita do seu corpo.

— Mataste um Sidhe da realeza?

— Sim.

— Mas eles são imortais!

— Eu sou mesmo mortal, Roane. Qual é a única forma de matar qualquer ser feérico imortal?

Observei os seus pensamentos oscilarem pelo seu rosto até que, por fim, vi a percepção no seu olhar.

— Invocar sangue mortal. Os mortais partilham da nossa imortalidade e nós partilhamos da mortalidade dos mortais.

— Exactamente.

Ele sentou-se ao meu lado, colocando-se de joelhos, contudo, dirigiu-se ao meu reflexo e não directamente a mim.

— Mas isso faz parte de um ritual muito específico! Não se invoca mortalidade acidentalmente.

— O ritual de início de um duelo liga os dois participantes um ao outro num combate mortal. Entre os Sidhe Unseelie é comum partilharem o sangue antes do início do duelo.

Os seus olhos aumentaram ainda mais, até chegarem ao ponto de parecerem dois enormes charcos de escuridão.

— Ao beberem o teu sangue passaram a partilhar da tua mortalidade.

— Sim.

— E sabiam disso?

Nesse momento sorri. Fui incapaz de me conter.

— Não até Arzhul morrer com o meu punhal espetado nele!

— Deves ter sido uma adversária difícil para ele tentar transformar-te!

Esse é um dos feitiços mais importantes para os Sidhe. Se ele não tinha medo de morrer, então debes tê-lo magoado muito.

Abanei a cabeça.

— Ele estava a exibir-se. Para ele não era suficiente matar-me. Ele queria humilhar-me primeiro. Para os Sidhe, a maior prova de que se é o mago mais poderoso é conseguir forçar outro Sidhe a transformar-se.

— Então estava só a exibir-se — disse Roane. Era a forma mais parecida que ele, provavelmente, tinha para perguntar o que acontecera a seguir.

— Apunhalei-o com a esperança de o distrair. O meu pai ensinou-me para nunca desperdiçar um ataque. Mesmo sabendo que se enfrenta um imortal, deve atacar-se como se eles pudessem morrer porque, mesmo que não matem, os golpes mortais magoam mais.

— Mataste a que te deixou estas cicatrizes? — a mão dele surgiu por trás de mim para delinear as minhas costelas.

Fiquei toda arrepiada com o seu toque, e não foi por me ter magoado!

— Não, Rozenwyn ainda está viva.

— Então porque é que ela não te esmagou o coração? — fez deslizar as mãos pela minha cintura e amparou-me contra o seu corpo, como se me embalasse. Deixei-me descansar no arco dos seus braços, contra o calor do seu corpo.

— Porque o duelo contra ela foi depois do de Arzhul e acho que ela entrou em pânico quando a apunhalei. Ela declarou-se vencida sem me matar.

Ele esfregou a bochecha na minha e ambos observámos como as cores se misturavam à medida que as nossas peles se tocavam.

— Então foi o último duelo! — disse ele.

— Não — respondi.

Muito suavemente, beijou a minha face.

— Não?

— Não, ainda houve outro — virei o rosto para ele. Os seus lábios roçaram nos meus, não foi bem um beijo.

— O que aconteceu? — ele pronunciou as palavras com uma respiração quente, encostado à minha boca.

— Bleddyn fizera parte da corte Seelie, antes de ser expulso por ter cometido algo tão horrível que ninguém, jamais, será capaz de falar sobre isso. No entanto, como ele era tão poderoso, a corte Unseelie acolheu-o. O seu nome verdadeiro foi esquecido e ele passou a ser conhecido por Bleddyn. Significa lobo ou criminoso, ou significou outrora. O que queria dizer que, mesmo na corte das Sombras, ele era um criminoso.

Roane beijou-me no pescoço, exactamente no sítio onde se sentia a minha pulsação, que acelerou apenas com aquele leve toque. Ele ergueu o rosto o suficiente para poder perguntar:

— Porque é que ele era um criminoso? — Depois começou a beijar-me, descendo até ao pescoço.

— Ele era dominado por acessos de fúria terríveis sem motivo nenhum. Se não estivesse rodeado por seres imortais, ele teria matado muita gente, tanto amigos como inimigos.

Os beijos de Roane já tinham passado pelo meu ombro, depois pelo meu braço. Parou de me beijar apenas o tempo suficiente para perguntar:

— Só acessos de fúria? — de seguida baixou a cabeça e continuou a beijar-me o braço até chegar à parte em que o braço dobra. Levantou-o de forma a poder fechar a boca em volta da pele frágil da dobra. Chupou-me a pele avidamente, enterrando os dentes no meu braço até doer, até me deixar ofegante. Roane não apreciava a dor, contudo, era um parceiro muito atento e sabia perfeitamente do que eu gostava, tal como eu sabia do que ele gostava. Subitamente já não conseguia concentrar-me no que estava a dizer.

Afastou o rosto do meu braço, deixando a marca redonda e quase perfeita dos seus pequenos dentes afiados. Não me rasgara a pele. Eu nunca conseguira convencê-lo a ir tão longe, mas a marca na minha pele excitara-me, fazendo-me inclinar na direcção dele.

Ele deteve-me para perguntar:

— Eram só ataques de fúria ou havia mais alguma coisa que indicasse que Bleddyn era perigoso?

Demorei alguns segundos a lembrar-me. Tinha de sentar-me longe dele.

— Se queres ouvir a história, comporta-te!

Deitou-se no lado dele da cama, enfiando um braço por baixo da cabeça como se fosse uma almofada. Esticou o corpo, obrigando-me a observar como os seus músculos se moviam por baixo daquela pele brilhante.

— Pensava que estava a portar-me bem!

Abanei a cabeça.

— Vais fazer com que perca o controlo sobre mim própria, Roane. Não queres que isso aconteça.

— Eu quero-te esta noite, Merry. Quero-te por inteiro, sem disfarces nem restrições.

Sentou-se repentinamente, observando o meu rosto tão perto que comecei a chegar-me para trás, mas ele agarrou o meu braço.

— Hoje à noite, quero ser aquilo de que precisas, Merry.

Abanei a cabeça.

— Não sabes o que estás a pedir!

— Pois não, mas se quiseres ter tudo, hoje é a nossa oportunidade — ele agarrou no meu outro braço, colocando-nos de joelhos. Os seus dedos enterravam-se de tal forma em mim que tive a certeza de que amanhã teria

nódoas negras. Aquele movimento violento fez o meu coração bater mais depressa. — Já vivo há centenas de anos, Merry. Se há aqui alguma criança, essa criança és tu, não eu — a forma como falou era cruel, e nunca o vira assim: tão violento, tão exigente.

Eu podia ter dito: «Estás a magoar-me, Roane!», mas eu estava a gostar por isso, em vez de dizer isso disse:

— Nem pareces tu!

— Sempre soube que te disfarçavas com magia, mesmo quando dormíamos juntos, mas nunca imaginei que estivesses a esconder tanto — abanou-me duas vezes, com tamanha violência que cheguei mesmo ao ponto de quase lhe dizer que tinha doído! — Não te escondas, Merry! — nessa altura, beijou-me, pressionando os seus lábios contra os meus, a sua boca contra a minha. Se eu não a tivesse entreaberto, possivelmente, ele teria cortado os meus lábios ou os dele nos nossos próprios dentes. Ele atirou-me para a cama, mas eu já não estava a gostar. Eu gostava de dor, não de violação.

Detive-o colocando uma mão no seu peito, afastando-o. Apesar de estar a ouvir-me, manteve-se em cima de mim, com um olhar estranhamente feroz.

— O que é que estás a tentar fazer, Roane?

— O que aconteceu no teu último duelo?

A mudança radical de assunto foi demasiado abrupta para mim.

— O quê?

— O teu último duelo... o que aconteceu? — Enquanto pressionava o seu corpo nu contra o meu, a sua voz e o seu semblante transpareciam apenas seriedade.

— Matei-o.

— Como?

De certo modo, sabia que ele não pretendia saber os pormenores técnicos do acto de matar.

— Ele subestimou-me.

— Eu nunca te subestimei, Merry. Não te retraias por mim. Não me trates de forma inferior só porque não sou Sidhe. Eu faço parte do povo das Fadas, sem uma única gota de sangue mortal nas minhas veias. Não tenhas medo por mim — a sua voz voltou à normalidade, apesar de subsistir nele uma corrente interior de ferocidade.

Observei-o bem no seu rosto e vi orgulho, não um orgulho masculino, mas o orgulho dos seres feéricos. Eu estava a tratá-lo como se ele não fizesse parte dos seres feéricos e ele merecia bem melhor contudo...

— E se eu te ferir sem querer?

— Eu curar-me-ei — respondeu.



Fez-me sorrir porque nesse momento senti que o amava. Não era o tipo de amor de que os bardos cantam, mas não deixava de ser amor.

— Está bem, mas então vamos optar por uma posição em que sejas tu a ter o controlo de tudo e não eu.

Os seus olhos preencheram-se com um único pensamento.

— Não confias em ti própria.

— Não — respondi.

— Então confia em mim. Eu não vou fraquejar.

— Prometes? — perguntei.

Sorriu e beijou-me na testa, docemente, como se faz a uma criança.

— Prometo.

Só com a sua palavra de honra o recebi nos meus braços.

Acabei agarrada às barras frias de metal da cabeceira da cama. O corpo de Roane prendia-me à cama, a sua virilha encaixada entre as minhas nádegas. Era uma posição que lhe dava grande parte do controlo e que matinha a maior parte do meu corpo de costas para ele. Eu não conseguia tocá-lo com as minhas mãos. Optara por esta posição porque me impedia de fazer muitas coisas. Era o mais próximo de estar amarrada. Não consegui pensar em nada mais seguro, e Roane não gostava dessas coisas de se amarrar o parceiro. Além disso, os verdadeiros perigos não tinham nada que ver com mãos ou dentes ou tudo o que fosse meramente físico. As amarras não ajudariam em muito, apenas serviriam como lembrete para eu ser cuidadosa. Eu tinha muito medo de, durante a agitação entre poder e prazer, me esquecer de tudo excepto do prazer, e que Roane sofresse à conta disso. E não queria dizer sofrer no bom sentido.

Apercebi-me que estava em apuros, no mesmo momento em que ele deslizou para dentro de mim. Ele era algo assustador, mantendo-se erguido sobre as mãos com o intuito de me penetrar com toda a força das suas costas e ancas. Uma vez vira Roane perfurar a porta de um carro com um soco para mostrar a um aspirante a assaltante que não valia a pena perder tempo connosco. Era como se ele tentasse entrar no meu corpo e sair pelo lado oposto. Dei-me conta de algo em que nunca pensara. Roane achara que eu era humana com sangue feérico, mas meramente humana. Ele havia sido tão cuidadoso comigo quanto eu havia sido com ele. Eu reudara feri-lo com a minha magia e ele reudara devido à sua força física, essa era a diferença. Esta noite não haveria restrições, não teríamos qualquer rede de segurança. Pela primeira vez, tive consciência que seria Roane a sair ileso, e não eu. Não há nada como sexo com um cheirinho a verdadeiro perigo. Acrescentar magia capaz de derreter a nossa pele faria com que esta fosse uma noite muito boa.

O seu corpo atingiu um ritmo severo, entrando e saindo do meu. Ou-

via-se o som de carne a bater em carne de todas as vezes que ele se impelia com tamanha força para dentro de mim. Isto, era isto por que eu ansiava há tanto tempo. Ele dominou o meu corpo e senti a primeira onda de prazer. De repente, receei que me fizesse atingir o clímax sem que a magia tivesse tempo de se formar.

Abri a minha pele metafísica, tal como abrira as minhas pernas mas, em vez de o deixar entrar em mim, ergui-me para o alcançar. Abri-lhe a sua aura, a sua magia, como ele me desapertara o vestido anteriormente. O seu corpo começou a enterrar-se no meu, não fisicamente, mas a sensação é espantosamente semelhante. Com o seu corpo ainda dentro do meu, ele hesitou e parou. Eu conseguia sentir a sua pulsação a acelerar, a acelerar, não devido ao esforço físico mas ao medo. Ele saiu completamente de dentro de mim e, por um instante dilacerante, pensei que ele ia parar, que tudo acabaria ali. Depois, voltou a entrar em mim e foi como se desta vez se entregasse por inteiro a mim, a nós, à noite.

O brilho âmbar e a luz do luar das nossas peles aumentou, até nos movermos numa espécie de casulo de luz, de calor, de poder. O poder crescia a cada impulsão do seu corpo. Cada contorção do meu corpo por baixo dele levava a magia a fechar-se, como um escudo abafado à nossa volta, denso e sufocante. Eu sabia que estava a tentar puxá-lo para dentro de mim, não só o seu sexo, mas todo ele, como se a minha magia tentasse sorvê-lo. Agarrei as barras de ferro da cama com força até que o metal cortou a minha pele e me obrigou a pensar novamente. Roane deixou cair o seu corpo sobre o meu, permitindo-me sentir o contorno do seu peito e da sua barriga nas minhas costas, enquanto a sua virilha era impelida com toda a força entre as minhas pernas. Esta posição impedia-o de exercer tanta força mas a magia flamejava entre nós devido ao contacto de tanta pele. Os nossos corpos fundiram-se tal como acontecera anteriormente com as nossas mãos e senti-o enterrar-se nas minhas costas até os nossos corações tocarem um no outro, palpitando em uníssono na dança mais íntima que alguma vez experimentáramos.

Os nossos corações começaram a entrar em sintonia, cada vez mais sincronizados. Até que atingiram um ritmo idêntico e se tornaram num só coração, um só corpo, um único ser, e eu já não conseguia perceber onde é que o meu corpo terminava e onde começava o de Roane. Foi nesse instante de uniformidade quase perfeita que ouvi o mar pela primeira vez. Uma agitação suave e sussurrante das ondas a bater na praia. Eu flutuei sem qualquer forma, incorpórea, num lugar repleto de luz. Apenas o bater dos nossos corações unidos me fazia lembrar que eu ainda era feita de carne e não de magia pura. E nesse lugar brilhante e informe, sem corpos que nos limitassem, ouvia-se o som de água a cair, a correr, a espalhar-se. O som

do oceano acompanhou o bater dos nossos corações, preencheu aquele sítio brilhante. O bater dos nossos corações mergulhou nas ondas. Afundámo-nos cada vez mais num círculo de luz ofuscante, por baixo de água, sem medo. Chegámos a casa. Estávamos rodeados por água e senti a pressão das profundezas pressionar os nossos corações, como se estivesse prestes a esmagar-nos, mas eu sabia que tal não aconteceria. Roane também o sabia. O pensamento, um pensamento isolado, fez-nos voltar à superfície daquele oceano invisível que nos sustinha. Estava consciente do quão assustadoramente frio estava e eu estava com medo e Roane não. Ele estava feliz. Emergimos e, apesar de saber que continuávamos colados à cama, senti a brisa bater no meu rosto. Respirei bem fundo e, subitamente, apercebi-me que o mar estava quente. A água estava tão quente, mais quente ainda que o sangue, estava quase quente de mais.

Repentinamente, estava ciente do meu corpo outra vez. Conseguia sentir o corpo de Roane dentro do meu. No entanto, o rodopio e a agitação do oceano quente flutuavam sobre nós. Os meus olhos diziam-me que eu ainda estava na cama, com as mãos agarradas à cabeceira da cama, mas eu continuava a sentir a água quente a girar sobre nós. O mar invisível encheu o brilho dos nossos corpos fundidos como água dentro de um aquário, como o mar sustentado pelo nosso poder como se este fosse vidro metafísico. Os nossos corpos eram como o pavio de uma vela flutuante, encerrada na água e no vidro, no fogo, na água e na carne. Começámos a sentir-nos mais sólidos, mais reais. A sensação do oceano invisível começou a desvanecer. A luz das nossas peles começou a recuar para dentro dos escudos que eram as nossas peles. Então o prazer apoderou-se de nós e o calor que sentíamos na água, na luz, caiu violentamente sobre nós. Gritámos. O calor tornou-se ardor, preencheu-me, derramou-se através da minha pele, das minhas mãos. Sons, demasiado primitivos para serem considerados gritos, romperam da minha boca. O corpo de Roane saltava sobre o meu e a magia reteve-nos, soltando o orgasmo até eu sentir o metal das barras da cama derreterem sob as minhas mãos. Roane gritou, e não foi um grito de prazer. Finalmente, finalmente, estávamos livres. Ele rolou de cima de mim e ouvi-o cair no chão. Virei-me, ainda deitada de barriga para baixo.

Ele estava deitado de lado, a erguer uma mão, tentando alcançar-me. Vislumbrei rapidamente o seu rosto — tinha os olhos arregalados e aterrorizados — pouco antes de toda a sua cara ser coberta por pêlo e ele sucumbir num turbilhão de pêlo macio.

Sentei-me na cama, tentando alcançá-lo, apesar de saber que não havia nada que pudesse fazer. Em seguida, ali estava uma foca deitada no chão do apartamento. Uma foca enorme, de pêlo avermelhado, olhando

para mim através dos olhos castanhos de Roane. Não consegui fazer mais nada se não olhar. Não havia palavras.

A foca dirigiu-se à cama de forma desajeitada. Depois, uma costura, que não existia antes, abriu a parte da frente do animal e Roane saiu lá de dentro. Ele ficou de pé, segurando a nova pele nos seus braços. Olhou para mim com um suave ar de admiração. Ele estava a chorar, mas acho que não se apercebera.

Fui até ele e toquei na pele e nele, como se nenhum dos dois existisse. Abracei-o e as minhas mãos sentiram as suas costas completamente lisas, intocadas, a pele estava suave e perfeita como todo o resto do seu corpo. As queimaduras tinham desaparecido.

Antes de encontrar palavras para conseguir falar, ele enfiou-se novamente na pele. A foca olhou-me, movendo-se pelo quarto de uma forma estranha, quase como uma cobra, e depois Roane voltou a sair da pele. Ele virou-se para mim e começou a rir.

Pegou-me pelas ancas, erguendo-me acima da sua cabeça e embrulhando-nos na pele de foca. Dançou comigo ao colo pelo quarto, rindo, apesar de as lágrimas permanecerem no seu rosto. Eu também já estava a chorar, e a rir.

Roane desabou por cima da cama, deixando-me cair nela e por cima da sua pele de foca. Senti-me subitamente cansada, terrivelmente cansada. Precisava de tomar um banho e ir embora. Já não brilhava. Tinha quase a certeza que conseguiria aplicar o *glamour* em mim própria novamente. Só que não conseguia manter os meus olhos abertos. Embebedara-me uma única vez em toda a minha vida e, nessa ocasião, desmaiei. Era o que estava a acontecer agora. Estava prestes a desmaiar devido às Lágrimas de Branwyn ou apenas por causa de tanta magia.

Adormecemos enrolados um no outro e embrulhados na pele. A última coisa em que pensei antes de adormecer, num sono tão profundo que não podia ser normal, não foi algo que me garantia segurança. A pele era quente, tão quente quanto os braços de Roane à minha volta, e eu sabia que a pele estava tão viva quanto ele, era uma parte dele. Caí na escuridão enrolada entre as diferentes partes do calor de Roane, da magia de Roane, do amor de Roane.



## CAPÍTULO 8

Uma voz chamava suavemente: «Merry, Merry.» Uma mão acariciou a minha face, alisando-me o cabelo para trás. Virei-me e, aconchegando-me àquela mão, abri os olhos. Contudo, a luz do quarto estava acesa e ofuscou-me, deixando-me sem ver durante alguns segundos. Atirei com uma mão para cima dos olhos, de forma a protegê-los, e deitei-me de lado, enterrando a cara na almofada.

Consegui dizer:

— Desliga a luz.

Senti movimento na cama e, um segundo depois, a faixa de luz que passava por baixo da almofada desapareceu. Tirei a cabeça da almofada e deparei com o quarto numa escuridão quase perfeita. Eu e Roane adormecemos de madrugada. Já devia haver luz lá fora. Sentei-me e olhei em redor do quarto escuro. De certo modo, não me espantava nada o facto de Jeremy estar ao lado do interruptor. Nem me dei ao trabalho de procurar Roane. Já sabia onde ele estava. Estava no mar com a sua pele nova. Ele deixara-me, mas não me deixara desprotegida. Talvez devesse ficar magoada por isso, mas não fiquei. Eu devolvera a Roane o seu primeiro amor: o mar.

Há um velho ditado que diz: nunca te metas entre um ser feérico e a sua magia. Roane estava agora nos braços da sua amada, e não era eu. Possivelmente nunca mais nos veremos e ele nem sequer se despediu. Contudo, eu sabia que, se alguma vez precisasse da sua ajuda, poderia ir até ao mar e chamá-lo que ele viria. No entanto, ele não podia amar-me. Eu adorava Roane, mas não estava apaixonada por ele. Que sorte a minha!

Ajoelhei-me, nua, nos lençóis amarrotados, tentando ver para além das janelas pretas.

— Quanto tempo dormimos?

— São oito horas de sexta-feira à noite.

Deslizei para fora da cama e fiquei de pé.

— Ai, meu Deus!

— Suponho então que o facto de ainda estares na cidade ao anoitecer é algo mau.

Olhei para ele.

Ele permanecia de pé ao lado da porta e do interruptor. No escuro era difícil de perceber, mas parecia-me estar vestido com um dos seus fatos do costume, impecavelmente costurado, compacto e elegante. Havia, porém, uma tensão implícita nele, como se quisesse dizer alguma coisa, algo mais directo, ou talvez ele já soubesse qualquer coisa. Qualquer coisa má.

— O que aconteceu?

— Ainda não aconteceu nada — respondeu.

Observei-o atentamente.

— O que pensas que vai acontecer?

Fui incapaz de não demonstrar a desconfiança através da minha voz.

Jeremy riu-se.

— Não te preocupes que não fiz nenhuma chamada, mas de certeza que a Polícia já fez. Não sei porque tens estado escondida durante todo este tempo, mas se estás a esconder-te dos Sluagh, dos Host, então estás em muito maus lençóis.

Sluagh era o nome pejorativo usado para denominar os seres feéricos inferiores na hierarquia Unseelie. Host era a forma educada de os tratar. Grosseiro primeiro, a forma civilizada só veio à mente posteriormente. Enfim... apenas outro Unseelie podia chamar-lhes Sluagh sem que isso se tornasse um insulto fatal.

— Sou uma princesa Unseelie. Porque haveria de esconder-me deles?

Ele encostou-se à parede.

— Essa é a questão. Não é?

Mesmo estando do outro lado do quarto e no escuro, conseguia sentir o peso do seu olhar, a sua intensidade. Era indelicado da parte de um ser feérico fazer perguntas directas a outro... bem, mas ele queria perguntar. Podia sentir-se as perguntas que ficaram por fazer como algo palpável que ficou a pairar no ar entre nós.

— Salta já para o chuveiro como uma menina bonita!

Ele pegou num saco que estava no chão, junto aos seus pés.

— Trouxe-te roupa. O Ringo e o Uther estão lá em baixo na carrinha. Nós levamos-te até ao aeroporto.

— Só por me ajudarem pode tornar-se muito perigoso para vocês, Jeremy.

— Então despacha-te!

— Não tenho o meu passaporte.

Ele atirou um pacote de papel para cima da cama. Era o pacote com documentos que eu tinha colado por baixo do banco do meu carro. Ele trouxera-me a minha nova identidade.

— Como é que sabias?

— Escondeste das autoridades humanas os teus... parentes e os seus capatazes durante três anos. Não és burra. Sabias que te encontrariam, por isso tinhas um plano para te protegeres. Atrevo-me a dizer que da próxima vez esconderia os documentos secretos num sítio diferente. Foi um dos primeiros sítios em que procurei!

Olhei para o pacote, depois para ele.

— Não era só isto que estava por baixo do banco.

Ele abriu o casaco, como se fosse um manequim numa *passerelle*, exibindo a linha suave da camisa e da gravata. Ele estava, todavia, a apontar para a arma enfiada no cós das suas calças. Não passava de uma qualquer forma escura encostada à palidez da camisa, mas eu sabia que era uma *LadySmith* de 9 mm porque era a minha arma. Ele tirou um carregador extra de um bolso.

— A caixa com munições extra está no saco da tua roupa. — Pousou a arma em cima do pacote e afastou-se dando a volta à cama, ficando esta entre nós.

— Pareces nervoso, Jeremy.

— E não devia estar?

— Por minha causa? Nunca pensei que a realeza te impressionasse!

Ao observar o seu rosto, tentei perscrutar o que se passava dentro dele e não consegui. Estava a esconder-me algo.

Ele elevou a sua mão esquerda no ar.

— Digamos apenas que as Lágrimas de Branwyn têm um longo prazo de validade. Vai tomar banho!

— Já não sinto o poder do feitiço.

— Ainda bem para ti, mas confia em mim quanto ao banho.

Olhei para ele. — Estás a sentir-te incomodado por me veres nua!

Ele assentiu com a cabeça. — Peço desculpa, mas foi exactamente por isso que o Ringo e o Uther ficaram lá em baixo, na carrinha. Apenas por precaução.

Dirigi-lhe um sorriso e dei comigo a querer aproximar-me dele, a querer encurtar aquela distância cuidadosa. Eu não desejava Jeremy dessa forma contudo, a ansiedade de ver até que ponto conseguia dominá-lo. O que eu queria não era abusar da confiança de um amigo. Com um inimigo talvez fosse capaz de ir até ao limite, mas não com um amigo. Seriam restos do desejo ardente que sentira na noite passada, ou será que as Lágrimas ainda estavam a afectar-me mais do que me apercebera? Não pensei nisso duas vezes. Limitei-me a virar-me e dirigir-me à casa de banho. Um banho rápido e estaríamos a caminho do aeroporto.

Vinte minutos depois já estava pronta, com o cabelo ainda comple-

tamente molhado. Vestira um par de calças azul-marinho, uma camisa de seda cor de esmeralda e um *blazer* que condizia com as calças. Jeremy também escolhera um par de sapatos pretos com um salto baixinho e ainda incluía um par de ligas pretas. Isto porque eu não tinha outro tipo de *collants*, e não me importei, mas em relação ao resto...

— Da próxima vez que me escolheres roupa com a qual é suposto eu correr pela minha vida, junta pelo menos um par de sapatilhas. Sapatos de salto alto, sejam eles mais baixos ou mais altos, não são muito bons para isso.

— Eu nunca tive quaisquer problemas com sapatos clássicos! — retorquiu. Ele estava a recostar-se numa das cadeiras duras da cozinha, fazendo com que esta parecesse confortável. Tinha um ar gracioso ao recostar-se nela. Jeremy estava demasiado controlado, de uma forma raramente moderna nele, para não dizer de um modo felino. No entanto, quando o vi enroscado na cadeira daquela forma, a imagem que surgiu imediatamente na minha mente foi a de um gato. À excepção de os gatos não fingirem. Apenas eram como eram. Jeremy estava, definitivamente, a fingir, tentando parecer calmo, mas não estava a ser bem sucedido.

— Desculpa por me ter esquecido das tuas lentes de contacto castanhas. Não é que seja um problema. Eu gosto de olhos assim verdes-jade, arrebatadores. Combinam com a camisa mas parecem muito humanos. Eu teria, todavia, mantido o cabelo mais vermelho e menos ruivo.

— Mesmo no meio de uma multidão, o cabelo vermelho sobressai muito mais facilmente. O disfarce mágico, supostamente, serve para ajudar a esconder-nos, não a destacar-nos.

— Conheço muitos seres feéricos que o usam meramente com a intenção de ficarem mais bonitos, mais exóticos.

Encolhi os ombros. — Isso é problema deles. Eu não preciso de chamar a atenção.

Ele levantou-se.

— Durante todo este tempo nunca imaginei que fosses Sidhe. Achava que eras feérica, verdadeiramente feérica, e que o escondias por algum motivo, mas nunca consegui descobrir a verdade.

Afastou-se da mesa, com as mãos caídas dos lados. A tensão que estava dentro dele desde que me acordara emanava do seu corpo.

— Isso incomoda-te, não incomoda? — perguntei.

Ele assentiu com a cabeça.

— Supostamente sou um grande mago. Deveria ter sido capaz de ver para além da ilusão. Ou isso também é uma ilusão? És melhor feiticeira do que eu, Merry? Também escondeste a tua magia?

Senti o poder crescer ao seu redor pela primeira vez. Podia ser so-



mente um escudo. Mas, pensando bem, poderia de igual modo ser o início de algo mais.

Enfrentei-o, de pés afastados, mãos de lado, espelhando a sua pose. Evoquei o meu próprio poder, lenta e cuidadosamente. Se fossemos pistoleiros ele já teria sacado da arma mas não a teria apontado. Eu continuava a tentar manter a minha arma no coldre. Poder-se-ia pensar que, após todo este tempo, eu não confiaria em ninguém, mas não queria acreditar que Jeremy era meu inimigo.

— Não temos tempo para estas coisas, Jeremy.

— Eu achava que conseguiria tratar-te da mesma forma, como se nada tivesse mudado, mas não sou capaz. Tenho de saber.

— Saber o quê, Jeremy?

— Quero saber tudo o que foi mentira nestes três últimos anos.

Senti o seu poder emanar em volta do seu corpo, e encher aquele espaço pequeno e confinado que era a sua aura. Ele reforçava os seus escudos de protecção com cada vez mais poder. Com muito poder.

Os meus escudos estavam sempre a postos, sempre firmes e carregados. Em mim, era algo automático. Tão automático que a maioria das pessoas, mesmo as mais sensíveis, confundia a protecção com o nível normal do meu poder. O que significava que, neste momento, enfrentava Jeremy com os meus escudos a cem por cento. Não precisei fazer nada para os reforçar. A minha protecção era bem melhor do que a dele, era um facto. Já em relação aos meus feitiços ofensivos, bem... eu já vira Jeremy em acção. Ele nunca conseguiria penetrar os meus escudos mas eu também nunca seria capaz de o ferir com magia. Poderia terminar em pancadaria ou no uso de armas. Esperava que não desse em nada!

— A boleia até ao aeroporto ainda está de pé ou mudaste de ideias enquanto estava a tomar banho?

— A boleia ainda está de pé — respondeu.

A maioria dos Sidhe via a magia através de cores e formas, eu, porém, nunca consegui fazê-lo. Contudo, consigo senti-la, e Jeremy estava a sobrecarregar o compartimento com toda a energia com que reforçava os seus escudos.

— Então para que é toda essa difusão de poder?

— Tu és Sidhe. És uma Sidhe Unseelie. O que significa que estás apenas a um passo de fazeres parte dos Sluagh.

A sua pronúncia escocesa escorria para as palavras que proferia. Nunca o tinha visto perder o seu sotaque-de-puro-americano-de-sabe-se-lá-de-onde! Deixou-me nervosa porque muitos Sidhe orgulham-se de manter os seus sotaques originais, fossem eles de que tipo fossem.

— E o que queres dizer com isso? — no entanto, o aperto no estô-

mago que sentia dizia-me que eu sabia o que ele queria dizer com aquilo. Quase que preferia lutar.

— Os Unseelie prosperam através de artimanhas. Não se pode confiar neles.

— Eu não sou de confiança, Jeremy? Dás mais importância a histórias antigas do que a três anos de amizade?

O seu rosto foi trespassado por um qualquer pensamento amargo.

— Não são meras histórias — disse com o sotaque a vir ao de cima novamente. — Fui expulso das terras dos elfos quando ainda era miúdo. A corte Seelie não se dignaria a acolher um elfo ainda miúdo, mas a corte Unseelie acolhe qualquer um.

Ainda antes de poder impedir-me de o fazer, sorri.

— Não é qualquer um — penso que Jeremy não entendeu o sarcasmo.

— Não, não é qualquer um.

Ele estava tão furioso que as suas mãos começaram a tremer ligeiramente. Eu estava prestes a pagar por um rancor com centenas de anos. Não seria a primeira vez. Provavelmente não seria a última, mas continuava a irritar-me. Não tínhamos tempo para o seu ataque de mau humor, já bastava um dos meus.

— Lamento que os meus antepassados te tenham tratado mal, Jeremy, mas isso aconteceu antes de eu nascer. Desde que me conheço como gente que a corte Unseelie tem um agente publicitário.

— Para espalhar as mentiras — retorquiu ele num sotaque irlandês tão cerrado que fora quase um som gutural.

— Queres comparar mazelas? — puxei a camisa para fora das calças e mostrei-lhe a cicatriz com forma de mão nas minhas costelas.

— Ilusão! — disse ele, contudo, pareceu-me incerto.

— Podes tocar-lhe se quiseres. O disfarce mágico engana a visão mas não o toque, não a outro ser feérico.

Na melhor das hipóteses, esta era uma meia verdade. Através do disfarce mágico conseguia enganar todos os sentidos, mesmo de outro ser feérico. No entanto, esta não era uma capacidade muito comum mesmo entre os Sidhe, e eu apostava em como Jeremy acreditaria em mim. Por vezes, uma mentira plausível é mais eficaz do que uma verdade indesejada.

Com desconfiança estampada no seu rosto, caminhou na minha direcção. Senti um aperto no peito ao ver Jeremy com aquela expressão facial. Espreitou a cicatriz, mas manteve-se fora do meu alcance. Ele sabia que a magia mais poderosa de um Sidhe era activada através do toque, o que significava que ele conhecia os Sidhe muito melhor do que aquilo que eu imaginara.

Suspirei e entrelacei os dedos por cima da cabeça. A camisa deslizou

para baixo, escondendo a cicatriz, mas calculei que ele levantasse, novamente, o tecido. Nunca desviou o olhar do meu enquanto se aproximava até os seus braços conseguirem alcançar-me. Tocou na seda verde mas voltou a olhar-me fixamente nos olhos durante muito tempo antes de levantar a camisa, foi como se tentasse ler a minha mente. O meu rosto, porém, havia retornado àquela expressão familiarmente educada, ligeiramente aborrecida, de olhar vazio, que aperfeiçoara na corte. Era capaz de ver um amigo meu ser torturado ou ver alguém ser esfaqueado com a mesma expressão facial. Não se sobrevive na corte se a nossa cara nos trai demonstrando os nossos sentimentos.

Jeremy levantou o tecido lentamente, nunca desviando o olhar do meu rosto. Fui extremamente cuidadosa para não me mexer, por muito pouco que fosse, e assustá-lo, quando ele, finalmente, teve de olhar para baixo. Detestei o facto de Jeremy, meu amigo e patrão, estar a tratar-me como se eu fosse alguém muito perigoso. Se ele soubesse o quão pacífica eu era...

Ele percorreu a pele elevada e ligeiramente enrugada com a ponta dos seus dedos.

— Tenho mais cicatrizes nas costas mas, se não te importares, só te mostro estas uma vez que acabei de me vestir.

— Porque é que eu não as vi quando estavas nua ou quando estavam a colocar-te a escuta, no escritório?

— Porque não quis que as visses, mas não me dou ao trabalho de as esconder quando estou vestida.

— Nunca desperdices energia mágica — disse, como se falasse para ele próprio. Abanou a cabeça, como se estivesse a ouvir algo que eu não ouvia. Olhou-me com um ar confuso.

— Não temos tempo para estar aqui a discutir, pois não?

— É o que tenho estado a dizer?!

— Merda — disse ele —, é um feitiço de dissabor, desconfiança, discórdia. O que significa que eles vêm agora a caminho.

O seu rosto foi atravessado por medo.

— Eles ainda podem estar a quilómetros de distância, Jeremy.

— Ou já podem estar lá fora — retorquiu.

Ele tinha razão. Se eles estivessem mesmo à porta, a coisa mais segura a fazer era chamar a polícia e esperar que a ajuda chegasse. Eu não diria que uns tipos maus Unseelie estavam escondidos nos arbustos, mas tinha a certeza absoluta que, se eu ligasse ao detective Alvera e lhe dissesse que a princesa Meredith estava prestes a ser assassinada na sua jurisdição, eles enviariam ajuda.

Contudo, se pudesse, preferia fugir sorrateiramente. Precisava saber o que andava lá por fora.

Jeremy olhava-me de uma forma estranha.

— Tiveste alguma ideia. O que foi?

— Os Host não são compostos por Sidhe, tirando um ou dois que são enviados com eles como batedores, mestres da caça. Faz parte do horror de se ser perseguido por eles. Posso não ser capaz de localizar os Sidhe, se estes não quiserem ser encontrados, mas o resto dos Host consigo.

Ele fez um movimento circular com as mãos.

— Então, faz favor!

Não discuti. Não perguntou se eu o conseguia fazer, ou se era seguro. Apenas aceitou. Já não agia como se fosse meu patrão. Eu era a princesa Meredith NicEssus e, se eu dissesse que podia localizar os Host no meio da escuridão da noite, ele acreditaria em mim. Ele nunca acreditaria na Merry Gentry, não sem haver provas.

Eu projectei-me para o exterior, mantendo os meus escudos a postos mas espalhando o meu poder por toda a parte. Era perigoso porque, se eles já estivessem aqui, esta abertura poderia ser tudo o que precisariam para me dominar. Contudo, era a única forma de saber o quão perto estavam. Senti Uther e Ringo lá fora, senti as suas essências, a sua magia. Havia a força do mar e um som monótono de bater na terra, a magia de todos os seres vivos, só isso. Projectei-me para cada vez mais longe. Quilómetros e quilómetros e não havia nada. Subitamente, ali, quase no limite do meu alcance, algo pressionava o ar como uma tempestade dirigindo-se para cá, mas não era nenhuma tempestade, pelo menos não uma tempestade formada por vento e chuva. Estavam demasiado distantes para eu conseguir perceber claramente que criaturas feéricas viajavam com os Sidhe, mas era o suficiente. Ainda nos restava algum tempo.

Refugiei-me novamente dentro dos meus escudos, reforçando-os bem.

— Estão a quilómetros daqui.

— Então como conseguiram lançar-nos o feitiço da discórdia?

— A minha tia podia ter murmurado o feitiço ao vento nocturno e este encontraria o seu alvo.

— Desde Illinois?

— Pode levar um dia ou três, mas sim, desde Illinois. Mas não te preocupes. Ela nunca perderia o seu tempo com recadinhos. Ela pode querer ver-me morta, mas não à distância. Ela quer tornar-me num exemplo e, para isso, precisa que eu regresse a casa.

— Quanto tempo temos?

Abanei a cabeça.

— Uma hora, talvez duas.

— Então ainda conseguimos levar-te ao aeroporto a tempo. A única coisa que posso fazer é ajudar-te a sair da cidade. Um mago Sidhe, e que

nem sequer lá estava, impediu-me de entrar na casa do Alistair Norton. Não sou capaz de derrotar a magia Sidhe, o que significa que não sou grande ajuda para ti.

— Enviaste as aranhas através do feitiço de protecção da casa do Norton! Avisaste-me para me esconder debaixo da cama. Saíste-te muito bem!

Ele olhou-me de forma estranha. — Eu pensei que tivesses sido tu a criar as aranhas!

Olhámos um para o outro durante um momento.

— Não fui eu — disse.

— Também não fui eu! — disse ele, suavemente.

— Eu sei que vai soar a frase feita mas, se não foste tu e não fui eu... — não disse o resto.

— O Uther não é capaz de fazer algo do género.

— O Roane não pratica magia activa — disse eu. De repente fiquei com frio, e nada tinha a ver com a temperatura. Um de nós tinha de o dizer em voz alta.

— Então quem foi? Quem me salvou?

Jeremy abanou a cabeça.

— Não sei. Os Unseelie, por vezes, protegem-te antes de te destroçar.

— Não acredites em todas as histórias que te contam, Jeremy.

— Não é uma história!

A fúria fez com que aquelas palavras soassem sensuais e desagradáveis. Subitamente apercebi-me do quão assustado ele estava. A fúria era um disfarce para o medo. Todas as suas reacções transpareciam características suas. Ele não tinha medo só de uma forma geral. Era um medo específico, baseado em algo mais além das histórias ou lendas.

— Já estiveste cara a cara com os Host?

Ele assentiu com a cabeça e destrancou a porta.

— Podemos ter só uma hora. Vamos sair daqui.

Empurrei a porta com as mãos, impedindo-o de a abrir.

— Isto é importante, Jeremy. Se foste dominado por um deles, então esse Sidhe pode... exercer poder sobre ti. Preciso saber o que te fizeram.

Foi então que ele fez algo que não esperava: começou a desapertar a camisa.

Fiquei admirada.

— Já não estás a ser afectado pelas Lágrimas de Branwyn, pois não?

Nessa altura, ele sorriu, não com o seu sorriso habitual mas, mesmo assim, já era um começo.

— Eu fui protegido por um membro dos Host, uma vez.

Ele deixou o colarinho e a gravata apertados, mas desapertou tudo o resto, tirou o casaco, dobrou-o sobre o braço e virou-se de costas para mim.

— Levanta a camisa.

Eu não queria levantar a camisa. Já vira o que os meus parentes conseguiam fazer quando tinham rasgos criativos. Havia tantas possibilidades horríveis, e não queria ver nenhuma delas gravadas na pele de Jeremy. No entanto, levantei aquele tecido fresco, cinzento, porque tinha de saber. Só não me faltou o ar porque já estava preparada. Gritar seria um exagero.

As costas dele estavam cobertas por queimaduras, como se alguém tivesse pressionado um ferrete a esgaldar na sua pele vezes sem conta. Só que este ferrete tinha a forma de uma mão. Toquei nas suas cicatrizes como ele fizera com as minhas: suavemente, delineando-as com os dedos. Comecei a colocar a mão sobre uma das cicatrizes, depois hesitei e avisei-o.

— Quero colocar a minha mão sobre uma das cicatrizes para verificar o seu tamanho.

Ele acenou afirmativamente.

A mão era muito maior do que a minha, maior do que a marca no meu próprio corpo. A mão de um homem, com dedos mais largos do que a maioria dos Sidhe.

— Sabes o nome de quem te fez isto?

— Tamlyn — respondeu ele. Pareceu estar envergonhado, e devia estar.

Tamlyn era o John Smith<sup>8</sup> dos pseudónimos feéricos. Tamlyn, Robin Goodfellow e uma mão de cheia de outros nomes eram as identidades falsas preferidas quando era necessário esconder o nome verdadeiro.

— Devias ser muito novo para não desconfiares de nada quando ele te disse esse nome! — disse-lhe.

Ele acenou afirmativamente. — Era.

— Posso verificar a tua aura?

Ele sorriu para mim sobre o seu ombro. O movimento enrugou a pele das suas costas, fazendo com que as cicatrizes formassem formas.

— Aura é uma palavra da Nova Era. Os seres feéricos não a usam.

— Poder pessoal, então! — respondi, olhando fixamente as suas costas. Puxei o tecido para cima dos seus ombros.

— Estavas amarrado enquanto te fizeram isto?

— Sim. Porquê?

— Podes colocar as tuas mãos na mesma posição em que te amarraram?

Ele respirou fundo como se fosse perguntar porquê mas, por fim, limitou-se a erguer as mãos acima da cabeça e encostou-se à porta de forma a endireitar o corpo. Elevou os braços até estes estarem esticados ao máximo, ligeiramente afastados do seu corpo até se ver a forma de um Y.

---

<sup>8</sup> Neste caso, John Smith é o pseudónimo mais usado entre eles. (N. da T.)

Tive de levantar novamente a camisa, uma vez que esta havia caído sobre as suas costas. Mas quando o fiz vi exactamente aquilo que imaginara. As queimaduras em forma de mão haviam construído uma imagem. Era a imagem de um dragão, mais precisamente um *wyrm*, comprido e serpentiforme. Devido à forma da mão, tinha um ar oriental mas, definitivamente, era um dragão. As queimaduras, porém, apenas formavam a imagem se Jeremy estivesse exactamente na mesma posição de quando o torturaram. Assim que ele baixasse os braços, a pele separar-se-ia deixando apenas cicatrizes.

— Podes baixar os braços — disse-lhe.

Ele baixou-os e virou-se de modo a poder olhar para mim. Começou a meter a camisa para dentro das calças, penso que nem se deu conta que o estava a fazer.

— Estás tão séria. O que viste nas queimaduras que mais ninguém viu?

— Não ajeites já a camisa, Jeremy. Preciso de te lançar uma protecção para as tuas costas.

— O que viste, Merry?

Ele deixou de se preocupar com a camisa, mas não a retirou de dentro das calças.

Abanei a cabeça. Jeremy carregara as cicatrizes durante séculos e nunca descobrira que o Sidhe brincara com a sua pele. Demonstrava tamanho desprezo pela vítima, tamanha indiferença, que era difícil de entrar na cabeça de alguém. Como é óbvio, também poderia ser algo muito prático. Era crueldade com um objectivo, como neste caso. O Sidhe, fosse ele quem fosse, poderia ter lançado um feitiço nas queimaduras. Poderiam ser capazes de evocar um dragão que sairia de dentro dele ou transformá-lo num. Não era muito provável mas mais vale prevenir que remediar.

— Deixa-me aplicar a protecção às tuas costas. Depois digo-te quando formos para a carrinha.

— Temos tempo? — perguntou.

— Claro. Segura a camisa de forma a que as cicatrizes fiquem expostas.

Ele parecia não acreditar em mim mas, quando o virei para a porta, não discutiu e agarrou a camisa de modo a que eu pudesse trabalhar.

Dirigi poder para as minhas mãos como se, dentro das palmas das mãos em concha, segurasse calor. Com as palmas das mãos viradas na direcção das costas de Jeremy, fui abrindo as mãos lentamente. Coloquei-as mesmo acima da sua pele. Aquele calor trémulo acariciou as suas costas e Jeremy arrepiou-se ao sentir o seu toque.

— Que runas estás a usar? — perguntou, com a voz um pouco ofegante.

— Nenhumas — respondi. Espalhei aquele calor por todas as cicatrizes, pelas suas costas abaixo.

Ele começou a voltar-se.

— Não te mexas!

— Como assim, não estás a usar nenhuma runas? Que mais podes usar?

Tive de ajoelhar-me para me certificar de que todas as cicatrizes tinham sido cobertas pelo poder. Quando tive a certeza de que tudo estava coberto, vedei-o, visualizando o poder como se fosse uma cobertura de luz amarela brilhante mesmo por cima das suas costas. Vedei as pontas daquele brilho para que este se agarrasse à sua pele como um escudo.

Jeremy falou com um suspiro trémulo.

— O que estás a usar, Merry?

— Magia — disse eu e levantei-me.

— Posso baixar a camisa?

— Podes.

A protecção parecia ser tão sólida na minha mente que pensei que, ao deslizar, a seda cinzenta se enfaixasse na magia, mas isso não aconteceu. A seda deslizou pelas suas costas como se eu não lhe tivesse feito nada. Mas eu nunca duvidava de ter sido bem sucedida nos meus trabalhos.

Ele começou a meter a camisa por dentro das calças ainda antes de se virar para mim.

— Só usaste a tua magia pessoal para isso?

— Sim.

— E porque não usaste runas? Elas ajudam a reforçar o nosso poder.

— Na realidade, muitas runas são meros símbolos antigos de divindades ou criaturas esquecidas há muito tempo. Sabe-se lá? Até poderia estar a evocar o mesmo Sidhe que te feriu! Não podia arriscar.

Ele vestiu o casaco, endireitou a gravata.

— Agora diz-me o que é que viste nas cicatrizes que tenho nas costas!

Abri a porta do apartamento.

— Enquanto vamos para a carrinha — saí para a entrada antes de ele ter tempo para reclamar. Já tínhamos perdido demasiado tempo, mas, para conseguir lançar a protecção para as suas costas, tinha sido muito cuidadosa no uso das palavras.

Descemos as escadas ruidosamente com os nossos sapatos clássicos.

— O que viste, Merry?

— Um dragão. Um *wyrm*, na realidade, visto não ter pernas.

— Viste uma imagem nas cicatrizes?

Ele chegou à porta de saída antes de mim e segurou-a para eu sair, já era o reflexo de um hábito que há muito adquirira.

Tirei a arma de detrás das minhas costas e retirei-a do modo de segurança.



— Pensava que o Host ainda estava a quilómetros de distância! — disse Jeremy.

— Pode haver algum Sidhe sozinho a esconder-se de mim.

Segurei a arma com o braço para baixo e ao lado do meu corpo, para que não fosse imediatamente detectada.

— Não me levam de volta, Jeremy. Faço tudo o que for preciso.

Mergulhei na suave noite californiana ainda antes de ele ter hipótese de dizer alguma coisa. A maior parte dos seres feéricos, principalmente os Sidhe, consideravam o uso de armas modernas batotice. Não havia nenhuma regra registada contra o uso de armas. De qualquer forma, não deixava de ser considerado indelicado, a não ser que se pertencesse à Guarda de elite da rainha ou da princesa. Eles têm autorização para ter arma se estiverem a proteger o corpo real. Bem, eu fazia parte do corpo real. Pequeno e renegado corpo real, mas na mesma real, quer os outros gostassem ou não. Não tinha Guarda que me protegesse, por isso fá-lo-ia eu própria. Fosse o que fosse preciso.

A noite, aqui, nunca era verdadeiramente escura — havia demasiada luz eléctrica, demasiadas pessoas. Procurei naquela leve escuridão por uma figura isolada. Procurei com a visão e com energia, projectando-a para o exterior num círculo firme, enquanto corríamos até à carrinha. Havia pessoas nas outras casas. Conseguia sentir os seus movimentos, a sua vibração. Uma fila de gaiivotas movia-se ao longo de um dos telhados, semiadormecidas. Moviam-se em protesto, conscientes do meu poder por cima delas tentando captar algo. Havia uma festa na praia. Podia sentir a energia a aumentar: entusiasmo, medo, mas o medo normal do «Será que devo fazê-lo? Será que não devo?» Não havia mais nada além da energia trémula do mar, que nos acompanhava constantemente ao longo da costa. Só podia ser como o ruído branco, algo que é ignorado, como a aglomeração de tanta gente, mas que está sempre lá. Roane estava algures no meio daquele enorme poder ondeante. Esperava que ele estivesse a divertir-se. Eu não estava.

A porta de correr da carrinha abriu-se e vislumbrei Uther agachado na escuridão. Ele esticou-me a mão e eu dei-lhe a minha mão esquerda. A mão dele engoliu a minha, puxando-me para o interior da carrinha. Ele fechou a porta por trás de mim.

Ringo olhou para mim por cima do banco do condutor. Ele mal cabia no banco, todo aquele músculo, aqueles braços desumanamente longos, aquele peito enorme comprimido num banco feito para humanos. Sorriu, revelando uma boca com dentes dos mais afiados que alguma vez vira fora da boca de um lobo. A cara dele era ligeiramente alongada de forma a acomodar os dentes, o que fazia com que o resto da sua cara

mais humana parecesse desproporcionado. Os dentes sobressaíam na pele de um tom castanho uniforme. Ringo fora, outrora, um verdadeiro humano membro de um gang. Nessa altura, um grupo de visitantes Sidhe, da corte Seelie, perdeu-se nas zonas mais selvagens, secretas e escuras de Los Angeles. Um grupo de membros de um *gang* encontrou-os. Interação cultural no seu melhor. Os Sidhe ficaram com a pior parte do final da luta. Sabe-se lá o que aconteceu! Talvez fossem demasiado arrogantes para lutarem contra um bando de adolescentes citadinos. Talvez os adolescentes citadinos fossem muitíssimo mais perversos do que aquilo que os visitantes da realeza haviam pensado. Seja como for que aquilo aconteceu, os Sidhe estavam a perder. Contudo, um dos membros do *gang* teve uma ideia brilhante. Ele mudaria de lado com a condição de o seu desejo ser concedido.

Os Sidhe concordaram e Ringo alvejou os seus companheiros do *gang* até à morte. O seu desejo era ser um dos seres feéricos. Os Sidhe haviam dado a sua palavra em como concretizariam o desejo dele. Não podiam voltar atrás com a sua palavra. Para tornar um humano parte feérico é necessário derramar sobre ele magia selvagem, poder puro, e é a vontade ou o desejo do humano que determina a forma dessa magia. Ringo ainda era um adolescente quando isto aconteceu. Provavelmente ele quisera ter um ar feroz, assustador, quisera ser o filho da mãe mais violento dos arredores, por isso, a magia concretizara o seu desejo. Segundo os parâmetros humanos, ele era agora um monstro. Segundo os dos Sidhe, *idem!* Segundo os parâmetros dos seres feéricos, ele era somente um deles.

Não sei porque é que Ringo deixou os *gangs*. Talvez eles se tenham virado contra ele. Talvez ele tivesse aberto os olhos. Na altura em que o conheci já ele era um cidadão às direitas há anos. Era casado com o seu amor de infância e tinha três filhos. Ele especializou-se como guarda-costas e trabalhou para várias celebridades que só queriam qualquer tipo de músculos exóticos que as seguissem durante algum tempo. Trabalho simples, nada verdadeiramente perigoso, e ainda podia conviver com as estrelas. Nada mau para um miúdo cuja mãe fora uma toxicod dependente de quinze anos, e pai desconhecido. Ringo tem uma fotografia da mãe na sua secretária. Na fotografia tem treze anos, de olhos brilhantes, bem vestida, bonita, com toda uma vida pela frente. No ano seguinte, metera-se na droga. Morreu aos dezassete, com uma overdose. Não há fotografias da sua mãe depois dos treze anos, nem no escritório nem na casa dele. É como se, para Ringo, tudo o que aconteceu depois disso não fosse real, não fosse a mãe dele.

A sua filha mais velha, Amira, é estranhamente parecida com aquela imagem sorridente. Acho que ela não sobreviveria se ele alguma vez desco-

brisse que ela se drogava. Ringo diz que estar drogado é pior do que estar morto. Acho que ele acredita mesmo nisso.

Nenhum deles reparou na arma quando a enfiei de novo no cós das minhas calças. Provavelmente, eles estavam com Jeremy quando este encontrou a minha arma e os meus documentos.

Jeremy sentou-se no lugar do pendura. «Vamos embora para o aeroporto» foi tudo o que ele disse. Ringo pôs o carro a trabalhar e lá fomos nós.



## CAPÍTULO 9

A carrinha estava vazia, à excepção da carpete e de um arnês modificado que Jeremy mandara instalar num dos lados, servindo de cinto de segurança. O banco de Uther. Comecei a gatinhar em direcção à fila de bancos do meio, mas Uther tocou-me no braço.

— O Jeremy sugeriu que nos sentássemos lado a lado porque, desse modo, a minha aura sobrepõe-se à tua, confundindo os nossos perseguidores — cada palavra foi pronunciada muito cuidadosamente visto que, apesar de os seus colmilhos aparentarem sair de dentro da pele para além da boca e para o exterior do seu rosto, estes não passavam de dentes alterados e implantados na sua boca. O que significava que ele tinha tendência para articular mal as palavras se não tivesse cuidado. Ele aprendera a falar como um professor universitário do centro oeste com o melhor professor de retórica de Hollywood. Não combinava nada com uma cara que era mais de porco do que humana, com um par de colmilhos desenrolando-se para fora dela. Chegámos a ter uma cliente que desmaiou quando ele lhe dirigiu a palavra pela primeira vez. É sempre divertido assustar os humanos!

Olhei para cima, para Jeremy. Ele acenou afirmativamente.

— Posso ser eu o melhor mago mas Uther possui aquela energia, do tipo mais-velho-que--Deus, rodopiando à sua volta. Penso que ajudará a esconder-te.

Era uma ideia excelente e simples.

— Ena, Jeremy, eu sabia que havia um motivo para seres tu o patrão!

Ele dirigiu-me um sorriso irónico e depois virou-se para Ringo.

— Da Avenida Sepulveda até ao aeroporto é um tirinho.

— Pelo menos não vamos apanhar a hora de ponta — disse Ringo.

Acomodei-me na parte de trás da carrinha, ao lado de Uther. A carrinha entrou na Sepulveda um pouco rápido demais e Uther agarrou-me antes de eu cair. Os seus enormes braços puxaram-me contra si, embalando-me junto a um peito quase tão grande quanto todo o meu corpo.

Mesmo tendo os meus escudos firmemente a postos, senti-o como algo enorme, quente e vibrante. Eu já conhecera outros seres feéricos que não possuíam qualquer tipo de magia propriamente dita, apenas o mais simples encantamento possível. Contudo, eram tão velhos e haviam estado rodeados por tanta magia real durante as suas vidas que era como se absorvessem o poder através dos poros das suas peles. Nem mesmo os Sidhe seriam capazes de me encontrar encerrada nos braços de Uther. Senti-lo-iam a ele, não a mim. Provavelmente. Inicialmente.

Descontraí encostada ao peito amplo de Uther, à segurança calorosa dos seus braços. Não sei o que ele tinha de tão especial, mas fazia sempre com que me sentisse segura. Não era meramente devido ao seu tamanho físico. Era Uther. No seu interior havia um qualquer centro de serenidade semelhante a uma fogueira, em volta da qual nos podíamos reunir no escuro.

Jeremy girou no banco o máximo que o cinto de segurança permitiu, enrugando o fato, o que queria dizer que o que ele estava prestes a dizer era algo sério.

— Porque protegeste as minhas costas, Merry?

— O quê? — perguntou Uther.

Jeremy enxotou a pergunta.

— Eu tinha um ferimento antigo nas minhas costas provocado por um Sidhe. A Merry lançou-me uma protecção às costas. Eu quero saber porquê!

— És persistente! — disse-lhe.

— Diz-me!

Suspirei, aconchegando os braços de Uther à minha volta como se fossem um cobertor.

— Há a possibilidade de o Sidhe que te feriu evocar um dragão de dentro de ti ou transformar-te, à força, num.

Os olhos de Jeremy arregalaram-se. — Consegues fazer isso?

— Eu não consigo, mas eu não sou uma Sidhe pura. Já vi fazerem coisas parecidas.

— A protecção aguentará?

Quem me dera ter respondido somente que sim, mas seria quase uma mentira.

— Vai aguentar durante algum tempo. Todavia, o Sidhe que te fez isso pode ser suficientemente forte para quebrar a minha magia, ou pode simplesmente continuar a tentar quebrá-la com o seu próprio poder até que a magia protectora se esgote. As probabilidades de o Sidhe que vem nesta caçada ser o mesmo que te feriu são escassas, mas eu não podia permitir que me ajudasses sem tentar proteger as tuas costas.

— Por via das dúvidas — disse ele.

Eu assenti com a cabeça. — Por via das dúvidas.

— Eu era muito novo quando me fizeram isto, Merry. Agora já sou capaz de me defender.

— És um mago poderoso mas não és Sidhe.

— Faz assim tanta diferença? — perguntou.

— Pode fazer.

Jeremy calou-se e voltou a girar no banco para ajudar Ringo a encontrar o caminho mais rápido até ao aeroporto.

Uther disse: — Estás tensa.

Ergui o rosto e sorri para ele. — Isso surpreende-te?

Ele sorriu, com aquela boca tão humana sob o esmalte encaracolado dos colmilhos, sob o nariz quase suíno. Era como se parte do seu rosto fosse uma máscara e por baixo dela havia meramente um homem, um homem grande, mas meramente um homem.

Ele passou os seus dedos grossos pelo meu cabelo ainda molhado.

— Suponho que o efeito das Lágrimas de Branwyn ainda estava activo quando o Jeremy foi lá acima!

De qualquer forma, eu nunca teria tido tempo para tomar um banho, e Uther sabia disso.

— Assim me disse o Jeremy! — Sentei-me para não molhar mais a camisola dele com o meu cabelo.

— Não era minha intenção molhar-te. Esqueci-me. Desculpa!

Suavemente, puxou a minha cabeça novamente de encontro ao seu peito, com uma mão quase tão grande quanto a minha cabeça.

— Não estava a queixar-me, estava somente a constatar um facto.

Acomodei-me, outra vez, contra ele, repousando a minha bochecha no seu braço.

— O Roane saiu assim que chegámos. Ele foi buscar ajuda?

Expliquei-lhe tudo sobre Roane e a sua nova pele.

— Não sabias que podias curá-lo? — perguntou Uther.

— Não.

— Interessante, — disse ele — muito interessante!

Ergui o olhar para lhe ver o rosto.

— Sabes alguma coisa acerca do que aconteceu que eu não saiba?

Ele olhou para baixo, para mim, espantado, com aqueles olhinhos pequenos quase perdidos na sua cara.

— Sei que o Roane é um tolo.

Aquelas palavras fizeram-me olhá-lo fixamente, examinando o seu rosto, tentando ler nos seus olhos o que lhe ia na mente.

— Ele é um roane e eu devolvi-lhe o oceano. É o seu chamamento, o âmago do seu coração.

— Não estás chateada com ele?

Franzi o sobrolho, encolhendo-me estranhamente nos seus braços.

— O Roane é o que é. Não posso culpá-lo por isso. Seria como gritar à chuva por esta ser molhada. Isso não pode mudar.

— Então, não te incomoda de todo?

Voltei a encolher os ombros e os seus braços envolveram-me, embalando-me como se fosse um bebé, de modo a que eu pudesse observá-lo mais confortavelmente.

— Devo admitir que fiquei desiludida, mas não surpreendida.

— Muito compreensiva.

— Tenho mesmo de ser compreensiva, Uther. Eu não posso alterar as coisas. — Roci a bochecha no calor do seu braço e apercebi-me de onde provinha o charme de Uther. Ele era tão grande e eu tão pequena que era como se fosse criança uma vez mais. Era como aquela sensação de nada poder magoar-nos, quando alguém é capaz de nos segurar nos seus braços completamente. O que não fora verdade quando acreditei nisso na minha infância e que, certamente, não seria agora. De qualquer forma, sabia bem. Por vezes é melhor sentir-se um falso conforto do que absolutamente nenhum.

— Raios partam! — exclamou Jeremy, elevando a voz para que também ouvíssemos.

— Há um acidente ali à frente. Ao que parece a Sepulveda está completamente bloqueada. Vamos tentar seguir por estradas paralelas.

Fiz a minha cabeça rebolar para trás contra o braço de Uther para ver Jeremy.

— Deixa-me adivinhar, está toda a gente a tentar sair por aqui.

— Claro — retorquiu — ,acomodem-se que ainda vai demorar um bocado.

Movi a cabeça de modo a voltar a olhar para cima, para Uther.

— Tens ouvido algumas anedotas giras?

Ele sorriu levemente.

— Não, mas as minhas pernas vão ficar dormentes se tiver de as manter assim dobradas por muito mais tempo.

— Desculpa — comecei a sair do seu colo para que ele pudesse ajeitar-se.

— Não precisas mudar de sítio. — Ele colocou um braço por baixo das minhas ancas, manteve o outro braço por trás das minhas costas e pegou-me ao colo. Segurou-me como se fosse um bebé, sem qualquer esforço, enquanto endireitava as pernas para a frente. Colocou-me no seu colo, com um braço por trás das minhas costas e o outro caído por cima das minhas pernas e das dele.

Ri-me.

— Às vezes perguntou-me como seria ser... grande.

— E eu imagino como seria ser pequeno.

— Mas já foste criança. Deves lembrar-te de como foi!

Ele fitou o horizonte. — A minha infância já passou há muito tempo, mas sim, lembro-me. Mas não é a esse tipo de tamanho a que me refiro.

Ao olhar-me do alto vi algo nos seus olhos, algo solitário, carente. Algo que perturbava aquela sua calma que eu tanto apreciava.

— Que se passa, Uther? — perguntei com uma voz suave. O facto de estarmos sozinhos lá atrás, sem ninguém nos bancos do meio, tornava aquele momento muito íntimo.

A sua mão pousou ao de leve na minha coxa e, finalmente, consegui interpretar o seu olhar. Nunca tinha visto aquela expressão no rosto de Uther. Foi então que me lembrei do seu comentário enquanto me preparava para me colocarem a escuta: que esperaria na outra sala porque já há muito tempo que não via uma mulher nua.

A surpresa deve ter ficado bem estampada na minha cara porque ele desviou a sua do meu olhar, imediatamente.

— Desculpa, Merry. Se isto não te agradar de forma alguma, por favor diz-me e eu jamais o mencionarei novamente.

Fiquei sem saber o que responder, mas tentei.

— Não é isso, Uther. Eu estou prestes a enfiar-me num avião e ir sabe-se lá para onde. É possível que nunca mais nos vejamos.

O que, em parte, era verdade. Quer dizer, eu ia fugir da cidade. Não conseguia pensar em nenhuma forma de terminar isto, durante esta viagem tão curta, sem o magoar ou sem lhe mentir. Queria evitar ambas as coisas.

Ele falou sem olhar para mim.

— Eu pensava que eras humana com algum sangue feérico. Nunca sugeriria algo semelhante a uma humana. Contudo, a tua reacção relativamente ao abandono de Roane demonstrou que não pensas como uma humana. Virou-se para mim, de uma forma quase tímida. O seu olhar estava tão claro, tão confiante. Não era por ele achar que eu aceitaria, ele não o sabia, mas estava confiante em como eu não reagiria mal.

Só ontem me apercebera do quão solitário Uther se deveria sentir aqui no litoral. Quantas vezes me tinha aconchegado assim no seu colo, considerando-o uma espécie de irmão mais velho, ou o substituto de um pai? Demasiadas. O que havia sido algo demasiado injusto, e ele sempre se portara como um verdadeiro cavalheiro porque pensava que eu era humana. Agora ele sabia a verdade e tudo mudara. Mesmo que eu dissesse não e ele aceitasse bem a resposta, nunca mais seria capaz de o tratar como anteriormente. Nunca mais seria capaz de me aconchegar nos seus enormes braços na mais pura inocência. Isso acabara. Lamentei-o, mas não havia



forma de o recuperar. Tudo o que eu podia fazer agora era tentar não magoar Uther. O problema era consegui--lo já que nem sequer fazia ideia do que dizer.

Eu pensara durante demasiado tempo. Ele fechou os olhos e retirou a mão da minha coxa.

— Desculpa, Merry!

Eu ergui a mão e toquei-lhe no queixo.

— Não, Uther, sinto-me lisonjeada.

Ele abriu os olhos e olhou para mim, mas a mágoa estava lá, bem explícita. Ele abriu-me o seu coração e eu trespassei-o com um punhal. Que merda, eu estava prestes a entrar num avião e a nunca mais ver estas pessoas. Eu não queria deixá-lo assim. Ele era um bom amigo e não merecia que lhe fizesse isso.

— Eu sou parcialmente humana, Uther. Não conseguirei... — não havia nenhuma forma delicada de o dizer. — Não conseguirei suportar os danos que só um ser feérico de raça pura suportaria.

— Danos?!

Pronto, lá se foi o recato. — És extremamente grande para o meu corpo, Uther. Se fosses... mais pequeno, podia fazer sexo contigo por uma tarde, mas não nos imagino como namorados. Tu és meu amigo.

Ele olhou para mim, pasmado, indagando o meu rosto.

— Eras mesmo capaz de dormir comigo sem sentires repulsa?

— Repulsa?! Uther, estás há demasiado tempo entre os humanos. És um Jack-in-irons e tens exactamente o aspecto que devias ter. Há outros como tu. Não és nenhuma aberração.

Ele abanou a cabeça.

— Estou exilado, Merry. Nunca mais posso voltar para o mundo das Fadas e aqui, entre os humanos, sou uma aberração.

Apertou-se-me o coração ao ouvi-lo dizer aquilo.

— Uther, não permitas que os olhos das outras pessoas façam detetar-te a ti próprio.

— Como é que isso é possível? — perguntou ele.

Pousei uma mão sobre o seu peito, sentindo o batimento forte e certo do seu coração.

— Aqui dentro está o Uther, o meu amigo, e eu adoro-te como amigo.

— Já passei tempo suficiente entre os humanos para perceber o que querem dizer com a conversa do amigo! — respondeu. Voltou a virar-se, o seu corpo tornando-se rígido e desconfortável, como se já não suportasse sentir o meu toque.

Pus-me de joelhos. Podia dizer que o tinha rodeado com as minhas pernas contudo, o melhor que conseguia fazer era colocar um joelho em

cima de cada uma das suas pernas. Toquei-lhe no rosto com as mãos, explorando o declive da sua testa, as suas sobrancelhas grossas. Tive de baixar os meus braços para conseguir percorrer as suas bochechas. Delineei a sua boca com o polegar, roçando as minhas mãos no esmalte suave dos colmilhos.

— És um Jack-in-irons bonito. Os colmilhos duplos são altamente valorizados. E essa curva na ponta... é considerada um sinal de virilidade.

— Como sabes isso? — a sua voz soou suave, um murmúrio.

— Quando eu era adolescente, a rainha escolheu um Jack chamado Yannick para seu amante. Ela disse que, depois de estar com ele, mais nenhum Sidhe seria capaz de a completar como o seu Valete de Copas. No final, quando ele passou a estar fora das boas graças da rainha, ela chamou-lhe o seu Valete dos Tolos. Ele escapou com vida, o que já foi muito melhor comparativamente com todos os outros amantes não-Sidhe da rainha. Normalmente, os humanos acabavam por cometer suicídio.

Uther olhava-me fixamente. Quase nos olhávamos olhos nos olhos, por eu estar de joelhos sobre as suas pernas.

— O que pensaste acerca do Yannick? — perguntou ele, com uma voz cada vez mais baixa, até que tive de inclinar-me para conseguir ouvi-lo.

— Achei-o um tolo! — curvei-me para o beijar e ele desviou-se. Coloquei as mãos em cada uma das suas faces e virei-o de novo para ficarmos cara a cara.

— Mas eu pensava que todos os amantes da rainha eram doidos.

Tive de me sentar no colo de Uther, uma perna para cada lado em volta da sua cintura de forma a obter um melhor ângulo para o beijar. Os colmilhos apresentavam-se como um obstáculo. Porém, se isso lhe apagas-se aquela mágoa do seu olhar, valia bem o esforço.

Beije-o como meu amigo. Beije-o porque não o achava feio. Eu crescera rodeada por criaturas feéricas que faziam com que a aparência de Uther, segundo os padrões humanos, o colocasse na capa da revista GQ. Uma coisa que os Unseelie ensinam é o amor por qualquer forma de ser feérico. Em todos nós há beleza. Feio é uma palavra que pura e simplesmente não se usa na corte Unseelie. Na corte Seelie eu era considerada feia: não era alta o suficiente, não era suficientemente esbelta e o meu cabelo tinha a tonalidade vermelho-tipo-sangue da corte Unseelie e não o tom vermelho mais humano da corte Seelie. Na corte Unseelie também não tivera muitos namorados. Não por não me acharem atraente, mas por ser mortal. Acho que uma Sidhe mortal os assustava. Eles reagem a isso como se fosse uma doença contagiosa. Apenas Griffin fora capaz de tentar. De qualquer forma, no final eu também não fora suficientemente Sidhe para ele.

Eu sabia o que era ser o intruso para toda a eternidade, a aberração. Canalizei tudo isso para aquele beijo, fechando os meus olhos e enconchan-

do as minhas mãos em torno do seu queixo. Beije-o tão intensamente que pude sentir o modo como os ossos do seu maxilar superior alargavam antes de se enrolarem para cima.

Uther beijava como falava: cuidadosamente, cada movimento como cada sílaba, tudo muito bem pensado. As suas mãos massajaram-me a parte inferior das costas e consegui sentir a força extraordinária nelas contida, a potência do seu corpo capaz de me partir como se fosse uma qualquer boneca frágil. Somente uma confiança muito sólida levaria alguém até à sua cama e transmitiria alguma esperança de sair de lá ilesa. Mas eu confiava em Uther e queria que ele voltasse a acreditar nele próprio.

— Detesto ter de interromper — disse Jeremy —, mas há mais um acidente lá à frente. Há acidentes em todas as estradas paralelas que experimentámos.

Afastei-me do beijo.

— O que disseste?

— Já demos com dois acidentes em duas estradas paralelas — respondeu Jeremy.

— Não é possível haver tantas coincidências — disse Uther. Ele beijou-me suavemente na bochecha e deixou-me deslizar para fora do seu abraço para me sentar ao seu lado, permanecendo sob a sombra da sua energia. O olhar de mágoa desaparecera dos seus olhos, tendo sido substituído por algo mais sólido, mais seguro de si próprio. Valera a pena beijá-lo.

— Eles sabem que eu estive no apartamento de Roane, mas não sabem onde estou agora. Estão a tentar eliminar todas as hipóteses de fuga.

Jeremy acenou afirmativamente.

— Porque não os sentiste?

— Ela tem estado demasiado ocupada! — exclamou Ringo.

— Não — retorqui —, assim como a aura do Uther os impede de me localizarem, também me impede a mim de os detectar.

— Se te afastares dele serás capaz de os sentir — disse Jeremy.

— E eles a mim! — respondi.

— Que queres que eu faça? — perguntou Ringo.

— Ao que parece estamos presos no trânsito. Acho que não há nada que possas fazer. — disse eu.

— Eles bloquearam todas as estradas — disse Jeremy. — Agora vão começar a procurar nos carros. É possível que venham a descobrir-nos. Precisamos de um plano.

— Se o Uther se levantar comigo, posso tentar ver se os meus olhos detectam alguma coisa que o resto de mim não consegue detectar.

— Com todo o prazer — disse Uther, e sorriu.

Ambos sorriamos enquanto eu gatinhava para a segunda fileira de

bancos. Uther pairava sobre mim desde a parte de trás dos bancos, com uma mão pousada no meu ombro. Havia carros estacionados num lado da estrada e duas faixas de carros em fila sob a luz da rua. O motivo pelo qual não podíamos avançar era um amontoado de três carros na zona dos semáforos. Um carro estava virado ao contrário no pavimento. Um segundo carro colidira contra esse e um terceiro contra os outros dois. Os três carros formavam, assim, um monte de metal retorcido e vidros partidos. Conseguia imaginar o porquê da colisão do segundo e terceiro carros. O que não conseguia entender era como o primeiro se tinha virado ao contrário no meio da estrada! Nenhum dos cenários que eu imaginava terminava com o carro a capotar exactamente no centro da estrada. Deu um piparote extraordinário de forma a criar a maior barreira possível na estrada. Eu apostava em como tinha sido alguém ou algumas coisas a capotar o carro e a fazer com que os outros dois batessem contra ele. Havia originado um dique de máquinas e pessoas feridas. Enquanto pudessem esconder-se através de disfarces mágicos e, conseqüentemente, não ser possível acusá-los de nada, estavam-se nas tintas para pessoas eventualmente feridas. A minha família... que ódio que lhes tenho, por vezes!

Havia pessoas a juntar-se nos passeios, pessoas a sair dos carros, de pé junto às portas abertas. Dois carros da polícia estavam estacionados no meio do cruzamento, a parar o trânsito que continuava a tentar passar na rua perpendicular. As luzes dos carros da Polícia penetravam a noite com salpicos de luzes coloridas, competindo com os semáforos e as montras iluminadas dos estabelecimentos comerciais, situados em ambos os lados da rua. Ouvei o pranto de uma ambulância que se aproximava, provavelmente era o motivo pelo qual a Polícia tentava desimpedir a estrada.

Examinei a multidão com o olhar mas não havia nada de invulgar à vista. Projectei-me com o outro sentido. A energia que Uther derramava sobre mim limitar-me-ia, mas não me deixaria de mãos completamente atadas. Podia ser que conseguisse detectá-los ainda antes de me revelar.

O ar oscilou dois carros à nossa frente como uma onda de calor. Contudo, não era calor e nem se podiam ver tais efeitos depois do escurecer. Algo enorme movia-se entre os carros, algo que não queria ser visto. Projectei-me um pouco mais para a frente e deparei-me com mais três ondas.

— Há três vultos lá fora a moverem-se, todos maiores que um humano. O que está mais perto de nós está a dois carros de distância.

— Consegues ver as suas formas? — perguntou Jeremy.

— Não, só ondas de ar.

— Ser-se capaz de manter o disfarce mágico enquanto se vira carros é algo que a maioria dos Sidhe não é capaz de fazer — disse Jeremy.

Pelos vistos, nenhum de nós acreditava que o primeiro carro tinha capotado sozinho.

— A maioria dos Sidhe não conseguiria mesmo fazê-lo. Todavia, há alguns que são capazes de o fazer.

— Então, há quatro seres maiores que um humano e pelo menos um Sidhe aqui perto? — indagou Uther.

— Sim.

— Qual é o plano? — perguntou Ringo.

Essa era, de facto, uma boa pergunta. Infelizmente, eu não tinha nenhuma boa resposta.

— Há quatro polícias no cruzamento. Será que eles nos servirão de ajuda ou apresentar-se-ão apenas como obstáculos?

— Se conseguíssemos quebrar os seus disfarces, torná-los visíveis, sem que eles se apercebessem disso imediatamente... — disse Jeremy.

— Se a Polícia os visse, plenamente, a fazer algo nocivo... — disse eu.

— Minha querida Merry, acho que entendeste bem o meu plano.

Ringo olhou para trás, para mim.

— Não percebo muito de magia Sidhe mas, se a Merry não é de raça pura, será que ela tem poder suficiente para lhes quebrar os disfarces?

Todos olharam para mim.

— Então? — perguntou Jeremy.

— Não temos de quebrar o feitiço, basta sobrecarregá-lo — respondi.

— Somos todos ouvidos. — disse Jeremy.

— O primeiro carro foi virado do avesso, mas os outros só colidiram com o outro. Eles andam a espreitar para dentro dos carros à minha procura, sem tocar em ninguém. Os Sidhe não serão capazes de os manter invisíveis, se sairmos e os enfrentarmos.

— Pensei que tudo o que queríamos era evitar um confronto directo, se possível! — exclamou Ringo.

A onda de calor estava quase aqui.

— Se alguém tiver uma ideia melhor, tem menos de sessenta segundos para a partilhar. Estamos prestes a ser revistados.

— Esconde-te! — disse Uther.

— O quê?

— A Merry esconde-se — respondeu.

Era uma boa ideia. Deslizei para trás da segunda fileira de bancos e Uther afastou-se da parede o suficiente para eu me enroscar por trás dele. Não acreditei que resultasse, mas sempre era melhor que nada. Poderíamos lutar mais tarde, caso me encontrassem, mas se conseguisse esconder-me... Encolhi-me contra a parede de metal frio e o calor das costas de Uther e tentei não pensar muito. Quando se está nervoso, é mais fácil que um Sidhe

nos oiça a pensar. Eu estava completamente fora de vista. Mesmo que abrissem a porta grande de correr, que certamente não arriscariam fazer, não me veriam. No entanto, não era bem os olhos deles que me preocupavam. Há vários tipos de seres feéricos e nem todos confiam na visão como os humanos. E nem sequer estava a pensar no Sidhe que os ocultava com o feitiço! Se o nosso carro fosse o único com passageiros feéricos, os próprios Sidhe não se iriam embora sem antes o verificarem. Ele, ou ela, tinha de ver com os seus próprios olhos.

Queria mesmo muito observar aquela ondulação no ar a espreitar em todas as janelas. Contudo, fazer isso seria o mesmo que sabotar o propósito de me esconder. Por isso, agachei-me por trás de Uther e tentei manter-me absolutamente quieta. Ouvi e senti algo roçar na parede de metal por trás de mim. Alguma coisa muito grande estava encostada ao metal. Foi então que o ouvi, um farejo extremamente ruidoso, como se se tratasse de um cão de caça gigante.

Só tive um segundo para pensar.

— Eles sentem o meu cheiro... — depois, algo irrompeu através do metal a escassos centímetros de mim. Gritei e, ainda antes de poder registar mentalmente a imagem do punho tão grande quanto a minha cabeça, cravado na parte lateral da carrinha, arrastei-me de trás de Uther.

O barulho de vidro a partir fez-me rodopiar. Um braço tão grande quanto o tronco de uma árvore e um peito mais largo que a janela do carro estavam pressionados contra a janela do lado do condutor. Ringo tentou espancar o braço mas este agarrou-o pela camisola e tentou puxá-lo através da janela partida.

Eu tinha a arma na mão mas não conseguia ter ângulo para um tiro certo. Jeremy moveu-se ao longo dos bancos e vislumbrei o brilho de uma espada na sua mão. Ouviu--se o som estridente de metal à medida que uns punhos gigantes rasgavam a parte lateral da carrinha, até que uma cara enorme espreitou de esguelha pelo buraco. Olhou directamente para mim, com aqueles olhos amarelos, através de Uther, como se ele nem sequer ali estivesse.

— Princesa — sibilou o ogre —, tenho andado à sua procura.

Uther esmurrou violentamente aquela cara gigantesca. O nariz do ogre borrifou tudo com sangue e a cara caiu para lá do buraco. Ouviam-se gritos vindos do exterior da carrinha, gritos humanos. O disfarce mágico fora quebrado devido à violência. Os ogres haviam aparecido em frente dos humanos como que por magia. Ouvi a voz de um homem gritar: — Polícia, pare imediatamente!

A polícia vinha aí. Viva! Coloquei a arma de volta no cós das minhas calças. Não queria ter de explicar porque a tinha.

Virei-me para o banco da frente. Ringo permanecia no banco do condutor. Jeremy estava debruçado sobre ele e tinha as mãos cobertas de sangue. Movi-me através dos bancos do meio até os alcançar. Ia perguntar se Ringo estava ferido mas, assim que vi o seu peito, já não precisei de o fazer. A camisola dele estava encharcada em sangue, um pedaço de vidro do tamanho da minha mão saía de dentro do seu peito.

— Ringo! — pronunciei o seu nome suavemente.

— Desculpa — sussurrou —, já não vou ser grande ajuda para ti!

Ele tossiu e pude ver o quanto doía.

Toquei-lhe no rosto.

— Não fales.

Conseguia ouvir os polícias a falar com os ogres, dizendo coisas do género: «Mãos ao alto! De joelhos! Não te atrevas a mexer!» Depois ouvi a voz de outro homem, uma voz masculina suave, apenas com um pouco de pronúncia. Eu conhecia aquela voz.

Arrastei-me até à grande porta de correr, enquanto Jeremy continuava a gritar:

— O quê? O que é?

— Sholto — respondi.

O seu rosto permaneceu confuso. O nome não lhe dizia nada. Tentei de novo.

— Sholto, Senhor-de-Tudo-o-que-Passa-pelo-Meio, Senhor das Sombras, rei dos Sluagh.

Só o último título fez com que os seus olhos se arregalassem e o seu rosto se desfigurasse com o medo.

— Ai, meu Deus! — exclamou ele.

Uther perguntou: — O Soldado das Sombras está aqui?

Olhei-o fixamente.

— Nunca lhe chames isso na cara! — conseguia ouvir as vozes, na perfeição, através da janela partida. Senti como se me movesse em câmara lenta. Ou a porta não queria abrir-se ou eu me tornara, subitamente, desastada devido ao medo.

Aquela voz dizia: — Muito obrigado, senhores agentes.

— Aguardaremos pelo transporte para os ogres — disse o polícia.

A porta, finalmente, abriu e tive um momento de pausa para ver tudo. Três dos ogres estavam de joelhos no passeio com as mãos algemadas sobre as cabeças. Dois polícias tinham as armas em punho. Um dos agentes estava no passeio em frente aos ogres; o outro estava isolado deles pela fila de carros estacionados. Um vulto alto, dentro dos padrões de altura dos humanos, estava de pé entre os carros e esse polícia. O vulto vestia um casaco impermeável cinzento, de pele, com o cabelo branco caído sobre as

costas. A última vez que vira Sholto, ele tinha uma capa cinzenta vestida. O efeito, todavia, foi surpreendentemente semelhante quando este se virou na minha direcção, como se tivesse sentido a minha presença. Mesmo estando a alguns metros de distância e na escuridão pausadamente beijada pela luz eléctrica, conseguia perceber que os seus olhos possuíam três tons de ouro: ouro metálico em volta da pupila, seguido de âmbar e, por fim, um círculo da cor das folhas outonais amareladas. Apesar de ter medo de Sholto, de sempre ter tido, quando vi aqueles olhos apercebi-me das saudades que tinha de casa, de outros Sidhe porque, por um segundo, fiquei contente por ver outra pessoa com uma Tripla Íris<sup>9</sup>. Depois, o olhar daqueles olhos tão familiares provocou-me um calafrio por todo o pescoço e o anterior momento de conexão desapareceu.

Voltou-se outra vez para a polícia, sorridente.

— Eu presto assistência à princesa — começou a andar em direcção à carrinha e eles nada fizeram para o impedir. À medida que ele estava cada vez mais próximo, apercebi-me do motivo pelo qual não o detiveram. Ele trazia o emblema da rainha, um crachá usado pela Guarda desta, pendurado ao pescoço. É, espantosamente, semelhante com um crachá da Polícia, e havia sido bastante divulgado que o uso do emblema sem este ser merecido acarretaria uma maldição.

Não ouvira o que ele lhes dissera, mas podia imaginar. Ele tinha sido enviado para impedir o ataque à minha pessoa. Levar-me-ia sã e salva para casa. Tudo tão sensato.

Sholto dirigiu-se na minha direcção num passo largo e gracioso. Ele era bonito, quer dizer, não possuía a beleza estonteante de alguns Sidhe, de qualquer forma era atraente. Eu sabia que os humanos o seguiam com o olhar, era algo mais forte que eles. O impermeável foi soprado para trás e não se vislumbrava o mais insignificante volume no seu centro. Sholto tinha o cabelo, os olhos, a pele, o rosto, os ombros, tudo... contudo, dos mamilos para baixo, e até desaparecer sob as calças, não tinha nada mais que um ninho de tentáculos, coisas com bocas. A sua mãe fora Sidhe, o seu pai não.

Algo tocou o meu ombro e eu estremei, gritando. Era Jeremy.

— Fecha a porta, Uther!

Uther fez deslizar a porta, fechando-a quase na cara de Sholto. Depois encostou-se a ela para que não fosse facilmente aberta a partir do exterior, não sem algum esforço.

— Foge! — ordenou Uther.

— Foge! — ordenou Jeremy.

---

<sup>9</sup> Os olhos com três cores eram sinal de se possuir puro sangue Sidhe. (N. da T.)



Eu entendi. Os Sluagh caçavam uma presa de cada vez, quando não estavam em guerra, e eu era uma. Sholto não os magoaria se eu não estivesse aqui. Enfiei-me pelo buraco do lado, aberto pelos ogres, conseguindo atravessá-lo, qual lagarta, sem me cortar. Ainda ouvi Sholto a bater na porta grande — ai, com tanta delicadeza!

— Princesa Meredith, vim para a levar para casa.

Baixei-me bem rente ao chão e usei os carros estacionados para me esconder enquanto me dirigia até ao passeio e ao amontoado de pessoas que se haviam juntado para observar todo aquele aparato. Apliquei outra camada de disfarce sobre mim: o cabelo com um tom de castanho indescritível, a pele mais escura, bronzeada. Fui alterando o meu aspecto aos poucos, à medida que me movia entre a multidão, para que ninguém me detectasse e chamasse as atenções para mim. Na altura em que, finalmente, consegui sair do outro lado da multidão e comecei a descer a rua paralela, a única coisa que se mantinha igual eram as roupas. Despi o blaser, saquei da arma e enrolei o casaco em volta da mão e do braço. Sholto vira uma mulher ruiva de pele pálida com um casaco azul-marinho. Agora eu era uma mulher morena, com pele bronzeada e uma camisa verde. Caminhei calmamente pela rua abaixo, apesar de sentir uma comichão entre as minhas omoplatas como se ele estivesse a olhar fixamente na minha direcção através de um buraco em mim.

Tinha uma vontade imensa de olhar para trás, mas obriguei-me a continuar a andar. Consegui virar a esquina sem que ninguém gritasse: «Ali vai ela!» Porém, antes de contornar a esquina parei por um segundo. Minha Deusa, queria tanto olhar para trás. Lutei contra aquele ímpeto e virei a esquina do edifício. Quando já estava, seguramente, fora de vista expirei sem saber que tinha estado todo este tempo a sustentar a respiração. Não estava fora de perigo, não com Sholto nestas paragens, mas já era um começo.

Ouviu-se um ruído vindo de cima. Um ruído alto e agudo, quase demasiado alto para se conseguir ouvir, mas perfurou os sons da cidade como uma seta que trespassa um coração. Perscrutei o céu nocturno mas este estava limpo, à excepção do rasto distante de um avião a brilhar, contrastando com a escuridão. O ruído voltou a surgir tão alto que se tornava quase doloroso, parecido com o barulho dos morcegos. Não havia nada no céu.

Comecei a andar de costas, devagar, sem parar de perscrutar o céu, quando um movimento chamou a minha atenção. Segui aquele meneio até ao topo do edifício mais próximo. Vi uma linha de vultos pretos que se encolhiam na beira do prédio. Pareciam uma linha de capotas pretas do tamanho de homens pequenos. Uma das capotas abanou-se como um pássaro que ajeita as suas penas. O negrume ergueu a cabeça expondo uma cara pálida e achatada. A boca, semelhante a uma fenda, abriu e emitiu aquele grito extremamente alto.

Eles conseguiam voar mais depressa do que eu corria. Eu sabia disso. De qualquer forma, virei-me e corri. Ouvi-os abrir as asas com um som agudo, como lençóis lavados e grossos agitados ao vento. Corri. Os seus gritos lancinantes perseguiram-me pela noite. Corri mais depressa.